

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**DISCURSO EM MANIFESTAÇÕES:  
ARGENTINA, BRASIL E ESPANHA**

Andrea Galvão de Carvalho

Rio de Janeiro  
2018

**DISCURSO EM MANIFESTAÇÕES:  
ARGENTINA, BRASIL E ESPANHA**

Andrea Galvão de Carvalho

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Doutora Tania Conceição Clemente de Souza

Rio de Janeiro  
2018

# **Discurso em manifestações: Argentina, Brasil e Espanha**

Andrea Galvão de Carvalho

Orientadora: Professora Doutora Tania Conceição Clemente de Souza

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Tania Conceição Clemente de Souza

---

Profa. Doutora Rosane da Conceição Pereira – FAETEC – ETEAB; UNIVERSO

---

Prof. Doutor Evandro de Sousa Bonfim – USP

---

Profa. Doutora Angela Córrea Ferreira Baalbaki – UERJ

---

Prof. Doutor Antonio Francisco de Andrade Júnior – UFRJ

Rio de Janeiro

2018

## AGRADECIMENTOS

“Gracias a la vida que me ha dado tanto.”

À minha tia Celeste por ver sempre o melhor em mim e estar sempre ao meu lado.

Ao meu tio Emílio, que me sempre me incentivou e apoiou nesse caminhar acadêmico.

Sem você eu não seria Doutora!

Ao Thiago pelo amor, pelo carinho, pela ajuda e por entender quando eu não podia sair ou viajar.

À minha orientadora Tania Clemente de Souza por aceitar ser minha orientadora mesmo sem me conhecer direito. Muito obrigada pela parceria e por me receber tão bem!

À minha banca de qualificação pelas dicas preciosas. Muito obrigada, prof. Antonio Francisco de Andrade Junior e Wedencley Alves Santana.

À minha banca de defesa da tese por aceitar, tão solícitamente, o nosso convite. Muito obrigada aos professores Rosane da Conceição Pereira, Evandro de Sousa Bonfim, Angela Corrêa Ferreira Baalbaki e Antonio Francisco de Andrade Junior!

À minha orientadora de mestrado Cristina Vergnano-Junger pela amizade e torcida de sempre!

À minha mãe Celina e aos meus irmãos lindos Sávio, Raphael e Gustavo por todo carinho e apoio!

À querida amiga Rita de Cassia pelo companheirismo nesse caminhar.

À amiga querida Andréa Ramos, por levar para o mestrado e ter sempre uma palavra de incentivo.

À CAPES pela bolsa que me deu tranquilidade para fazer esta pesquisa.

“Sociedades, sujeitos, sentidos estão sempre incompletos, em movimento e em processo de constituição. As línguas seguem o mesmo princípio”. (ORLANDI, 2012c:17)



Fonte: [<https://txapibernal.wordpress.com/2012/04/07/cronica-de-la-spanishrevolution-y-del-movimiento-15m/>]  
**Cartaz no acampamento na Puerta del Sol, Madri, Espanha, 2011.**

## **Resumo**

Esta tese visa estabelecer e analisar os mecanismos de funcionamento da linguagem verbal e não verbal nas manifestações sociais de rua no Brasil, na Argentina e na Espanha no período de abril a agosto de 2013 visando identificar as práticas discursivas utilizadas pelo sujeito-manifestante no ato do protesto. Nosso objetivo principal é, entendendo os protestos como práticas discursivas, definir como os indivíduos se constituem como sujeitos-manifestantes. No que se refere ao aporte teórico, a pesquisa tem como base a escola francesa de Análise do Discurso (AD), a partir de nos trabalhos de autores como Pêcheux, Courtine, Orlandi, além do conceito de carnavalização proposto por Bakhtin. Para a análise do não verbal, temos como fundamentação os estudos de Souza e Davallon.

**Palavras-chave:** protesto, cartazes, máscaras, não verbal, análise do discurso.

## **Resumen**

Esta tesis busca establecer y analizar los mecanismos de funcionamiento del lenguaje verbal y no verbal en las protestas sociales de calle en Brasil, Argentina y España en el período de abril a agosto de 2013 para identificar las prácticas discursivas utilizadas por el sujeto-manifestante en el acto de la protesta. Nuestro objetivo principal es, trabajando las manifestaciones como prácticas discursivas, definir como los individuos se constituyen como sujetos-manifestantes. Cuanto al aporte teórico, la investigación tiene como pilar la escuela francesa de Análisis del Discurso (AD), con base en los trabajos de autores como Pêcheux, Courtine, Orlandi, además del concepto de carnavalización propuesto por Bakhtin. Para el análisis del no verbal, tenemos como fundamentación los estudios de Souza y Davallon.

**Palabras clave:** protesta, pancartas, máscaras, no verbal, análisis del discurso.

## Lista de imagens

Imagem 1.....	35
Imagem 2.....	36
Imagem 3.....	37
Imagem 4.....	38
Imagem 5.....	42
Imagem 6.....	48
Imagem 7.....	50
Imagem 8.....	51
Imagem 9.....	52
Imagem 10.....	54
Imagem 11.....	54
Imagem 12.....	55
Imagem 13.....	56
Imagem 14.....	56
Imagem 15.....	57
Imagem 16.....	57
Imagem 17.....	59
Imagem 18.....	60
Imagem 19.....	60
Imagem 20.....	63
Imagem 21.....	64
Imagem 22.....	65
Imagem 23.....	76
Imagem 24.....	76
Imagem 25.....	77
Imagem 26.....	79
Imagem 27.....	80
Imagem 28.....	82
Imagem 29.....	83
Imagem 30.....	85
Imagem 31.....	87
Imagem 32.....	89
Imagem 33.....	90
Imagem 34.....	90
Imagem 35.....	92
Imagem 36.....	93
Imagem 37.....	95
Imagem 38.....	96
Imagem 39.....	98
Imagem 40.....	99
Imagem 41.....	101
Imagem 42.....	102
Imagem 43.....	102
Imagem 44.....	104
Imagem 45.....	106
Imagem 46.....	108
Imagem 47.....	109
Imagem 48.....	110

Imagem 49.....	113
Imagem 50.....	115
Imagem 51.....	116
Imagem 52.....	116
Imagem 53.....	118
Imagem 54.....	119
Imagem 55.....	121
Imagem 56.....	123
Imagem 57.....	124
Imagem 58.....	124
Imagem 59.....	125
Imagem 60.....	126
Imagem 61.....	127
Imagem 62.....	128
Imagem 63.....	128
Imagem 64.....	130
Imagem 65.....	131
Imagem 66.....	132

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 Contextualizando a Análise de Discurso.....	15
1.2 O objeto da Análise do Discurso.....	17
1.2.1 Sujeito, ideologia e formação discursiva.....	18
1.2.2 Mecanismos de funcionamento do discurso.....	21
1.2.3 Imagem, interpretação e memória.....	23
1.2.4 Imagem e acontecimento.....	27
1.3 Relação espaço, cidade e manifestação.....	28
1.4 A máscara.....	33
1.5 Carnavalização Bakhtiniana.....	39
<b>2. OBJETO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>44</b>
2.1 Antecedentes de 2013.....	45
2.2 Manifestações na Argentina em 2013.....	53
2.3 Manifestações no Brasil em 2013.....	58
2.4 Manifestações na Espanha em 2013.....	62
<b>3 OS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....</b>	<b>67</b>
<b>4 NO PERCURSO DA ANÁLISE.....</b>	<b>74</b>
4.1 Carnavalização.....	75
4.1.1 Carnavalização e máscaras.....	75
4.1.2 Carnavalização e máscara.....	75
4.1.3 Carnavalização e crítica ao poder estabelecido.....	82
4.1.4 Carnavalização e a hora de mudar.....	88
4.1.5 Carnavalização e a ambivalência do riso.....	91
4.1.6 A paródia.....	97
4.1.7 Carnavalização e insultos.....	103
4.1.8 Carnavalização, fantasias e alegorias .....	111
4.2 Manifestações e símbolos cívicos.....	121
4.3 Manifestações extra-muros.....	128
CONCLUSÃO.....	134
REFERÊNCIAS.....	137

## INTRODUÇÃO

2013. O primeiro semestre do ano mostra um período tenso quando das manifestações sociais<sup>1</sup> pelo mundo. Múltiplos foram os objetivos que fizeram o cidadão sair às ruas para protestar. Na Argentina, as mobilizações contra a presidente Cristina Kirchner, que haviam começado no ano anterior, se intensificaram com a aproximação das eleições primárias, nas quais os argentinos elegem os representantes que participarão das eleições legislativas do país. A Espanha, por sua vez, ao ver o Presidente do Governo, Mariano Rajoy Brey, ser acusado de corrupção, saiu às ruas para pedir a sua renúncia. No Brasil, no mês de junho, ocorreram as maiores mobilizações no país desde as manifestações pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello em 1992. O brasileiro voltou às ruas de todo o país protestando inicialmente contra o reajuste das passagens de ônibus e, após a revogação do aumento das tarifas, o que se viu foi um movimento com pautas variadas que exigia desde melhorias em setores como a saúde, a educação até o fim da corrupção.

Neste contexto, nossa tese se propõe a estabelecer e analisar os mecanismos de funcionamento da linguagem verbal e não verbal nas manifestações sociais de rua no Brasil, na Argentina e na Espanha no período de abril a agosto de 2013 visando identificar as práticas discursivas utilizadas pelo sujeito-manifestante no ato do protesto. Nosso objetivo principal é entender as manifestações como práticas discursivas e explicitar como os indivíduos se constituem como sujeitos-manifestantes. Quais são as formas com que se expressam? Como ocupam sua posição discursiva nos inúmeros e diversificados enunciados – verbais e não verbais – propagados nas ruas? Que efeitos de sentido são então instituídos?

No caminho teórico, trabalhamos com a escola francesa de Análise do Discurso (AD), com base nos trabalhos de autores como Pêcheux, Courtine, Orlandi, além de explorarmos em Bakhtin, o conceito de carnavalização. No que refere ao estudo da imagem, temos como fundamentação os estudos de Souza, Davallon e Courtine.

---

<sup>1</sup> Neste estudo utilizaremos como sinônimos os termos manifestações sociais, protestos e passeatas para denominar ação de um coletivo de pessoas que sai às ruas em passeata com cartazes e gritando palavras de ordem com o objetivo de reclamar, apoiar e/ou reivindicar seja no âmbito político, econômico ou social.

Esclarecemos que, no nosso percurso teórico-metodológico, temos a AD como principal aporte teórico em consonância com o conceito de Carnavalização de Bakhtin, também basilar para a nossa investigação. Entretanto, enfatizamos que não é parte da premissa da presente tese trabalhar com outras concepções fundamentais da obra do autor russo como, por exemplo, a questão dos gêneros discursivos.

Como objetivos específicos deste estudo apresentamos três pontos básicos, que se desmembram em outros no decorrer da investigação: a) pensar o espaço do riso nas manifestações sociais; b) discutir a carnavalização (BAKHTIN, 2013) das manifestações sociais; c) examinar o alcance significativo do não verbal nos cartazes e nas manifestações de maneira geral (uso de bandeiras e demais acessórios).

Para alcançar nossos propósitos de pesquisa trabalhamos com um *corpus* formado por imagens das manifestações coletadas em *sites* de busca, de jornais e revistas *on line* e também em versões impressas de periódicos, livros e revistas. Nosso recorte temporal abarca o período de abril a agosto de 2013, e destacamos, para a seleção do arquivo, manifestações que tivessem em comum três características: i) organização horizontal através de coletivos, sem a participação de partidos políticos ou sindicatos<sup>2</sup>; ii) fossem protestos de crítica a representantes políticos; iii) manifestações organizadas com o uso da internet/redes sociais, mas que foram às ruas exigir suas reivindicações. A partir dessas premissas foram selecionadas duas manifestações na Espanha (ocorridas em abril e julho), duas na Argentina (realizadas em abril e agosto<sup>3</sup>) e o conjunto de mobilizações ocorridas no mês de junho no Brasil. A opção pelo período do mês de junho no Brasil foi decorrente de serem protestos fragmentados de uma mesma mobilização inicial segundo nosso entendimento.

As imagens que formam nosso *corpus* de análise são fotografias profissionais e amadoras presentes tanto na mídia oficial como em redes sociais dos manifestantes, todavia não é parte do nosso estudo uma reflexão acerca do fotojornalismo e/ou da fotografia amadora em redes sociais. Nosso objetivo é analisar a imagem explicitada através da foto e não a fotografia como artefato discurso.

---

<sup>2</sup> Ao definir uma manifestação como organizada sem a participação formal de políticos e sindicatos, não estamos, de maneira nenhuma, caracterizando-a como apartidária.

<sup>3</sup> Ressaltamos que dois cartazes analisados no capítulo 4, foram extraídos da manifestação realizada no dia 8 de novembro de 2012 na Argentina. Entendemos que a ruptura do recorte temporal proposto para a pesquisa não prejudicou as análises realizadas, em virtude da manifestação do dia 8 de novembro ter sido convocada pelos mesmos coletivos das manifestações de 2013, além de apresentar os pressupostos estabelecidos para a seleção dos protestos.

A revisão bibliográfica precedente a esta tese não identificou estudos acerca de manifestações na Espanha e na Argentina com foco na análise do discurso verbal e não verbal de manifestantes em protestos realizados em 2013. As pesquisas encontradas abordam os aspectos sociais e políticos que motivaram tais manifestações como bem explicita o artigo “Espanña: crisis y recortes” (MATEOS & PENADES, 2013).

No contexto das manifestações de junho no Brasil, a revisão da literatura nos permitiu perceber estudos também mais voltados para a área de Sociologia. Inúmeros foram os trabalhos encontrados buscando explicar e entender as manifestações em série ocorridas em 2013 no país. A presença das máscaras e o uso das novas tecnologias da informação, com destaque para as redes sociais, como ferramenta de divulgação e organização dos manifestos foi tema de incontáveis artigos e pesquisas.

Na área da AD, entre os escassos estudos, pontuamos dois artigos “Marchas urbanas: das redes sociais ao acontecimento” (NUNES, 2013) e “Vem pra rua: sentidos em deslizamento na cena política brasileira” (FLORES; NECKEL & GALLO, 2015). No primeiro, Nunes analisa a escrita nas redes sociais e no acontecimento de três marchas (da Maconha, da Liberdade e das Vadias), em um recorte que abrange textos presentes em *sites* ligados às marchas e os expostos no espaço público no momento dos atos em si. No segundo, as autoras buscam compreender o movimento do político da/na linguagem com base na análise de enunciados de cartazes e imagens de mídia presentes na *internet* nos protestos brasileiros de junho de 2013.

Nenhum dos trabalhos encontrados aborda o verbal e o não verbal nos discursos de manifestantes com base na AD em um estudo que abarca três países como o proposto na presente tese<sup>4</sup>. Assim, além do ineditismo desta investigação, ressaltamos a contemporaneidade do tema, ao abordar manifestações recentes em três países e que ainda apresentam desdobramentos na atualidade.

O percurso traçado para o desenvolvimento deste estudo consta de quatro capítulos. No primeiro, são identificados os pressupostos teóricos e metodológicos destacando os aspectos da Análise do Discurso mais relevantes para a investigação proposta. Também se discute o conceito de carnavalização de Bakhtin (2013), além da relação espaço-manifestação.

---

<sup>4</sup> Ainda que nosso objetivo não seja um estudo comparativo entre o discurso nas manifestações nos três países, entendemos que o leitor possa e deva fazê-lo no decorrer das discussões apresentadas neste documento.

No segundo capítulo, são apresentadas condições de produção das manifestações selecionadas para a formação do arquivo e definidos seus antecedentes sócio-históricos.

O trajeto de constituição do arquivo e do *corpus* da pesquisa está explicitado no terceiro capítulo, prelúdio para as análises desenvolvidas no capítulo seguinte. Para a análise foram selecionadas trinta e duas máscaras, organizadas segundo alguns aspectos teóricos e gestos linguageiros significativos nas condições de produção específicas. Os gestos analisados compreendem a linguagem verbal e não verbal que compõe o discurso do sujeito-manifestante nas mobilizações.

A conclusão pontua as discussões realizadas no decorrer do trabalho destacando aspectos mais relevantes para reflexão.

# 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Partindo do pressuposto de que teoria e método se constituem num movimento mútuo, relacionamos os princípios teóricos que dão corpo ao arcabouço da Análise do Discurso, buscando, em seguida, explicitar como tais princípios se constituem em procedimentos de análise.

## 1.1 Contextualizando a Análise de Discurso

A análise do discurso abrange distintas abordagens que possuem como pontos comuns o fato de que a significação do signo é dada pelo contexto e que o uso da linguagem vai além do signo e da frase (ANGERMULLER, 2016).

Na França, a Análise do Discurso (doravante AD) surge, no final dos anos 60 do século XX, visando combater o excessivo formalismo linguístico vigente em decorrência do Estruturalismo<sup>5</sup>. Nasce, então, como uma disciplina híbrida baseada epistemologicamente na Linguística, no Marxismo e na Psicanálise (Lacan). A partir desse tripé, entende-se o sujeito como clivado e assujeitado, dado que é afetado pelo equívoco da linguagem, pela contradição da ideologia e pelo seu inconsciente (FERREIRA, 2011). A AD propõe a ressignificação dos conceitos de ideologia e inconsciente, que são pensados “como materialmente ligadas, pela língua. Ou seja, beneficia-se da Linguística, do Materialismo e da Psicanálise sem se colocar como herdeira servil nem do Marxismo, nem da Psicanálise, nem da Linguística”. (ORLANDI, 1999: 19)

Souza (2016) destaca o fato de a AD, diferentemente de outras disciplinas no campo da Linguística, ter se apoiado sobre o político no contexto da sua fundamentação.

Ela nasce na crença em uma visão de intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica, que permitiria um modelo de leitura cuja objetividade seria insuspeitável. Que aí haja ilusão, a de encontrar “o que o texto disse verdadeiramente” (ou “quis verdadeiramente dizer”) só mais tarde é que em favor de um vasto movimento de reflexão crítica sobre os seus fundamentos, a suspeita virá à tona. (GADET, 2010:9)

---

<sup>5</sup> Os estruturalistas acreditam que é possível estudar a língua “a partir de regularidades e, portanto, apreendê-la na sua totalidade, já que as influências externas, geradoras de irregularidades, não afetam o sistema por não serem consideradas parte da estrutura. A língua não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado em si mesmo.” (MUSSALIM, 2000: 12)

Os primeiros trabalhos elaborados com base na AD privilegiavam o estudo de discursos do campo político. Gradativamente, os estudos foram se diversificando, mas a questão do político se manteve no cerne da teoria, porque o sentido é uma questão política e, como afirma Orlandi (2011b: 39), “não podemos desligar Estado/Sociedade/Discurso, em suas muitas formas de significar”.

Na base da formulação da Análise do Discurso apresenta-se, sobretudo, inscrita a questão formulada por Pêcheux e Gadet (1977) sobre se haveria uma via possível para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo. Para os autores, a relação de oposição entre o logicismo (enquanto formalismo) e o sociologismo (enquanto historicismo) se estabelece a partir da antiga discussão entre *natureza* e *convenção*. No contexto do logicismo há uma busca pelos universais visando à enunciação de leis e de uma teoria gramatical. No que tange ao sociologismo, evidencia-se a dispersão e alteridade no espaço e no tempo objetivando a descrição e um estudo empirista dos dados. “O logicismo, enfim, coloca a autonomia da linguística, enquanto o sociologismo se dá o indivíduo em situação como concreto linguístico, o que tem como consequência um destino de participação interdisciplinar para a linguística assim concebida” (Idem: 5).

A AD concebida por Pêcheux surge, então, propondo o descentramento do sujeito na construção do sentido ao apoiar-se na Linguística, no materialismo histórico e na teoria lacaniana. É como esclarece Souza (2016: 124), “a Análise do Discurso explicita o caráter político-ideológico da língua e do sujeito, este afetado, ainda, pelo inconsciente”.

De maneira resumida, podemos afirmar que a AD se caracteriza, na sua origem, pela ruptura com a conjuntura epistemológica vigente e pela articulação com outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. A AD não é, portanto, uma disciplina autônoma, nem tampouco uma disciplina auxiliar. Também não ocupa uma posição de disciplina interdisciplinar, pois não tem um caráter exclusivamente instrumental, sem especificidade própria. Estamos diante de uma disciplina de entremeio, como define Orlandi, não é psicanálise, nem linguística, nem história, muito menos a junção das três. “A análise de discurso coloca-se assim questões que se fazem na relação de entremeio entre elas, questões que elas não se colocam e não buscam responder. Nem um objeto total, nem uma teoria geral, onipotente” (ORLANDI, 2016:9).

## 1.2 O objeto da Análise do Discurso

Em oposição a uma visão de língua formal e categorizadora, a AD “não trabalha com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 2008: 16).

A análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido como parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. (ORLANDI, 2008: 16)

A AD, ao estudar o discurso, busca compreendê-lo na relação de produção dos sentidos tendo a língua, não como um sistema estático e fechado em si, mas como lugar da incompletude, da tensão, da contradição, que admite falhas e deslizamentos. É como esclarece Ferreira (2011: 345), “na Análise do Discurso a língua é tomada (...) enquanto sistema sintático passível de jogo, que comporta a inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história para produzir sentido”.

O discurso é concebido como “efeito de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 2009), desta maneira, o sentido está intrinsecamente relacionado às condições sócio-históricas de produção do discurso. Assim, o processo de significação demanda estabelecer quem escreve/fala, para quem, quando e por quê. “O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos” (ORLANDI, 2011: 83).

Por isso, Orlandi, (2009: 17) com base em Pêcheux (1975[2009]) afirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” Dessa forma, por ser um indivíduo interpelado pela ideologia o sujeito do discurso não é fonte absoluta do sentido, uma vez que dentro do seu discurso estão outros dizeres.

Por sua vez, Courtine (1984)<sup>6</sup>, com base em Pêcheux (1975 [2009]), destaca que o discurso materializa o contato entre o ideológico e o linguístico ao representar no

---

<sup>6</sup> Texto publicado pela primeira vez em português na revista Policromias, junho/2016, com comentário do próprio autor.

interior da língua as contradições ideológicas e ao manifestar, de forma inversa, a materialidade linguística no interior da ideologia. Por conseguinte, “o discurso como objeto deve ser pensado na sua especificidade” (p.15), ou seja, deve-se considerar a materialidade discursiva como objeto próprio. Assim, trata-se de manter a análise linguística e, por outro lado, “a análise histórica das condições de formação dos conjuntos ideológicos como discurso” (p.15). O objeto de estudo da AD está inscrito na relação da língua com a história e a língua é o lugar material no qual os efeitos de sentido se realizam.

A contradição está inscrita na materialidade da língua e “longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo (...) constitui a própria lei de sua existência” (FOUCAULT, 1969 [2015]: 197). Por isso, Courtine (1984 [2016]) destaca que a contradição é um elemento teórico que intervém na representação do real histórico e que é também, portanto, um objeto de análise.

A análise do objeto discursivo permite ao analista observar as relações entre a ideologia e a língua, é o lugar em que se podem examinar os efeitos do jogo da língua na história e vive-versa. É no discurso que podemos entender como o simbólico produz sentido e como o sujeito se constitui. Sendo assim, a AD não tem um objeto linguístico como elemento de estudo, mas “um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 1998b: 17).

No contexto da AD, o objetivo não é buscar o fundamento para o sentido, mas, sim, questioná-lo.

O objetivo do analista é descrever o funcionamento do objeto simbólico, do texto, explicitar como ele produz sentidos. O analista deve mostrar os processos de significação que presidem a textualização de uma discursividade, pois é na textualização, na formulação que a discursividade adquire visibilidade sintomática (ou seja, os sentidos são produzidos, são efeitos que deixam vestígios, traços na textualidade). (ORLANDI, 2004:22)

### **1.2.1 Sujeito, ideologia e formação discursiva**

A AD entende o conceito de ideologia como a posição que o sujeito ocupa quando produz o discurso.

Ideologia não se define como o conjunto de representações, nem muito menos como ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa; sendo necessidade da interpretação, não é consciente – ela é efeito da relação do

sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique.” (ORLANDI, 2012: 48)

Assim, se pensarmos no processo de significação, sujeito e sentido não se separam, todavia para fazer sentido é necessário que o sujeito esteja inscrito em uma determinada Formação Discursiva (FD). “São as formações discursivas que, em uma formação ideológica e levando em conta uma relação de classe, determinam ‘o que pode e deve ser dito’ a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (BRANDÃO, 2004: 48). A formação ideológica é uma formação imaginária constituída por um conjunto de atitudes e representações diretamente relacionadas às FDs.

O sujeito, portanto, é constituído em uma formação discursiva (ou mais) na qual se inscreve. Por exemplo, mulher, professora, professora universitária, no Rio de Janeiro, etc. são distintas formações discursivas nas quais um mesmo sujeito se inscreve. As várias FDs, que conformam o sujeito, determinam a sua posição discursiva. A formação ideológica, por sua vez, neste exemplo, seria formada pelas projeções do que é ser uma professora, uma professora universitária, na cidade do Rio de Janeiro etc.

Por isso Pêcheux (2009) define FD como o lugar de constituição do sentido e da identificação do sujeito; é na FD que o sujeito se reconhece. “Significar é filiar-se a uma FD, a uma memória dada”<sup>7</sup>.

(...) as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seus sentidos em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* (...) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (...). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seus sentidos da formação discursiva na qual são produzidas (...). (Pêcheux, 1997: 146)

As palavras não encerram em si o sentido, o processo de significação é decorrente das condições de produção. Por conseguinte, para esta pesquisa é fundamental a análise das condições de produção do discurso que compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória (ORLANDI, 2009).

---

<sup>7</sup> Citação retirada da apostila elaborada pela professora Tânia Clemente de Souza para a disciplina *Tópicos avançados em análise de discurso* de Doutorado e Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O indivíduo, ao ser interpelado pela ideologia, configura-se sujeito. O sujeito é, portanto, uma posição discursiva e o que o permite filiar-se e identificar-se com uma formação discursiva específica é a sua forma-sujeito. Todo ser social só pode ser agente de uma prática discursiva ao revestir-se da forma-sujeito. A forma-sujeito é a “existência de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (ALTHUSSER, 1978: 67).

Na produção de um discurso, o sujeito promove uma relação do discurso em formulação (que está sendo produzido no momento) com a memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram ditos. Desta maneira, podemos dizer que só há o dito porque há um já dito, conforme assegura Pêcheux (1999:52):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva, portanto, não é a memória psicológica que interessa a psicolinguistas, neurocientistas ou cientistas cognitivos. A memória que importa à Análise do Discurso é a “memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história” (COURTINE, 2006: 2).

Para Orlandi (2009), a memória quando pensada no discurso é interdiscurso, é a memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer. Assim, a autora define interdiscurso como “todo o conjunto de formulações feitas já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2009: 33)<sup>8</sup>.

Como não há discurso que não se relacione com outro, na relação entre o “já dito” e o que se está dizendo é importante estabelecer a distinção entre interdiscurso e intradiscurso (ORLANDI, 2009). Enquanto o primeiro se constitui de todos os dizeres já ditos e esquecidos, o segundo vincula-se ao campo da formulação, ao que está se dizendo, em um dado momento e em uma determinada condição. A formulação é determinada pela relação que o sujeito estabelece com o interdiscurso, desta forma, ao dizer algo (intradiscurso/formulação), o sujeito coloca o seu discurso na perspectiva do dizível (interdiscurso/constituição). “Todo dizer, na realidade, se encontra na

---

<sup>8</sup> Toda essa formulação em Orlandi se institui com base em Courtine ([1981], 2014).

confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2009: 33).

Desta maneira podemos afirmar de forma resumida que um discurso só significa por meio da sua relação com o interdiscurso e que os efeitos da memória discursiva podem ser de lembrança, de redefinição, de transformação, de esquecimento, de ruptura e até mesmo de negação do já-dito (FOUCAULT, 1969 [2015]).

### **1.2.2 Mecanismos de funcionamento do discurso**

A noção de discurso da AD trabalha com a falha da língua inscrevendo-se na história, com o “jogo entre o estabilizado e o sujeito a equívocos, espaço de deslimites e de indistinções” (ORLANDI, 1998:11) e é no jogo da interpretação que todo enunciado pode tornar-se outro.

Como mecanismos básicos de funcionamento do discurso Orlandi (2007) estabelece os processos parafrásticos e polissêmicos que estão em constante tensão na conformação do dizer. A paráfrase se caracteriza pela permanência, pela continuidade, é um processo no qual o dizer se apresenta em diferentes formulações, mas com um mesmo sentido. Já a polissemia é a ruptura, a transformação, a multiplicidade de sentidos. Ainda segundo Orlandi (1984), os processos parafrásticos estão associados à produtividade e os polissêmicos à criatividade. A produtividade está próxima do eixo vertical da constituição dos dizeres, do interdiscurso, em que há uma memória, porque não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. A criatividade estaria no eixo horizontal da formulação dos discursos e é inerente à condição de existência do discurso, pois se os sentidos não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria a necessidade do dizer.

(...) todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (Orlandi, 2009: 36).

A importância do já dito é fundamental para a compreensão do funcionamento discursivo. É a partir de sentidos já existentes que o sujeito pode formular novos sentidos (polissemia) ou repetir os mesmos (paráfrase), todavia o que de fato funciona

“no jogo entre o mesmo e o diferente é o imaginário na constituição dos sentidos, é a historicidade na formação da memória” (ORLANDI, 1998: 15).

O funcionamento da linguagem, ao se estabelecer na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos, entre o mesmo e o diferente, explicita um jogo revelado nas relações de poder que evidencia um confronto entre o simbólico e o político.

Já a metáfora, no que tange ao funcionamento da linguagem, é classificada pela gramática tradicional como uma figura de linguagem, um processo no qual se usa uma palavra ou uma expressão no lugar de outra em sentido conotativo buscando fazer comparações e/ou analogias. Para a AD, metáfora não é nem comparação, nem desvio, é transferência de sentido, é a possibilidade de interpretação decorrente da relação da memória, dos processos de identificação do sujeito em suas ações, falhas e incompletude. Em suma, “transferência significa ressignificação, historicização dos sentidos em que se simbolizam o mesmo e o diferente” (ORLANDI, 1999:15).

O efeito metafórico é resultado de um efeito semântico que se produz por meio de uma substituição contextual, isto é, por um deslizamento de sentido numa distância entre x e y, sendo esta constitutiva, tanto do sentido produzido por x, como por y (PÊCHEUX, [1975] 2009). Portanto, em análise de discurso a metáfora não funciona como comparação ou substituição, mas como transferência que se produz num processo intermitente entre deslizamentos de sentidos:

Como esse efeito é característico das línguas naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, podemos considerar que não há sentido sem essa possibilidade de deslize, e, pois, sem interpretação. O que nos leva a colocar a interpretação como constitutiva da própria língua (natural). (ORLANDI, 2007: 80)

Nesse processo contínuo de deslizamento “se pode chegar tanto ao lugar da interpretação, quanto ao lugar da historicidade” (SOUZA, 2001: 31). Por esse caminho é que também se chega à afirmativa de que não há sentido sem metáfora, e de que as palavras não significam por si só.

No que se refere às análises propostas por este estudo, é importante, como declara Orlandi (2009: 42), ir além do “imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades”, é necessário relacionar o sentido às condições de produção, à memória e a uma formação discursiva, uma vez que os sentidos não estão nas palavras, mas no processo sócio-histórico no qual são produzidas e segundo a posição ideológica daqueles que a produzem.

### 1.2.3 Imagem, interpretação e memória

Os estudos sobre o processo de significação da imagem frequentemente analisam o não verbal a partir do verbal, tomando a imagem como se toma o signo linguístico, ou, então, segmentam a imagem e a analisam com base nos traços específicos que a caracterizam (SOUZA, 2001). O trabalho com a imagem no âmbito da AD visa à descrição e análise da linguagem não verbal a partir da sua própria materialidade sem perpassar pelo verbal.

O estudo da imagem, como discurso produzido pelo não verbal, abre perspectivas comumente não abordadas nas análises mais recorrentes. Abre-se a possibilidade de entender os elementos visuais como operadores de discurso, condição primeira para se desvincular o tratamento da imagem através da sua correlação com o verbal e de se descartarem os métodos que "alinham o verbal pelo não verbal". (SOUZA, 2001: 93)

Os operadores discursivos são definidos por Souza (2001:74) como “conjunto de elementos visuais possíveis de recorte” que “favorece uma rede de associações de imagens, o que dá lugar à tessitura do texto não verbal. A apreensão dessas relações, por sua vez, revela o discurso que se instaura pelas imagens, independente da sua relação com qualquer palavra”.

Entende-se que o processo de significação do material não verbal deve ser pensado sem o vínculo com o verbal (ORLANDI, 2007 e 1995), entretanto, o fato de estar desvinculada do verbal, não quer dizer que a imagem não possa ser lida. “Propriedades como a representatividade, garantida pela referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem e, por outro, reafirmam o seu status de linguagem” (SOUZA, 2012: 59).

Ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem. A palavra fala da imagem, a descreve e a traduz, mas jamais revela sua matéria visual. Por isso mesmo, 'uma imagem não vale mil palavras ou outro número qualquer'. A palavra não pode ser moeda de troca das imagens (Davidson, 1984). É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem, e não sua correlação com o verbal. (SOUZA, 1998)

Por conseguinte, o trabalho de interpretação do não verbal deve ter como objetivo entender como ele se constitui em discurso e também como ele é, muitas vezes, utilizado para sustentar discursos produzidos com textos verbais (SOUZA, 2012). Na presente tese, trabalhamos tanto com a significação do não verbal, através de artefatos

imagéticos utilizados pelos manifestantes como bandeiras e máscaras, quanto com a significação do não verbal que está vinculado ao texto verbal, como no caso de cartazes híbridos que mesclam imagem e texto escrito.

Conceber a imagem como discurso significa atribuir-lhe sentido do ponto de vista social e ideológico. Por conseguinte, a interpretação da imagem, como a interpretação do verbal, pressupõe a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos (SOUZA, 2012 e 2001). A imagem significa, assim como a palavra, a partir de sua historicidade e do seu caráter de incompletude.

Ao pensar o não verbal na sua materialidade que significa a partir da sua dimensão discursiva, recorta-se a imagem pelo olhar e não através da palavra. E a imagem, diferentemente do discurso verbal, quanto mais se recorta mais significa, originando possibilidades infinitas de outras imagens, de outros discursos.

O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal: quanto mais se segmenta a língua, menos ela significa. Daí, não fazer sentido, numa abordagem discursiva, pensar a imagem, circunscrita numa moldura, como um todo coerente. Nem tampouco pensá-la como um "meio privilegiado das intenções comunicativas" (SOUZA, 2001: 65)

Ao trabalhar com a noção de efeitos metafóricos no âmbito da imagem, Souza (1998) elabora a definição de policromia visando evidenciar os gestos de interpretação do não verbal a partir dos elementos que o constituem e não perpassado pelo verbal:

O conceito de policromia recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc. nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo eu na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra.

A concepção de policromia foi concebida em paralelo ao conceito de polifonia (Ducrot, 1987) com o objetivo de pensar o funcionamento dos implícitos e do silêncio na relação com o não verbal e também de buscar compreender em termos discursivos a tessitura do não verbal. Polifonia “refere-se à qualidade de todo o discurso estar tecido

pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro” (BRANDÃO, 2004:109). A policromia “recorta o que a imagem tem de heterogêneo, revelando uma gama de elementos – cor, luz, ângulo, detalhe, etc. – que ao possuírem uma correlação entre si projetam na imagem uma identidade passível de inúmeros sentidos” (SOUZA, 2013: 298).

Analisar uma imagem pelo viés do conceito da policromia é direcionar e construir o olhar através dos gestos de interpretação. Segundo Souza (2001: 298), esses gestos recortam as paráfrases visuais que constituem a imagem e dão lugar “aos deslizamentos de sentidos, aos efeitos metafóricos, ordenados pela injunção do dizer”. Ao interpretar uma imagem outras são projetadas, imagens cuja materialidade não é da ordem da visibilidade, mas da ordem do simbólico e do ideológico.

Davallon (1999) defende a imagem como objeto cultural que por sua eficácia simbólica funciona como operador da memória social.

(...) a imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação: dispositivo que tem a capacidade, por exemplo, de regular o tempo e as modalidades de recepção da imagem em seu conjunto ou emergência de significação. É um dispositivo, lembremo-nos, que por natureza é durável no tempo (1999: 30).

Ao estabelecer a relação entre memória coletiva e tempo, Davallon esclarece que a memória não resiste ao tempo, mas a história sim. A memória social, casamento de história e memória coletiva, que ocorre quando um acontecimento se dá em um momento singular do tempo, tem um objeto que o representará para além do ato em si. Esse objeto cultural torna-se “indissociavelmente documento histórico e monumento de recordação” (DAVALLON, 1999: 26).

Podemos entender a imagem como um dispositivo durável no tempo porque, enquanto objeto cultural, torna-se registro histórico e capaz de conservar a força das relações sociais.

Assim, o acontecimento, como acontecimento ‘memorizado’ poderá entrar na história (a memória do grupo poderá perdurar e se estender além dos limites físicos do grupo social que viveu o acontecimento); mas enquanto ‘histórico’, ele poderá se tornar, em compensação, elemento vivo de uma memória coletiva. Esta última adquirirá então uma outra dimensão: aquela, se podemos dizer, de uma memória societal. (DAVALLON, 1999: 26)

Portanto, não só o linguístico, mas também o imagético é capaz de suscitar memórias, suscitar discursos outros registrados no interdiscurso, e que permitem o

deslizamento de sentidos a partir do já dito, do que já aconteceu, e que se encontra guardado na memória. É como assegura Souza (2000:143), “à imagem é reservado o papel de inscrever materialmente o acontecimento, colocando-se em jogo uma passagem do visível – o acontecimento – ao nomeado – a memória, a história”.

No que tange à relação entre imagem e memória, Courtine (2013) defende que toda imagem se inscreve em uma cultura visual, que supõe a existência de uma memória visual, uma memória das imagens, que seriam as imagens vistas ou sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. O autor propõe o conceito de intericonicidade que supõe a relação de uma imagem externa e também interna (memória das imagens armazenadas pelo sujeito que fazem ressurgir outras imagens). Não há imagem que não faça surgir outras imagens, imagens vistas antes ou imaginadas.

Ainda segundo o autor, todo sujeito tem um catálogo de memória da imagem que é formada por imagens vistas, esquecidas, inventadas e ressurgidas. Elementos que não estão explícitos na imagem, mas que suscitam outras imagens e conseqüentemente permitem a existência de outros sentidos. “(...) a imagem é como o discurso. Como no discurso você vai ter sempre já um discurso, na imagem você vai ter sempre já outra imagem. Portanto, a intericonicidade se fundamenta sobre isso”. (COURTINE, 2013: 3)<sup>9</sup>

Relacionando conceitos, entendemos que a concepção de policromia supracitada se alinha a de intericonicidade ao destacar a importância da associação de imagens na formação da tessitura do texto não verbal. Souza (2001:81) afirma que numa imagem

O conjunto de elementos visuais que se destacam – entendidos como operadores discursivos – favorece uma rede de associações de imagens, o que dá lugar à tessitura do texto não verbal. A apreensão dessas relações, por sua vez, revela o discurso que se instaura pela imagem, independente de sua relação com qualquer palavra.

Ao trazer a questão imagética para este estudo, pensar a imagem no contexto das manifestações sociais é pensar a imagem na sociedade atual, uma sociedade do espetáculo como Guy Debord (1997) já definia a sociedade contemporânea no final da década de 1960. Para o autor, a experiência de vida em sociedade estaria mediada por imagens e, conseqüentemente, fadada à espetacularização. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”.

---

<sup>9</sup> <http://www2.uesb.br/labedisco/wp-content/uploads/2013/10/Jornal-n.-25.pdf>.

e “(...) é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação”<sup>10</sup>.

#### 1.2.4 Imagem e acontecimento

Com o advento da Internet e a difusão de distintas ferramentas de comunicação mediadas por computador, o uso de imagens como instrumento de expressão e sociabilização se disseminou. As relações estabelecidas por meio das novas tecnologias da informação e das redes sociais virtuais são mediadas pela imagem, o que faz com que o ato de produzir e publicar imagens seja de extrema importância na vida social dos usuários das redes sociais virtuais (RODRIGUES & FERREIRA, 2014).

No que tange às manifestações sociais, na atualidade, os manifestantes têm nas redes sociais o espaço inicial de organização, mobilização e divulgação dos atos de protesto.

No âmbito das práticas e ações de mobilização dos indivíduos, esses novos movimentos sociais, tendo as redes sociais virtuais como instrumento, fizeram do ciberespaço o meio por excelência para a divulgação, principalmente com o uso de imagens, dos atos de manifestação e ocupação de espaços públicos como também o principal meio de mobilização e organização das manifestações e ocupações. As novas mídias, as redes sociais virtuais, os serviços de SMS11 e similares foram ressignificados pela causa por esses novos atores e movimentos sociais. (RODRIGUES & FERREIRA, 2014: 585)

Segundo Rodrigues & Ferreira (2014), a utilização da imagem é fundamental para documentar e transmitir *on line* as manifestações que ocorrem nos espaços públicos. E essa divulgação é também uma estratégia para mobilizar mais ativistas para as manifestações. Para os autores não há uma espetacularização na divulgação de imagens nos protestos de rua.

Esse período de intensificação dos usos das imagens não nos parece significar simplesmente o sufocamento das lutas sociais pela virtualização e espetacularização da vida. Ele deve ser lido, sobretudo, como uma virtualização das lutas sociais, o que desencadeia uma guerra de imagens. Nesse sentido, a cultura de contra-hegemonia, hoje, está se configurando também como uma cultura de imagens contra -hegemônicas. Antes de condenarmos a guerra virtual das imagens por ser feita num campo da espetacularização, temos de buscar entender, analisar a produção das imagens, que está sendo guiada pela intenção do subalterno, como se

---

<sup>10</sup> DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. E-book. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>. Acesso em abr. 2017.

apresentam, quais suas opções estéticas, como se produzem. (RODRIGUES & FERREIRA, 2014: 589)

Para Lemos (2007a) as fotos e vídeos produzidos para circulação na rede seria uma ferramenta interpessoal e não uma imagem visando a espetacularização. “O que importa é tocar o outro, distante na rede, ou ao meu lado (“veja essa foto que fiz agora”). A ideia não é a exibição na sociedade do espetáculo para o “público”, para a “massa”, mas para a “minha comunidade individual”, pela circulação”<sup>11</sup>.

O objetivo desta tese não é aprofundar ou mesmo estabelecer uma possível relação entre espetacularização e manifestação, entretanto, entendemos a necessidade de destacar a importância e o papel da imagem como ferramenta de visibilidade dos protestos nas redes sociais. São as imagens que dão voz e conectam os manifestantes. E ao dar voz fazem com que o manifestante vá para o protesto com o objetivo de se expressar que se faz através do uso de distintas máscaras elaboradas com essa função. As imagens, na verdade, acabam por instituir as manifestações como acontecimento discursivo, nos termos de Pêcheux (1983 [2012]:17): o cruzamento “dos caminhos do acontecimento, da estrutura e da tensão entre descrição e *interpretação*”, [...] quando se dá o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. E é a discursividade da máscara que caracteriza o sujeito-manifestante que vamos analisar nas próximas páginas desse estudo.

### **1.3 Relação espaço, cidade e manifestação**

Neste tópico, temos como objetivo pensar a relação espaço, cidade e manifestação pelo viés da AD, ou seja, buscando compreender essa relação através do discurso, estabelecendo como espaço, cidade e manifestação significam. A partir dessa premissa, concebemos a cidade como o espaço discursivo no qual a manifestação social, entendida como prática discursiva, acontece.

Ao pensar a cidade discursivamente, o espaço é considerado na sua materialidade em que se confrontam o simbólico e o político.

Assim, a cidade se materializa em um espaço que é um espaço significativo: nela, sujeitos, práticas sociais, relações entre o indivíduo e a sociedade têm uma forma material, resultante da simbolização da relação do espaço,

---

<sup>11</sup> Artigo *on line* sem paginação.

citadino, com os sujeitos que nela existem, transitam, habitam, politicamente significados. (ORLANDI, 2011c: 695)

Definimos, para este estudo, manifestações sociais como ações coletivas associadas aos movimentos sociais<sup>12</sup>, tipicamente urbanas, que ocorrem em espaços públicos. Não há manifestações no campo, nem em lugares pouco visíveis da cidade, manifestar-se significa essencialmente ir para a rua, ocupar um espaço público o mais visível possível e desfilar por ele (MORÁN, 2005). A manifestação social tem um caráter político-social e cultural na qual a população se organiza visando expressar suas exigências.

As manifestações fazem parte de uma nova forma de movimento social, que se caracteriza por participação de uma maioria de jovens escolarizados, predominância de camadas médias, conexão por e em redes digitais, organização horizontal e de forma autônoma, e crítica às formas tradicionais da política da atualidade – especialmente os partidos e os sindicatos. (GOHN, 2014:431)

Morán (2005:99) ressalta que as manifestações de rua são “praticamente a única forma ao alcance dos grupos excluídos da comunidade política para expressar suas demandas, para fazer-se visível<sup>13</sup>”. Por conseguinte, pensar as manifestações sociais é pensar a cidade como espaço de expressão do sujeito, é pensar “a cidade como um espaço em que os sujeitos e as práticas urbanas se significam” (ORLANDI, 2005:91).

Historicamente, não podemos desconsiderar o lugar simbólico que as ruas e praças da cidade representam como espaço das manifestações sociais. Harvey (2013:33) destaca que:

Foi nas ruas que os tchecos se libertaram em 1989 de opressivas formas de governança; foi na Praça da Paz Celestial que o movimento estudantil chinês buscou estabelecer uma definição alternativa de direitos; foi através de massivos comícios que a Guerra do Vietnã foi forçada a terminar; foi nas ruas que milhões protestaram contra o prospecto de uma intervenção imperialista norte-americana no Iraque em 15 de fevereiro de 2003; foi nas ruas de Seattle, Gênova, Melbourne, Quebec e Bangkok que os direitos inalienáveis à propriedade privada e da taxa de lucro foram desafiados.

No Brasil, tivemos, entre 1983-1984, comícios e passeatas que ocuparam as ruas pedindo eleições presidenciais no país através do movimento denominado *Diretas Já*.

---

<sup>12</sup> Movimentos sociais são “ações coletivas associadas à luta por interesses orientados para mudanças na esfera sócias e cultural” (RICCI & ARLEY, 2012: 82). Segundo os autores, há uma permanência que distingue os movimentos sociais de meras e passageiras mobilizações sociais.

<sup>13</sup> Tradução nossa.

Em 1992, a população voltou às ruas em manifestações pelo impeachment do então presidente da república, Fernando Collor de Melo.

A partir de Favre (1999), podemos definir alguns interlocutores para quem a manifestação social se dirige. Primeiro o Estado, pois, na maioria das vezes, é para o poder público que as manifestações são idealizadas e para quem são dirigidas as reivindicações dos protestos. Por outro lado, temos o público que assiste, seja aquele presente nas praças e ruas, seja aquele que acompanha o evento através das mídias, como outro interlocutor das manifestações. É como ressalta Magalhães (2013:20):

Ainda como alvo das manifestações está o público que assiste. É para este público que a manifestação existe (o público pode ser também o espectador das mídias). As manifestações dirigem-se a eles. E, nessa orientação, a mídia também é um importante ator, que, pela possibilidade de divulgar as ações dos movimentos sociais, seria também um dos alvos preferenciais da manifestação. Uma das necessidades da manifestação seria obter divulgação favorável na mídia.

Pensar as manifestações sociais na atualidade é pensar também o espaço virtual (*internet*) como lugar de reflexão, difusão de ideias políticas e mobilização de manifestantes tendo como meta final o protesto nas ruas. O espaço virtual é o espaço de articulações das manifestações, é através da internet que os eventos são estruturados e os manifestantes mobilizados.

No ano de 2011, inúmeras manifestações ocorreram em distintos países tendo a conectividade como forma de mobilização e organização dos protestos. A difusão dos eventos nas redes sociais da *internet*, com mensagens replicadas a milhares de outros emissores virtuais, começou na rede e ocupou ruas em cantos distintos do mundo.

Começou no norte da África derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen<sup>14</sup>; estendeu-se à Europa com ocupações e greves na Espanha e Grécia e revolta nos subúrbios de Londres; eclodiu no Chile e ocupou Wall Street, no EUA, alcançando no final do ano até mesmo a Rússia. (CARNEIRO, 2012. Ebook. Kindle)

Em tempos de *internet*, as redes sociais também são um alvo importante das manifestações sociais, pois, estar na manifestação é registrá-la e divulgá-la no espaço virtual através do compartilhamento de vídeos e fotos. O espaço virtual é espaço de divulgação simultânea do que está ocorrendo nas ruas no momento das manifestações e,

---

<sup>14</sup> Ressaltamos que o país árabe Iêmen está localizado no continente asiático.

posteriormente e paralelamente, é local de registro do ocorrido permitindo que o sujeito-manifestante se coloque como cidadão ao divulgar-se como participante do protesto.

Congregar-se, mostrar-se juntos, ser protagonistas e participantes ‘em primeira pessoa’ são dimensões constitutivas da manifestação. Portanto, participar em uma delas é uma experiência única com uma evidente função de aprendizagem. A importância de ‘fazer-se visível’ explica que seja uma das práticas de cidadania preferida por aqueles grupos que lutam pelo reconhecimento e inclusão dentro de uma comunidade de cidadãos. (MORÁN, 2005:100. Tradução nossa)

Ao analisar como os sentidos da manifestação social se constituem, se formulam e transitam no espaço urbano, não poderíamos deixar de salientar a importância do espaço virtual nas manifestações da atualidade e, conseqüentemente, nas manifestações analisadas neste trabalho. Estamos diante de mobilizações de rua que se formam em um espaço híbrido entre as redes e as ruas.

A mobilização cidadã nas ruas a partir das redes sociais criou um espaço híbrido entre as redes e as ruas. Havia quem estivesse nas ruas relatando, pelas redes, o calor da mobilização social. Havia quem estivesse nas redes, interagindo, compartilhando e se posicionando, aumentando a mobilização e amplificando o engajamento social, para muito além das ruas. (PIMENTEL & SILVEIRA, 2013<sup>15</sup>)

Sem desconsiderar a relevância do espaço virtual na congregação das manifestações da atualidade, David Harley salienta que o uso do espaço público é mais importante que o uso das novas tecnologias pelos manifestantes:

(...) o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado. A Praça Tahrir<sup>16</sup> mostrou uma verdade óbvia: são os corpos nas ruas e praças, não o balbúcio de sentimentos no *Twitter* ou *Facebook* que realmente importam. (HARVEY, 2012. Ebook. Versão Kindle.)

As manifestações estão vinculadas a espaços físicos e virtuais e têm as redes sociais e a cidade como lócus de expressão visando o mesmo objetivo. É com a mediação da internet, por meio das redes sociais, que se dá a ocupação e marcha pelo espaço urbano. Os eventos são organizados e divulgados via redes sociais por jovens

---

<sup>15</sup> Estudo na internet sem paginação.

<sup>16</sup> A Praça Tahrir, localizada no centro do Cairo, capital do Egito, foi palco de uma série de manifestações, nos meses de janeiro e fevereiro de 2011, que levaram à renúncia de Hosni Mubarak depois de 30 anos no poder.

que atuam em coletivos, grupos de pessoas que se unem em prol de um objetivo comum que pode ser cultural, político ou mesmo profissional.

Um dos focos de investigação da presente tese é a temática da carnavalização, conceito proposto por Bakhtin, no contexto das manifestações sociais. Assim, pensar as manifestações sociais é pensar na ocupação das ruas, do mesmo modo que considerar as ações carnavalescas é situá-las nas praças públicas e nas ruas adjacentes. No carnaval, a praça pública é o lugar onde todos são iguais, não se pode distinguir atores de espectadores, o que também acontece na manifestação. “Em consequência, essa eliminação provisória, ao mesmo tempo ideal e efetiva, das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais” (BAKHTIN, 2013: 9).

Como nos festejos do carnaval, a manifestação é espaço que dá voz às pessoas que não têm chance de serem ouvidas. É na praça pública da Idade Média, do Renascimento e das manifestações que o homem é livre para expressar-se, para ridicularizar o sistema oficial e viver uma renovação do mundo. O carnaval permite “o direito de violar regras habituais da vida em sociedade” (Bakhtin, 2013:174), o que também acontece nas manifestações sociais que acabam mudando a configuração do espaço público, ao fechar vias públicas e desviar o trânsito, para que os manifestantes possam passar.

A retomada do espaço urbano (...) se realiza como método, na prática dos manifestantes, que ocupam as ruas determinando diretamente seus fluxos e usos. A cidade é usada como arma para sua própria retomada: sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso. (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013: 16)

O espaço urbano, durante a manifestação, perde a sua finalidade oficial, como ocorre no carnaval, e há uma alteração da ordem cotidiana com o fechamento de ruas e a mudança da circulação nas vias públicas. As ruas e o asfalto são tomados pelos manifestantes que fazem do espaço urbano um lugar livre para ser ocupado por todos.

Na manifestação, a ocupação do espaço público se dá a partir de outra perspectiva e temos a subversão do seu funcionamento ordinário. Há uma desorganização do cotidiano da cidade com a alteração dos caminhos de circulação. Também há uma relação dupla de utilização do espaço urbano: temos a ocupação e a

marcha. Em um primeiro momento há a ocupação de um espaço predeterminado, onde os manifestantes se reúnem antes do desfile. Após a marcha, há a dispersão do protesto ou uma nova ocupação. As ocupações iniciais e finais geralmente são feitas nas praças e as marchas por ruas e avenidas da cidade.

Pensar como a cidade faz sentido no sujeito-manifestante e como isso afeta o seu discurso, ou seja, compreender como a linguagem se espacializa na cidade, no âmbito das manifestações sociais, que formas ela toma, materializando-se num espaço que tem como principal característica ser um espaço público é um dos objetivos que permeiam nosso estudo. Ao entender o espaço público urbano no seu aspecto simbólico-político e pensar a cidade como espaço de linguagem onde se cruzam relações de poder (ORLANDI, 2004), visamos observar como se produzem ideologicamente os sentidos e significam-se os sujeitos-manifestantes no contexto urbano das manifestações sociais de rua.

Buscamos, portanto, observar a constituição do sujeito-manifestante quando ele ocupa o espaço urbano e como ele se expressa, como ele produz sentidos nesse contexto político de manifestação, pois “para um analista do discurso, o espaço significa, e a relação dos sujeitos com o espaço é determinante para a sua forma de vida” (ORLANDI, 2005:81). Como “não se pode pensar a linguagem como se ela estivesse separada do seu meio material, das suas condições, da conjuntura em que ela aparece” (ORLANDI, 2004: 106) para pensar os discursos produzidos durante as manifestações sociais devemos considerar a cidade como espaço de manifestação do sujeito, onde o sujeito produz o seu discurso e, ao mesmo tempo, como o espaço produz seu discurso no sujeito.

No capítulo 2, destacamos com mais especificidade as condições de produção das manifestações sociais que são analisadas nesta tese, caracterizando-as e explicitando o momento sócio-histórico e político de cada país. Consequentemente, retomamos alguns conceitos apresentados nesta seção com o objetivo de ampliá-los e contextualizá-los ao objeto do nosso estudo.

#### **1.4 A máscara**

A máscara é um acessório presente em diferentes manifestações culturais desde tempos remotos no decorrer da história da humanidade. Metaforicamente é um termo usado para representar os distintos comportamentos das pessoas no convívio social.

Como adereço está presente em distintas situações; usada como disfarce, objeto lúdico, religioso, artístico ou de proteção. Ela tanto pode revelar uma identidade, como ocultá-la. Por conseguinte, sobre o motivo da máscara, Bakhtin (2013:35), ao abordar o tema do Carnaval na Idade Média e no Renascimento, destaca que é o “motivo mais complexo, mais carregado de sentido da cultura popular”.

As diferentes formas e funções das máscaras são uma demonstração da riqueza dos ritos, mitos, tradições e celebrações festivas. O fato é que “o complexo simbolismo das máscaras é inesgotável” (idem), logo, podemos encontrar as máscaras em festividades desde a Grécia Antiga, como durante as festas dionisíacas em homenagem a Dionísio, deus do vinho, até em festas que permanecem nos dias atuais como o *Halloween* ou Dia das bruxas e o Carnaval. Estamos diante de uma simbologia que é atemporal, ancestral, pois, como afirma Bakhtin (idem), “a máscara recobre a natureza inesgotável da vida e de seus múltiplos rostos. (...) Ela não poderá jamais tornar-se um objeto entre outros”.

Na cultura popular, a máscara simboliza a “alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo” (BAKHTIN, 2013: 35). Por sua vez no grotesco romântico, “a máscara dissimula, encobre, engana” (BAKHTIN, 2013: 35).

No aspecto físico, a máscara, confeccionada a partir dos mais variados materiais, pode representar ou estilizar um rosto, ou parte dele. No aspecto simbólico, a partir do estudo de Bakhtin (2013) acerca do carnaval, podemos afirmar que ao encobrir a face, a máscara oferece outra identidade ao seu usuário, permitindo a ruptura do sentido único e revitalizando a questão identitária pessoal e, conseqüentemente, social.

(...) a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. (idem)

Ou seja, ao ocultar a face do sujeito que a usa, a máscara o renova e permite a revitalização social. A máscara elimina as diferenças e posições sociais, possibilitando o nivelamento das classes. O uso da máscara faz nascerem indivíduos sem título ou classe social ao recobrir “a natureza inesgotável da vida e seus múltiplos rostos” (idem).

Analisar a máscara, no contexto das manifestações sociais, é pensar como o sujeito-manifestante significa discursivamente através desse artefato imagético. Quais

sentidos ele cria e visa comunicar ao portar determinada máscara? Um exemplo desse questionamento é o “nariz de palhaço” presente nas mais diversas manifestações sociais.

A máscara de “nariz de palhaço”, enquanto elemento imagético, evoca a memória do personagem de circo que, ingenuamente, sempre é passado para trás no picadeiro. O palhaço é aquele ludibriado, enganado. O sujeito-manifestante ao assumir a identidade do palhaço no protesto, assume o lugar discursivo do sujeito que está sendo feito de idiota, de palhaço pelo Estado. Essa é uma das memórias discursivas (interdiscurso) que o nariz de palhaço pode remeter-nos em um contexto de manifestação social.

Nas imagens abaixo (imagem 1), temos uma manifestação ocorrida em Fortaleza, no Ceará, intitulada “Protesto dos ENEMganados”, realizada em outubro de 2011, contra a sequência de erros nas últimas três edições do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Podemos perceber que os manifestantes partem dessa memória para significar a máscara de nariz de palhaço e utilizá-la como forma de protesto.



**Imagem 1:**[<https://educacao.uol.com.br/noticias/2011/10/28/apos-vazamento-de-questoes-alunos-do-ceara-organizam-protesto-contr-o-enem.htm>]  
**Máscaras de palhaço em protesto do ENEM**

Areladas aos sentidos simbólicos diversificados que o uso da máscara em manifestações sociais expressa, identificamos três motivos que justificam a presença das máscaras nos protestos: pertencimento a um grupo, proteção e disfarce<sup>17</sup>.

No primeiro motivo, entendemos a máscara como artefato político que conecta o sujeito-manifestante a uma coletividade que protesta buscando atender demandas específicas de um determinado grupo ou setor da sociedade, como ocorre nas manifestações de profissionais da área da saúde, que utilizam máscaras cirúrgicas como traje.

A imagem a seguir mostra um dos protestos de uma série de manifestações denominada “Marea blanca” (Maré branca) que teve início nas ruas de Madri, no ano de 2013, e acabou estendendo-se por toda Espanha.



**Imagem 2:** [<https://extra.globo.com/noticias/economia/milhares-de-espanhois-protestam-contra-cortes-na-saude-em-madri-8436064.html>]

**Manifestação “Marea blanca”, Madri, Espanha, 2013.**

Sob o slogan “a saúde pública não se vende, se defende”, profissionais da saúde e também usuários do sistema público ocuparam as ruas do país contra os cortes na saúde e os planos de privatização da gestão dos hospitais. Vemos, na imagem, os manifestantes utilizando roupas brancas e máscaras onde se lê “saúde pública” em associação à imagem dos batimentos cardíacos, que são um dos sinais vitais.

A partir do exemplo do protesto da “Maré branca”, podemos perceber como a máscara representou o sujeito-manifestante não como indivíduo único que participa de um ato político, mas como um coletivo que defende determinados ideais e demandas. A máscara agrega simbolicamente os manifestantes em torno de um ideal expressando um

---

<sup>17</sup> A partir da reflexão proposta por Albuquerque, Pedro & Carvalho (2016) sobre as controvérsias geradas pelo uso de máscaras nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, estabelecemos as três razões para o uso das máscaras em protestos de rua.

pertencimento coletivo. A máscara expressa uma ideia coletiva tornando visível a causa e não o indivíduo.

Cobrir o rosto é uma forma de expressar uma ideia sem ligá-la a um indivíduo específico, é uma forma de não pessoalizar a luta política. Nesse sentido, o uso da máscara se justifica como uma forma de criar uma identidade coletiva, diluindo o protagonismo individual numa massa. (ALBUQUERQUE, PEDRO & CARVALHO, 2016: 51)

O uso de máscaras em protestos como aparato de proteção se dá em contextos específicos de confronto. Nas manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil, houve uma forte repressão policial com o uso de spray de pimenta e de bombas de gás lacrimogêneo com o objetivo de conter e/ou dispersar as manifestações. Alguns manifestantes, então, passaram a usar máscaras para se proteger.

A imagem a seguir é de um protesto realizado em Belo Horizonte, Brasil, no dia 26 de junho de 2013. A manifestação teve confronto entre manifestantes e a polícia, principalmente nas proximidades do estádio Mineirão, onde jogavam Brasil e Uruguai pela semifinal da Copa das Confederações. Salientamos que uma das pautas das manifestações de 2013 no país era o gasto excessivo com a Copa do Mundo, que seria no ano seguinte. A Copa das Confederações, por sua vez, também foi bastante combatida e criticada no decorrer das manifestações daquele ano.

Na imagem 3, vemos, em primeiro plano, o sujeito-manifestante mascarado visando se proteger do lançamento de bombas de efeito moral que poderiam, por ventura, vir a atingi-lo.



**Imagem 3:** [<http://www.kiaunoticias.com/aracuai-kiau-noticias/manifestacao-de-quarta-2606foi-um-caos-em-belo-horizonte-e-terminou-com-um-morto>]  
**Máscara de proteção em manifestação em Belo Horizonte, Brasil, 2013.**

A máscara, ao encobrir a rosto, é um acessório que permite o disfarce, permite ao seu usuário esconder-se. A invisibilidade, proporcionada pelo uso da máscara, nos permite atrelar o seu uso a um mecanismo de proteção da identificação, o que seria necessário no caso de protestos mais conflituosos, nos quais há a depredação de bens públicos e/ou de propriedades privadas.

A máscara serve, então, para impedir a identificação não só no momento do acontecimento, mas também em investigações posteriores quando se analisam informações e imagens coletadas via imprensa, câmeras de rua e na internet.

Como exemplo do uso da máscara como disfarce, temos os grupos que adotam a estratégia “Black bloc” de manifestação. Os adeptos da tática vestem roupas de cor escura e cobrem o rosto com máscaras visando o anonimato. Por optarem, muitas vezes, por uma estratégia violenta de enfrentamento às forças policiais e de ataque a prédios de instituições estatais e de grandes empresas, o uso de máscaras garante a invisibilidade e a identificação dos manifestantes. A imagem a seguir é uma mostra de enfrentamento entre um grupo de “Black blocs” e a polícia em uma das manifestações em junho de 2013 no Brasil.



**Imagem 4:** [<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2014/08/03/black-blocs-e-genero-o-que-mais-nos-dizem-as-mascaras-negras/>]

**Black Blocs em manifestação no Brasil em 2013**

Ao atrapalhar ou impedir o trabalho de vigilância da polícia, a máscara passa a ser vista como um problema para o Estado, e com isso surgem leis para impedir o seu uso nas manifestações. No Rio de Janeiro, em 2013, foi criada a Comissão Especial de

Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas (CEIV) e a Lei Estadual 6.528/13, que proibiu o uso de máscaras durante os protestos.

As manifestações retomam a cidade e as ruas como espaço para se fazer política. E é no espaço da rua que o sujeito-manifestante se significa e significa, mostrando, através da máscara, as suas demandas.

É por meio do uso da máscara, enquanto efeito metafórico, que o sujeito-manifestante se posiciona politicamente, comunica suas exigências e necessidades e constrói o acontecimento.

Neste tópico, nos focamos no artefato material máscara, como objeto utilizado para cobrir total ou parcialmente a face, todavia, neste estudo, estendemos, por efeito metafórico, o conceito de máscara para os demais elementos utilizados pelo sujeito-manifestante no ato da manifestação social. Os diferentes elementos que este carrega ou utiliza no decorrer do protesto como máscaras, cartazes, pinturas corporais, bandeiras, painéis (como no caso do “painelagem”) etc. são uma forma de se expressar, de atuar enquanto sujeito-manifestante e são eles que dão visualidade e que o caracterizam como tal.

### **1.5 Carnavalização Bakhtiniana**

O termo carnavalização, conceito delineado por Bakhtin pela primeira vez no livro *Problemas da Poética de Dostoiévski*, em 1929, não se refere ao carnaval apenas como o período antes da quaresma e que continua ainda hoje a ser celebrado nas sociedades contemporâneas. Para o autor russo, o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento que eram atos simbólicos contra a cultura oficial e que tinham como elemento comum o cômico. Era quando o homem se libertava da seriedade imposta pela Igreja e o Estado.

O denominador comum de todas as características carnavalescas que compreendem as diferentes festas é a sua relação essencial com o tempo alegre. Por toda parte onde o aspecto livre e popular se conservou, essa relação com o tempo e, conseqüentemente, certos elementos de caráter carnavalesco, sobreviveram. (BAKHTIN, 2013: 191)

A carnavalização é a transposição do espírito carnavalesco para a literatura e outras manifestações culturais. Para uma obra ser considerada carnavalesca deve estar “marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas, e que é dirigido aos poderosos, ao que é considerado superior. Nela

aliam-se a negação (a zombaria, o motejo, a gozação) e a afirmação (a alegria)” (FIORIN, 2008: 96).

Nesta tese, um de nossos objetivos é entender como o conceito de carnavalização proposto por Bakhtin se relaciona com as manifestações sociais de rua. Ainda que tais protestos não tenham um cunho artístico, pode-se identificar vários traços com os quais Bakhtin caracteriza a carnavalização e que são destacados nesta seção.

A máscara é um dos elementos característicos do carnaval que permite a ruptura, a troca de identidades pessoais e sociais e que está presente no contexto das manifestações de rua atuais. Neste estudo, conforme explicitado anteriormente, amplia-se o conceito de máscara aos demais artefatos que utilizam os manifestantes para expressarem-se e que são responsáveis por contribuir para a constituição da forma sujeito-manifestante.

Segundo os estudos bakhtinianos, o período do carnaval era o momento de questionamentos e críticas ao poder estabelecido, era quando se destronavam e renovavam o poder dirigente e a verdade oficial. Havia, então, o triunfo de tempos melhores, da abundância e da justiça. O riso, na Idade Média, “não faz nenhuma exceção ao extrato superior, mas, ao contrário, dirige-se principalmente contra ele” (idem: 76). Nos protestos, o manifestante tem como foco principal a crítica aos governantes e/ou aos seus mandatos.

No carnaval, como nas manifestações está presente o devir, a busca por mudanças e transformações. O carnaval “tem uma força regeneradora, pois permite vislumbrar que um outro mundo é possível, um universo onde reinam a abundância, a liberdade, a igualdade” (FIORIN, 2008: 93). As manifestações são realizadas aspirando pelo futuro, nos protestos derruba-se o sistema oficial ansiando por renovação, assim como no carnaval.

O carnaval celebra o aniquilamento do velho mundo e o nascimento do novo, do ano novo, da nova primavera, do novo reino. O velho mundo aniquilado é apresentado juntamente com o novo, representado com ele, como parte agonizante do mundo bicorporal único (idem: 360)

Na carnavalização, o riso é “*ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2013: 10). Assim, o riso liberta de tudo que oprime, não

se limita a ser negativo e destrutivo, ao contrário, tem um aspecto regenerador e positivo. “Pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso”. (idem: 78).

O próprio riso carnavalesco é profundamente ambivalente. Em termos genéricos, ele está relacionado às formas mais antigas do riso ritual. Este estava voltado para o supremo: achincalhava-se, ridicularizava-se o Sol (deus supremo), outros deuses, o poder supremo da Terra para forçá-los a renovar-se. Todas as formas do riso ritual estavam relacionadas com a morte e o renascimento, com o ato de produzir, com os símbolos da força produtiva. (...) Nele se fundiam a ridicularização e o júbilo. (BAKHTIN, 2015:144)

O riso popular, além de ambivalente, é universal atinge a todos e a todas inclusive aqueles que riem. É um riso alegre, mas não é destinado unicamente a divertir é também uma forma de expressar “uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (idem: 11).

A presença do burlesco nas manifestações sociais se justifica com a afirmação de Bakhtin (idem: 81), “(...) o riso menos do que qualquer coisa, jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ninguém conseguiu jamais torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação nas mãos do povo”.

Na manifestação, o riso galhofa do presente visando à mudança, a renovação do estabelecido. O riso é foco no futuro, no que está por vir. Assim como ocorria no carnaval medieval, “o riso não forjava dogmas e não podia ser autoritário, que ele era sinal não do medo, mas de consciência de força (...) que ele estava ligado ao futuro, ao novo, ao qual ele abria o caminho” (idem: 82).

Na carnavalização, se parodiam os textos sérios, zomba-se da voz séria e, ao mesmo, afirma-se a alegria. A paródia desafia e subverte os dogmas e os discursos oficiais através de vozes diferentes, dialógicas, polifônicas, nela o autor usa as palavras do outro para expressar suas próprias ideias. Para Bakhtin (2015: 222), “ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro”.

Para começar a pensar a comicidade, a ironia presente nos protestos sociais, nos apropriamos de Bakhtin (idem:105) que estabelece que

“(...) o verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da inexistência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura.”

Entendemos ironia como um jogo essencialmente ambíguo que solicita a adesão do outro. É como explicita Brait (1996:106) ao afirmar que independente da dimensão da ironia, seja esta frasal ou textual, “desencadeia-se um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador”.

No carnaval medievo, a linguagem familiar e coloquial da praça pública caracteriza-se pelo emprego de grosserias, expressões fortes e injuriosas. Tem uma função ambivalente, pois o uso de profanações, blasfêmias, insultos, imprecizações e obscenidades é, ao mesmo tempo, humilhante e libertador. O vocabulário da carnavalização está intrinsecamente relacionado à atmosfera de liberdade, franqueza e familiaridade da praça pública.

Conforme tratado anteriormente na seção 1.3, o carnaval, assim como a manifestação social, visa acabar com as hierarquias, todos estão juntos dividindo o espaço público, ruas e praças, sem qualquer desigualdade entre eles. Já no que tange à ocupação do espaço, a ação carnavalesca tinha como palco principal praças e ruas contíguas, além de entrar nas casas. Seu limite era temporal, não físico. “A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito a “exterritorialidade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra” (idem: 132). No caso das manifestações, estamos diante de uma limitação física, a ocupação e a marcha de uma manifestação não são decididas exclusivamente pelos manifestantes.

A imagem abaixo revela a polícia demarcando o território onde os manifestantes não podem mais avançar em protesto em Istambul, na Turquia em 2011. “A rua repleta de manifestantes é uma rua comercial, com lojas de marcas famosas, e desemboca na Praça Taksin. Inúmeras vezes o limite/barreira policial foi transposto, o conflito

aconteceu e o carro blindado antimanifestante com jatos d'água foi acionado". (GOHN, 2015: 119).



**Imagem 5:** [<http://www.covertbookreport.com/turkish-protests-the-next-big-thing/>]  
**Protesto em Istambul, na Turquia em 2011.**

Pensar o riso no âmbito das manifestações de rua é pensar o riso como instrumento político, pois, como afirma Bakhtin (idem: 81), “o riso, menos do que qualquer coisa, jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ninguém conseguiu jamais torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre como uma arma de liberação nas mãos do povo”.

Assim como o carnaval medieval “era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto” (ibid.: 8), o tempo das manifestações também é o tempo do futuro. As manifestações são o espaço das utopias, onde as mudanças e a renovação apontam para um futuro idealizado.

A partir da perspectiva dos princípios da carnavalização bakhtiniana expostos nesta seção, temos como objetivo analisar as manifestações sociais para identificarmos as formas de manifestar-se e significar-se do sujeito-manifestante.

## 2. OBJETO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Neste estudo, nosso objeto são as manifestações sociais ocorridas no período de abril a agosto de 2013 na Argentina, no Brasil e na Espanha. Tomamos para análise os artefatos – máscaras, cartazes, diferentes objetos, pinturas faciais, nariz de palhaço - como operadores discursivos, buscando aí pensar como se constitui a posição discursiva do sujeito-manifestante. Por efeito de deslizamento de sentido, entendemos como máscaras, não somente o acessório utilizado sobre a face, mas também os demais artefatos utilizados pelos manifestantes para expressarem-se durante os protestos de rua.

As máscaras, tomadas aqui como discurso “lugar de significação, de confronto de sentidos, de estabelecimento de identidades” (ORLANDI, 2008a: 23) significam em relação ao lugar social no qual estão inscritas; portanto, abordamos, neste capítulo, as condições de produção sob as quais apareceram tais práticas discursivas visando contextualizar o momento histórico-político que viviam os países citados no ano de 2013 e que possa ter motivado os mais variados protestos de rua.

A AD trabalha com a linguagem como fato, que tem a sua origem ligada ao político. Por político entende-se a “materialidade da linguagem, materialidade essa ao mesmo tempo linguística e histórica” (ibid.:31). No contexto da interpretação, a história não é uma sucessão de fatos que possuem significado inerente. Os fatos requerem sentido que só pode ser apreendido no discurso. Na formulação dos sentidos, não pensamos a história como evolução e cronologia, o que importa não são datas, mas a maneira como os sentidos são produzidos e circulam (ORLANDI, 2012). Segundo Pêcheux (2010: 78), um discurso não pode ser analisado como uma sequência linguística isolada, “é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”.

Um discurso é pronunciado a partir de condições de produção dadas (Pêcheux, 2010) que, por sua vez, envolvem os sujeitos, a situação e a memória. Para Orlandi (2009), temos as condições de produção no que tange as circunstâncias da enunciação, que, em sentido estrito, refere-se ao contexto imediato. E em sentido amplo, as condições de produção abarcam o contexto sócio-histórico e ideológico.

As manifestações selecionadas nos três países pano de fundo de nossa pesquisa apresentam como principais características comuns: i) terem sido convocadas por coletivos e não por partidos políticos ou sindicatos, ou seja, foram mobilizações que ocorreram de forma horizontal sem lideranças partidárias ou monopólio de sindicatos;

ii) serem movimentos oriundos de uma crise de representação política, com críticas ao governo vigente no que tange, principalmente, aos atos corrupção; iii) manifestações organizadas via internet/redes sociais e que têm como território de organização, acontecimento e reivindicação, além do espaço virtual, o urbano, com a ocupação de praças e marchas por ruas e avenidas.

O objetivo deste estudo não é esmiuçar a conjuntura político-econômica interna e externa dos países analisados, mas entendemos que se faz necessário estabelecer as condições de produção que possibilitaram o surgimento das manifestações de rua no Brasil, na Argentina e na Espanha no ano de 2013. Assim, nas seções subseqüentes, apresentamos o momento histórico-político vivido pelos três países analisados no ano de 2013 e a conjuntura externa que antecedeu tais protestos e que possam ter influenciado essas manifestações. Também destacamos o processo de organização e como se desenvolveram os protestos.

A priori, destacamos que dentro das suas especificidades reivindicatórias e de condições de produção, podemos identificar não só divergências, mas também similitudes nos discursos dos manifestantes dos três países e que são discutidos nos demais capítulos.

## **2.1 Antecedentes de 2013**

Pensar as manifestações de 2013 na Argentina, no Brasil e na Espanha é pensar nos movimentos que as antecederam, é pensar em mobilizações que ocorreram no Oriente Médio, nos Estados Unidos e na Europa e que também começaram nas redes sociais ocupando posteriormente praças e ruas.

A onda de protestos, revoltas e mobilizações populares no Oriente Médio e norte do continente africano, denominada “Primavera Árabe”, iniciou-se na Tunísia, no final de 2010, espalhando-se depois para o Egito, Líbia, Iêmen, Síria etc.

Na Tunísia, os protestos, que ficaram conhecidos como a “Revolução de Jasmin”, tiveram como estopim o episódio ocorrido no dia 17 de dezembro de 2010, quando o vendedor de fruta, Mohamed Bouazizi, ateou fogo ao próprio corpo como forma de protesto após ter as suas mercadorias confiscadas.

Na realidade, não foi somente o ato de confisco, o tunisiano foi alvo em público de palavras pesadas, depreciativas que atingiram a sua moral. Uma fotógrafa que acompanhava os protestos e a violência contra os manifestantes naquele país registrou o fato e colocou na internet, rompendo com o apagão

mediático imposto pela censura do então Presidente Bem Ali. Também teve importância o blog *Nawaat*, de Astrubal. O mundo todo, com acesso às redes e mídias sociais, vislumbrou o ato de desespero do tunisiano e a rede de solidariedade internacional foi imediata. (GOHN, 2015: 98)

Segundo Gohn (2013), o descontentamento da população com o regime político ditatorial, a repressão e a crise na economia foram os principais motivadores das manifestações que ocuparam as ruas de Tunis e que acabaram derrubando o ditador Zine El Abedi Ben Ali, que fugiu em direção à Arábia Saudita, após 23 anos no poder no dia 14 de janeiro de 2011.

O Egito, diretamente inspirado pela “Revolução de Jasmin”, foi o primeiro a seguir a Tunísia. Assim, no dia 25 de janeiro de 2011, os primeiros protestos ocorreram em várias cidades do Egito e, no Cairo, mais de 15 mil pessoas ocuparam a Praça de Tahrir. Convocadas pela internet, as manifestações tinham como objetivo principal derrubar o governo de Hosni Mubarak e como “temas centrais a violência policial, o desemprego, a democratização do país, moradia, corrupção e liberdade de expressão” (RICCI & ARLEY, 2014: 96).

No quarto dia de protestos, 28 de janeiro, o acesso à internet e aos serviços de telefonia móvel é cortado no país. No dia seguinte, Mubarak declara toque de recolher e o Exército vai para as ruas. Depois de 18 dias consecutivos de protestos, o presidente Hosni Mubarak, após trinta anos no poder, faz um pronunciamento anunciando sua renúncia.

Ricci & Arley destacam as peculiaridades e a diversidade cultural, religiosa e política do mundo árabe (composto por 21 estados) e afirmam que, portanto, a “Primavera Árabe” não foi tão unificada e similar como se pode pensar em virtude da onda de manifestações estarem todas agrupadas sob uma mesma denominação. Assim, apesar dos protestos terem conseguido derrubar vários governos, como no Egito, na Tunísia, no Iêmen e na Líbia<sup>18</sup>, após a “Primavera Árabe”, apenas a Tunísia conseguiu manter o regime democrático.

Em 2011, inúmeras manifestações espalharam-se por países europeus, “enquanto a busca da liberdade fez da indignação a força propulsora das revoltas árabes, na Europa a força adveio da situação socioeconômica” (GOHN, 2013: 33). Ruas e praças de países como Portugal, Grécia, Reino Unido e Irlanda foram tomadas por manifestantes contra

---

<sup>18</sup> Os protestos na Líbia foram violentamente reprimidos dando origem a uma guerra civil que resultou na morte de Muammar Gradafi, no poder desde 1969.

políticas econômicas de austeridade. Enquanto Grécia, Portugal e Irlanda ao recorrerem à União Europeia e ao FMI para cobrir um rombo fiscal adotaram medidas de recessão que agravaram o desemprego, Espanha, Reino Unido e Itália enfrentavam desemprego, dívida pública e déficit fiscal.

Na Espanha, o Movimento dos Indignados ficou conhecido como 15M, em alusão ao dia 15 de maio de 2011, data da primeira manifestação convocada pela plataforma “Democracia Real Ya” (DRY)<sup>19</sup> através das redes sociais da *internet*. O descontentamento era decorrente da crise econômica iniciada em 2008, dos cortes sociais e das ajudas públicas aos bancos<sup>20</sup>. Assim, sob o lema “No somos mercancía de políticos ni de banqueros” (Não somos mercadorias de políticos, nem de banqueiros), mais de 80.000 pessoas foram às ruas em sessenta cidades da Espanha, segundo o jornal *El país*. Os manifestantes, ainda segundo o periódico supracitado, era um grupo heterogêneo, que abrangia desde jovens desempregados até profissionais, mas todos aglutinados em torno a um tema comum: exigir mudanças profundas no sistema político, econômico e eleitoral do país. Pediam uma democracia mais participativa (uma democracia real!) e protestavam contra o desmonte do Estado de bem-estar social, a política de austeridade do governo com cortes nos salários, na saúde e na educação. “Os manifestantes exigiam que as propostas de cortes fossem alvo de referendo nacional” (GOHN, 2013:35).

Na imagem a seguir, vemos uma das convocatórias da “Democracia Real Ya” nas redes sociais que convoca os cidadãos a “tomar la calle” (tomar/invadir a rua), pode-se perceber o repúdio aos banqueiros e políticos na busca por uma democracia real ao reafirmar o lema “No somos mercancía em manos de políticos y banqueros”.

---

<sup>19</sup> É uma plataforma criada para ajudar a coordenar ações globais e locais entre associações, grupos e movimentos cidadãos que queiram contribuir para modificar a atual situação, segundo o site do movimento (<http://www.democraciarealya.es/quienes-somos/>).

<sup>20</sup> <http://www.movimiento15m.org/2013/07/como-surgio-el-movimiento-15m.html>



Imagem 6: [<http://josefranciscogutierrez.blogspot.com.br/2011/05/>]  
Cartaz nas redes sociais de convocatória para manifestação na Espanha em 2011.

Gohn (2015) ressalta que o movimento não tinha a participação de partidos políticos, nem de sindicatos e que, desde o início, parlamentos, partidos, sindicatos, empresas, igrejas e a monarquia eram alvos de críticas durante os protestos. Ao lado da plataforma DRY, estavam coletivos como “Estados del Malestar”, “Juventud sin Futuro”, “Juventud en Acción”, “Plataforma de Afectados por la Hipoteca” etc. que organizaram e convocaram as manifestações de maneira horizontalizada, sem líderes ou uma organização central, através das redes sociais.

A manifestação do dia 15 de maio, em Madri, teve como saldo a detenção de 24 manifestantes. Ao final da marcha, um grupo de 40 manifestantes decide, então, ocupar a praça “Puerta del Sol”, de Madri, para continuar os protestos. Na madrugada do dia 17, a polícia desmonta o acampamento, mas os manifestantes voltam a instalar-se na praça com a intenção de permanecer no local até as eleições municipais do próximo dia 22 de maio.

O jornal “La Vanguardia” ressalta que Madri foi apenas uma das ramificações do movimento. Com a divulgação do acampamento *del Sol* (através da #acampadasol), milhares de “indignados” repetiram o movimento nos seus lugares de origem. Os acampamentos ocorreram em Barcelona, Valencia, Sevilha etc. onde eram celebradas assembleias para compartilhar objetivos e que resultaram em propostas redigidas em um manifesto.

No dia 12 de junho, os manifestantes abandonam a “Puerta del Sol” afirmando que o fim do acampamento não era o fim do movimento e das demandas. Em novembro, publicam um manifesto no qual criticam os cortes em serviços sociais e exigem uma mudança imediata de modelo baseado em três pontos: defesa do público, uma maior participação dos cidadãos na política e mais medidas contra a corrupção<sup>21</sup>.

Em 2013, o movimento 15-M deu origem ao Partido X que, segundo o site do partido, é um método criado para conquistar o espaço eleitoral e estabelecer uma verdadeira democracia. O método é formado por duas entidades: o Partido X, um partido político de fato e a *Red Ciudadana*, que “é um grupo de trabalho, comunicação e ação, um grande grupo de pressão cidadã dedicado a conquistar a verdadeira democracia do século XXI”<sup>22</sup>.

Inspirado nos Indignados Espanhóis surgiu o *Occupy Wall Street*. O movimento teve seu marco inicial no dia 17 de setembro de 2011 com a ocupação do Parque Zuccotti, em Nova Iorque, no sul de Manhattan, coração financeiro dos EUA. Inspirado nas manifestações dos movimentos da Primavera Árabe, a revista de crítica cultural canadense *Adbusters*, criada há mais de 20 anos, foi a principal articuladora do movimento ao publicar a convocação “*Occupy wall street... você está pronto para um momento Tahrir?*”<sup>23</sup> nas redes de mídias sociais.

O estopim do movimento foi à crise econômica que assolou os EUA em 2008 gerando críticas às políticas governamentais e rejeição ao sistema financeiro. Nesse cenário de crise, o movimento se espalhou por diversas cidades do país com o *slogan* “Nós somos os 99%” (“We are the 99%”) em referência à crescente desigualdade na distribuição de renda nos Estados Unidos, onde o 1% fica cada vez mais rico e o resto da população, 99%, empobrece. “Embora sem uma plataforma clara, o *slogan* citado criou uma identidade aos adeptos – ser contra ou criticar o capitalismo financeiro, não as instituições propriamente ditas” (GOHN, 2013: 40).

---

<sup>21</sup> [https://politica.elpais.com/politica/2011/11/08/actualidad/1320775394\\_562337.html](https://politica.elpais.com/politica/2011/11/08/actualidad/1320775394_562337.html)

<sup>22</sup> <https://partidox.org/>

<sup>23</sup> RICCI & ARLEY (2014: 88).



**Imagem 7:** [<http://www.dreadscott.net/works/we-are-the-99/>]  
**Cartaz do movimento *Occupy wall street***

Após seu surgimento, o *Occupy Wall Street* espalhou-se por 147 cidades dos Estados Unidos, em 45 estados americanos e para 900 cidades do mundo, em 82 países (GOHN, 2013). Os 200 manifestantes do Parque Zuccotti foram desalojados pela polícia em novembro de 2011. “Além das marchas e acampamentos, *Occupy Wall Street* gerou uma série de outros eventos, especialmente no campo das artes, como grafites, documentários, exposições de murais, revistas em quadrinhos e gibis, a exemplo do *Occupy Comics*” (ibid:45).

Em 2008, o coletivo *Anonymous*, que surgiu em 2004, conquistou notoriedade ao se posicionar contra a seita religiosa cientologia<sup>24</sup> com o “Projeto Chanology”. Um série de protestos foram realizados com ataques virtuais e inúmeros *posts* em *sites*, *blogs* e redes sociais acusando a cientologia de violar o princípio da liberdade de expressão. No dia 10 de fevereiro, houve uma manifestação simultânea em várias capitais do mundo, principalmente em frente às sedes da Igreja da Cientologia, na qual participaram 9 mil pessoas (GOHN, 2013).

Sem uma liderança central ou estrutura hierárquica definida, podemos afirmar que o “*Anonymous* não é um grupo, tampouco um conjunto unificado, formal ou permanente de indivíduos. Trata-se de uma ideia e uma forma de ação compartilhadas por uma ampla, difusa e heterogênea rede de grupos e indivíduos” (MACHADO, 2012:

---

<sup>24</sup> Foi fundada na Califórnia nos anos 1950 pelo escritor de livros de ficção científica L. Ron Hubbard. Em alguns países, inclusive nos Estados Unidos, tem condição de religião, em outros, como na França, é considerada uma seita. <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/03/5-segredos-da-igreja-da-cientologia-revelados-por-documentario-de-tv.html>

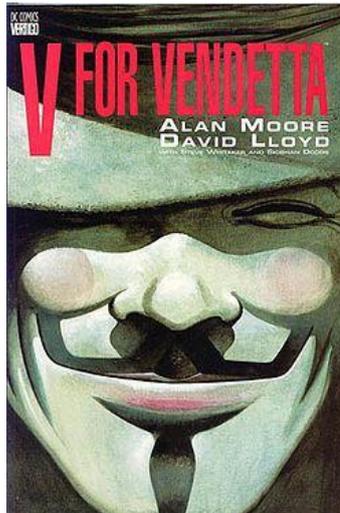
1536). O coletivo adota o anonimato para promover ações políticas de *hacking* (ativismo digital) em contexto mundial. Abaixo, temos a imagem 8 publicada no *site Anonymous Brasil*, na qual o grupo se descreve “Nós somos *Anonymous*. Nós somos uma legião. Nós não perdoamos. Nós não esquecemos. Nos aguardem!”.



**Imagem 8:** [<http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous/>]  
**Imagem de apresentação do grupo *Anonymous Brasil***

O símbolo do movimento é uma máscara que mostra um rosto branco, com bigode, cavanhaque e um sorriso de escárnio que já foi usada por manifestantes em diversas partes do mundo nas últimas décadas.

A máscara surgiu pela primeira vez na *graphic novel* “V de Vingança” (“V for Vendetta” no original), na década de 1980, criada por David Lloyd, e se popularizou com a adaptação da HQ para o cinema em 2006. A máscara é inspirada em Guy Fawkes, soldado inglês, enforcado por participar da “Conspiração da Pólvora”, em 1605, que pretendia explodir o Parlamento inglês, assassinando o rei Jaime I e os demais membros do Parlamento. Na imagem a seguir, vemos a capa da HQ.



**Imagem 9:** [<https://neuronionerd.wordpress.com/2012/01/20/a-origem-e-a-historia-por-tras-da-mascara-do-anonymous/>]  
**Capa da HQ “V de Vingança”**

As primeiras atividades do *Anonymous* no Brasil ocorreram em junho de 2011, quando derrubaram sites da Presidência da República ([www.presidencia.gov.br](http://www.presidencia.gov.br)) e do governo brasileiro, o Portal Brasil ([www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br)). Os ataques foram realizados em associação ao grupo de hackers autodenominado *LulzSec* (Rindo da Segurança) e, segundo declaração do grupo *Anonymous*, em um vídeo publicado na internet, o plano era invadir os sites de governos de todo o mundo, pois era “hora de mostrar a governos corruptos do mundo que eles não têm direito de censurar o que não possui<sup>25</sup>”.

Nos protestos de junho de 2013, o *Anonymous* teve intensa participação na articulação e divulgação dos atos principalmente nos dias 13, 17, 18, e 20 de junho.

Ricci & Arley (2014) ressaltam que as mobilizações da Primavera Árabe, dos Indignados da Espanha e o *Occupy Wall Street* nos EUA, em meio a tantas peculiaridades, têm pontos em comum: i) o uso das redes sociais virtuais (*Facebook*, *Youtube* e o *Twitter*); ii) foram liderados por jovens; iii) a violência policial foi estopim para a massificação das manifestações; iv) tiveram transmissão ao vivo pela televisão; v) ocupação de praças e órgãos públicos, evoluíram das marchas com milhares de pessoas para acampamento a céu aberto.

---

<sup>25</sup> <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,hackers-derrubam-sites-da-presidencia-e-do-governo-brasileiro,735612>

No cenário atual das manifestações e ocupações que encontram na internet e nas redes sociais espaço para organização e ativismo, Rheingold (2003) cunhou o termo *smart mobs* para referir-se às mobilizações sociais articuladas via dispositivos digitais móveis conectados à internet.

As *smart mobs* emergem da sinergia entre a comunicação móvel, a computação portátil, as redes telemáticas sem-fio e as diversas formas de ação coletiva. Há assim, diversas formas de *smart mobs*: políticas (mobilização social para ação política em espaços públicos), social (para articulação de encontros em redes sociais - jovens adolescentes que se coordenam via SMS, por exemplo), profissional (redes de coordenação de atividades nos diversos ramos da atividade produtiva), artístico-performáticas (chamadas de *flash mobs*, de caráter lúdico, lembrando happenings e performances). (LEMOS, 2007: 73).

Se antes da internet, organizar uma manifestação exigia a presença física na distribuição de panfletos entregues de mão em mão e na colocação de faixas e cartazes para divulgação do ato, com o advento das novas tecnologias da informação as mobilizações passaram a ser organizadas e convocadas através de mensagens via aparelhos móveis, em *posts* em site e blogs ou em eventos nas redes sociais.

A forma de comunicação entre os jovens manifestantes também se alterou e saber se comunicar on-line ganhou status de ferramenta principal para articular as ações coletivas. A comunicação não ocorre só por meio de computadores e Internet. Celulares e diferentes formas de mídia móvel passaram a ser meios de comunicação básicos e o registro instantâneo de ações transformou-se em arma de luta, em ações que geram outras ações como resposta. *Twitter, Facebook, Youtube, LinkedIn, Zynga* etc., acionados principalmente via aparelhos móveis, como *BlackBerry* e *iPhone* são ferramentas do ciberativismo que se incorporaram ao perfil do ativista. (GOHN, 2013:17)

Nas seções subsequentes, enfocamos as condições de produção e as manifestações nos três países supracitados.

## **2.2 Manifestações na Argentina em 2013**

2013. Argentina. O país é governado pela, então, presidente Cristina Elisabet Fernández de Kirchner, desde 2007, quando foi a primeira mulher eleita pelo voto direto no país. Em 2011, foi reeleita para mais um mandato que durou até 2015, quando foi sucedida por Mauricio Macri.

Para este estudo, destacamos duas manifestações uma ocorrida no primeiro semestre do ano de 2013 e outra no segundo; o protesto denominado 18A realizado no dia 18 de abril e o 8A, em 8 de agosto, ambos contra o governo nacional da presidente Cristina Kirchner. Em 2012, os mesmos coletivos, anti-Cristina Kirchner, já haviam convocado duas outras manifestações: a 13S, realizada no dia 13 de setembro, e a 8N, no dia 8 de novembro.

A mobilização do dia 18 de abril, denominada “Cacerolazo 18A” (Panelaço 18A) ou simplesmente 18A, foi impulsionada pela rejeição ao projeto de reforma judicial proposto pelo governo, mas também teve como pauta a insegurança, o repúdio a corrupção e a inflação como podemos observar nos *banners* abaixo que foram divulgados nas redes sociais para convocar os manifestantes.



**Imagem 10:** [[http://seprin.info/2013/04/18/preocupacion-en-el-gobierno-por-la-marcha-del-18-de-abril-a-raiz-de-la-bron-ca-de-los-inundados-y-el-golpe-de-estado-al-poder-judicial/.](http://seprin.info/2013/04/18/preocupacion-en-el-gobierno-por-la-marcha-del-18-de-abril-a-raiz-de-la-bron-ca-de-los-inundados-y-el-golpe-de-estado-al-poder-judicial/)] Cartaz de convocação contra a reforma da Justiça, 18 de abril de 2013, Argentina.



**Imagem 11:** [<http://www.lanacion.com.ar/1572397-18a>] Cartaz de convocação para manifestação do dia 18 de abril de 2013 na Argentina.

O ato, convocado pelas redes sociais por coletivos como “El Anti K”, “Argentinos Indignados”, “El Cipayo”, entre outros, contou também com a participação de vários dirigentes da oposição que aderiram ao protesto<sup>26</sup>. O epicentro principal da manifestação foi a cidade de Buenos Aires, mas, segundo o governo portenho, mais de um milhão de pessoas se mobilizaram em distintos pontos da capital. Em resposta aos pedidos dos organizadores que queriam "hacer sonar las cacerolas en todo el mundo" (‘Fazer soar panelas em todo mundo’), houve manifestações em outras cidades do país, como Córdoba e Rosário, e também no exterior com protestos em Washington, Madri, Roma, entre outras capitais. Segundo o periódico *on line* “La Nación”<sup>27</sup>, a maioria dos protestos fora do território argentino ocorreu em frente aos consulados ou embaixadas argentinas. Na imagem a seguir, vemos o #18A realizado na esquina do consulado argentino em Barcelona.



**Imagem 12:** [<http://www.lanacion.com.ar/1574178-los-cacerolazos-tambien-sonaron-en-varias-ciudades-del-mundo>]

**Imagem do protesto no consulado argentino em Barcelona, Espanha.**

A convocação de protestos como o 18A, que ultrapassa as fronteiras nacionais, ainda que o tema a ser discutido não seja global, é possível em virtude do uso das novas tecnologias da informação na organização e realização dos protestos. Como a mobilização é via internet por meio, principalmente, das redes sociais, pode-se, facilmente, convocar cidadãos que estão vivendo fora do país para participar da mobilização no exterior gerando mais visibilidade para o movimento.

---

<sup>26</sup> “El Pro; la UCR; el PJ disidente; la Coalición Cívica, de Elisa Carrió, y el Frente Amplio Progresista, de Hermes Binner, fueron algunos de los partidos o alianzas que movilizaron a su tropa y a sus principales dirigentes desde distintos puntos de la ciudad para llegar a la Plaza de Mayo”. <http://www.lanacion.com.ar/1573999-cacerolazo-18a-oposicion>

<sup>27</sup><http://www.lanacion.com.ar/1574178-los-cacerolazos-tambien-sonaron-en-varias-ciudades-del-mundo>

A manifestação de 18 de agosto na Argentina, por sua vez, ocorreu três dias antes das eleições primárias<sup>28</sup> do país e teve como lema "Basta de corrupción!". Mais uma vez os argentinos foram às ruas para protestar contra a presidente, rejeitando uma possível reeleição, pedindo o fim da corrupção, a favor da liberdade da imprensa e contra a insegurança entre outras solicitudes como podemos ver nos cartazes de divulgação do evento nas redes sociais. A imagem 13 mostra o mote que mobilizou a convocação ("Basta de corrupción"), já o cartaz da imagem 14 tem como fundo a bandeira argentina e vem acompanhado de algumas pautas a serem reivindicadas no dia 8 de agosto de 2013.



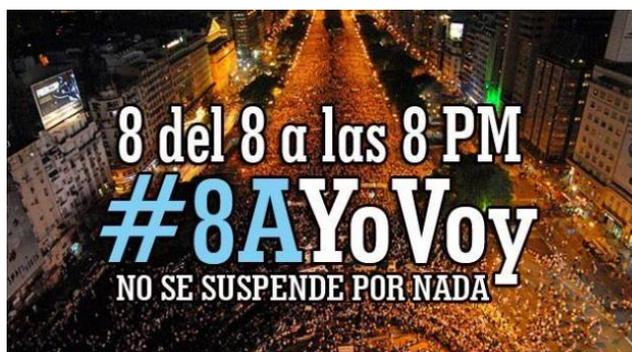
Imagem 13: [[https://www.taringa.net/anti\\_\\_che/mi](https://www.taringa.net/anti__che/mi)]  
Cartaz de convocação para manifestação do dia 8 de agosto de 2013, Argentina.



Imagem 14: [<https://twitter.com/isadoraantik>]  
Cartaz de convocação para protesto do dia 8 de agosto de 2013, Argentina.

<sup>28</sup> São eleições obrigatórias (todos os maiores de 18 anos têm que votar) e abertas (pois todos os cidadãos participam da seleção de candidatos) nas quais os argentinos elegem os representantes que participarão das eleições legislativas. Ou seja, as eleições primárias são um método de seleção de candidaturas para cargos públicos eletivos nacionais e de habilitação de partidos e alianças para competir por tais cargos. (<http://www.argentinaelecciones.com/informacion-que-son-las-elecciones-primarias-77.html>)

Apesar de o governo ter decretado, na ocasião, luto nacional por 48 horas em virtude de uma explosão ocorrida no dia 6 de agosto em um edifício no centro de Rosário, cidade a 300 km ao norte de Buenos Aires, que matou 22 pessoas e deixou outras 66 feridas, a manifestação foi confirmada como podemos ver no anúncio publicado pelo coletivo “No Más K” na rede social *facebook*.



**Imagem 15:** [<https://www.taringa.net/comunidades/urgente24/7719614/Por-el-duelo-se-refuerza-la-convocatoria-al-8a.html>]

**Cartaz de convocatória para a manifestação do dia 8 de agosto de 2013 na Argentina.**

A justificativa para a confirmação do protesto era que, segundo os manifestantes e organizadores do movimento, não era uma comemoração e, portanto, não violava o luto. De qualquer maneira, foi a menor das quatro manifestações proposta em sequência (as três anteriores foram 13S, 8N em 2012 e 18A em 2013) contra o governo da presidente Cristina Kirchner. Em Rosário, o panelaço se transformou em uma “marcha de velas”, como denominou o jornal “La Nación” e como podemos ver na imagem 16.



**Imagem 16:** [<http://www.lanacion.com.ar/1608973-con-una-protesta-menos-masiva-el-8-a-movilizo-a-los-caceroleros-mas-duros>]

**“Marcha de velas” dia 8 de agosto de 2013, Rosario, Argentina.**

Sem liderança estabelecida como nas três ocasiões anteriores, a manifestação foi impulsionada pelas páginas da rede social *facebook* de coletivos como “El Cipayo”, “El Anti K”, “Yo no vote a La Kretina y Ud?” entre outras. Uma vez convocado, o protesto foi difundido e teve, só no *twitter*, 92.417 menções<sup>29</sup>. Apesar de a mobilização ter sido menos massiva que as antecessoras, fontes policiais calculam que cerca de 1.500 pessoas estiveram na porta da Quinta Presidencial de Olivos, principal residência oficial do presidente da Argentina. Diferentemente da manifestação de 18 de abril, os políticos não participaram do ato, as exceções foram Gerónimo Venegas do Partido Fe e secretario geral de Uatre (sindicato dos trabalhadores rurais da Argentina) e Gustavo Vera candidato de *Coalición Sur* na primária pelo UNEN.

### 2.3 Manifestações no Brasil em 2013

2013. Brasil. Governado por Dilma Rousseff eleita em 2010, após fazer parte do ministério do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva como ministra de Minas e Energia e como Ministra-chefe da Casa Civil, o país é sede da Copa das Confederações<sup>30</sup> em meios aos preparativos para sediar a Copa do Mundo de Futebol no ano seguinte.

No mês de junho, em 12 capitais e em várias outras cidades do país, o Brasil viveu uma onda de manifestações populares nas ruas, praças e avenidas. “No auge dos protestos, 353 cidades se envolveram, chegando a mobilizar um milhão de pessoas em um só dia (20 de junho)” (GOHN, 2015: 8). Os protestos desse período foram organizados por coletivos políticos não hierárquicos, com gestão descentralizada e que convocavam os manifestantes via redes sociais.

As manifestações iniciaram-se no dia 6 de junho quando, liderados pelo Movimento Passe Livre (MPL)<sup>31</sup>, cerca de 2.000 manifestantes, segundo a PM, foram às ruas da capital paulista contra o aumento da tarifa de ônibus municipais, que havia

---

<sup>29</sup> <http://illuminatilab.com/blog/?p=710>

<sup>30</sup> Competição de futebol realizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) a cada quatro anos. Em 2013, aconteceu no Brasil entre os dias 15 e 30 de junho.

<sup>31</sup> Criado em 2005 em Porto Alegre no Fórum Social Mundial o MPL “é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um *transporte público de verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”. (<http://tarifazero.org/mpl/>)

subido de R\$3,00 para R\$3,20. O protesto terminou em confronto com a polícia, que utilizou bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha para dispersar os manifestantes.

Gohn (2015: 22) destaca que “a princípio esse movimento foi visto como ato de estudantes” e que se podia observar “um claro tom de reprovação na mídia ao retratar o ato como algo relacionado ao vandalismo”. O jornal *on line* G1, por exemplo, ao divulgar essa primeira manifestação enfatizou a atuação dos manifestantes ao dizer que “deixaram um rastro de destruição e sujeira na Avenida Paulista. O vandalismo atingiu a estação Brigadeiro do Metrô, o Shopping Paulista, bases móveis da PM, bares e bancas de jornal da região”.<sup>32</sup>

Singer (2015) divide os acontecimentos do mês de junho em três fases com duração de cerca de uma semana cada. O primeiro ato teve manifestações no dia 6 (início do ciclo), 7, 11 e 13 de junho quase exclusivamente na cidade de São Paulo. Destacamos também pequenas manifestações no Rio Janeiro, Natal e Goiânia no dia 6.

Nesse primeiro momento, um objetivo era compartilhado por todos os manifestantes, a redução do valor das passagens do transporte público. Com a repressão violenta da polícia também podíamos encontrar cartazes pedindo o fim da violência policial, como na imagem a seguir:



**Imagem 17:** [<http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2013/06/fotos-sp-tem-4-dia-de-protestos-contr-aumento-das-tarifas.html#F836631>]

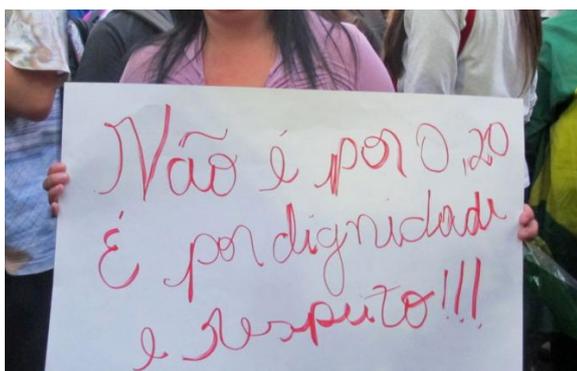
**Cartaz contra a violência policial em manifestação em junho 2013, São Paulo, Brasil.**

<sup>32</sup> <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/manifestantes-depredam-estacao-de-metro-banca-e-shopping-na-paulista.html>

Nesse primeiro momento, o movimento ficou conhecido como a “Revolta dos vinte centavos”, e “Não é só por vinte centavos” transformou-se em frase de protesto em *posts* na internet (imagem 18) e em cartazes nas manifestações seguintes, como exemplificado na imagem 19.



**Imagem 18:** [<http://www.guairanews.com/2013/06/15/opinio-videofotos-venpraruaprotestosp-brasilacordou-por-ricardo-soares-borghetti/>]  
**Cartaz explicativo sobre as manifestações em junho de 2013 no Brasil.**



**Imagem 19:** <http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2013/06/fotos-veja-cartazes-dos-manifestantes-em-sp.html#F842715>  
**Cartaz na manifestação do dia 18 de junho em São Paulo, Brasil.**

A manifestação do dia 13 na capital paulista foi duramente reprimida com dezenas de feridos e mais de 400 detidos.

A repetição e intensificação dos embates levaram o governador paulista, Geraldo Alckmin, a anunciar um endurecimento para a quarta demonstração (na quinta, 13), quando um número indefinido de pessoas - a Polícia Militar (PM) calculou 5 mil, segundo os organizadores havia 20 mil - marchou pacificamente do centro da cidade até a rua da Consolação, sendo impedidas de prosseguir em direção à avenida Paulista. A partir daí inicia-se repressão violentíssima, que se espalha por ampla região da pauliceia, tendo a PM atuado sem controle por horas, atingindo transeuntes e jornalistas de maneira indiscriminada. Depoimentos de partícipes e observadores deram conta de policiais "enlouquecidos" e "cenas de guerra" a céu aberto. (SINGER, 2015: 25)

O ato do dia 13 marca, então, a mudança no movimento. “O impacto das imagens e os relatos do 4º Ato marcaram a virada da opinião pública às manifestações e a adesão de milhares de pessoas que passam a ir às ruas nos atos seguintes” (GOHN, 2015: 23). Inicia-se, então, a segunda etapa de mobilizações que compreende as manifestações dos dias 17, 18, 19 e 20 de junho.

A quinta manifestação, dia 17 de junho, convocada pelo MPL reuniu, em São Paulo, 75 mil pessoas, segundo o Datafolha, e levou mais de 250 mil a protestarem em cerca de 30 cidades brasileiras, de acordo com informações do portal G1. Com uma participação mais abrangente e diversificada da sociedade nas manifestações, temos a ampliação das demandas como enfatiza Singer (2015: 25): “De milhares, as contas de gente na rua passam a centenas de milhares. (...) Surge quase um cartaz por manifestante, o que leva a uma profusão de dizeres e pautas (...)”. Estavam nas ruas dizeres contra a corrupção, os gastos abusivos com a Copa do Mundo de Futebol, a má qualidade dos serviços públicos, entre outras demandas.

No dia 18 de junho, quatro capitais anunciaram a redução das tarifas, Cuiabá, Porto Alegre, Recife e João Pessoa. No dia seguinte, é a vez de Rio de Janeiro, São Paulo e Aracaju. Até o final de junho, no total, 17 cidades reduziram o valor das passagens.

Com a redução das tarifas em várias cidades nos dias anteriores, o protesto do dia 20 foi mantido como comemoração da vitória da principal exigência dos protestos (GOHN, 2015). A sétima manifestação mobilizou mais de um milhão de pessoas em 75 cidades do país. Só na cidade do Rio de Janeiro, 300 mil foram às ruas.

A última fase, descrita por Singer (2015), inicia-se no dia 21<sup>33</sup> e vai até o final do mês de junho. Esse período caracteriza-se por apresentar o movimento fragmentado em mobilizações parciais com objetivos específicos.

Por exemplo, em São Paulo, uma passeata contra o Projeto de Emenda Constitucional 37 reuniu cerca de 30 mil pessoas no sábado, 22. Na mesma tarde, em Belo Horizonte, perto de 70 mil pessoas protestaram contra os gastos para a Copa diante do jogo entre Japão e México. Ainda sob o impulso da força liberada na segunda fase, mas já separadas por inclinações diferentes, as manifestações começam a se dividir, como um rio que se abrisse em múltiplos braços no descenso da montanha. (Idem: 26)

---

<sup>33</sup> No dia 21, o MPL anunciou que não convocaria mais mobilizações por já ter alcançado a pauta inicial (a redução da tarifa em São Paulo) e, em virtude, dos atos de vandalismo e violência nas manifestações. (GOHN, 2015).

Gohn (2015:10) explica que, no decorrer do segundo semestre de 2013, as manifestações “foram desaparecendo enquanto movimento de massa”, mas que os protestos de junho de 2013 são um marco político no país por terem mobilizado e sensibilizado a sociedade que foi para as ruas e por terem feito com que o governo reformulasse seu discurso e agisse para tentar responder as demandas dos manifestantes.

#### **2.4 Manifestações na Espanha em 2013**

2013. Espanha. O país tem como modelo de governo uma monarquia parlamentarista no qual o rei exerce a função de chefe de estado sob o controle do poder legislativo e executivo. O Presidente do Governo do país é Mariano Rajoy Brey desde 21 de dezembro de 2011, quando foi nomeado pelo rei Juan Carlos<sup>34</sup> e eleito mediante o voto do Congresso dos Deputados.

Em 2013, o Governo espanhol é comandado por um presidente que está sob suspeita de receber dinheiro de construtoras, companhia de seguro e de doações anônimas através do Partido Popular (PP). A investigação ficou conhecida como “Caso Bárcenas” e teve início com a publicação na imprensa de uma suposta contabilidade paralela do PP. O partido recebia grandes doações de empresas que eram distribuídas pelo tesoureiro do PP, Luis Bárcenas, a cada mês a altos cargos e para a cúpula do partido.

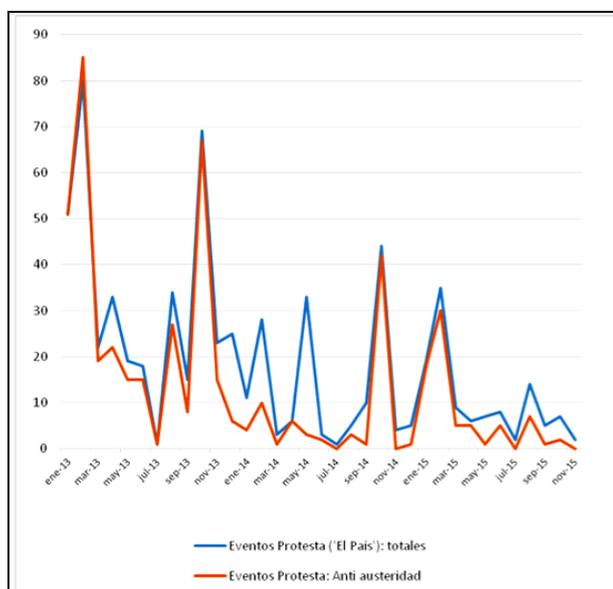
Diante de cortes na Educação, na Saúde e de casos de corrupção do Governo, em 2013, foram realizadas mais de 6.000 manifestações. Segundo o diretor geral da Polícia Nacional, nunca antes ocorreram tantas mobilizações no país<sup>35</sup>. A partir do estudo elaborado por Calvo e Garciamarín (2016), que abrange os movimentos ocorridos de 2008 a 2015, o gráfico a seguir (imagem 20) mostra que o número de protestos na Espanha em 2013 alcançou o índice mais alto e que houve uma diminuição em comparação com os anos subsequentes. Ainda de acordo com os autores, os protestos aumentaram entre 2010 e 2013, coincidindo com as diferentes mobilizações associadas ao Movimento M-15 e com a *Mareas Ciudadanas* (movimentos de cidadão contra os

---

<sup>34</sup> Em 2013, Juan Carlos I ocupava o cargo de chefe de estado desde 1975. Em junho de 2014, Felipe VI torna-se rei e chefe de estado após a abdicação de seu pai. (<http://www.casareal.es/ES/Paginas/home.aspx>)

<sup>35</sup> <http://www.fronterad.com/?q=bitacoras/carac/especial-2013-ano-movilizaciones>

cortes em saúde, educação etc.). O gráfico mostra também que os protestos contra os cortes do governo (*Eventos Protesta: Anti austeridad*) representados pela linha laranja foram os que mais decaíram.



**Imagem 20:** [<http://blogs.elpais.com/alternativas/2016/02/pulsando-la-protesta-callejera-en-espa%C3%B1a.html>]

**Gráfico de número de protestos na Espanha em 2013**

Para a seleção do *corpus* da presente tese, selecionamos duas manifestações ocorridas na Espanha em 2013. A primeira, organizada sob o lema *Que se vayan ellos*, foi convocada para o dia 7 de abril de 2013 contra o desemprego, a precariedade e o exílio laboral. Já a segunda, realizada no dia 18 de julho de 2013, foi denominada *Barbacoa de chorizos* (*Churrasco de ladrões*) e tinha como principal mote exigir a demissão imediata do Presidente do Governo Mariano Rajoy.

A manifestação do dia 7 de abril de 2013 foi convocada pelo grupo *Juventud sin futuro* (JSF) que surgiu em Madri em abril de 2011 ao realizar um protesto contra a precariedade laboral, o desemprego e a privatização da educação. Sob o grito “aquí está la juventud precaria” (‘aqui está a juventude precária<sup>36</sup>’), a mobilização de 2011 foi um preâmbulo do que no mesmo ano seria o 15M.

Por sua vez, a marcha do dia 7 de abril de 2013 teve como objetivo principal denunciar o exílio forçado de milhares de jovens espanhóis, que, por não terem emprego

<sup>36</sup> Precários refere-se ao vocábulo Precariado: “segmento da classe trabalhadora composto por jovens adultos escolarizados, desempregados e/ou inseridos em empregos precários/flexibilizados” (GALVÃO, 2015: 1).

no seu país, são obrigados a buscar trabalho em países estrangeiros como podemos observar no cartaz divulgado nas redes sociais pelo coletivo JSF (imagem 21). O cartaz convoca os manifestantes para a concentração às 18 horas e explicita a situação dos jovens no país, que, segundo os organizadores do protesto, estão sem casa, sem trabalho, mas também sem medo e que eles não vão embora do país porque querem, mas são expulsos pela falta de oportunidades.



**Imagem 21:** [[http://www.heraldo.es/noticias/aragon/2013/03/30/el\\_movimiento\\_social\\_nos\\_vamos\\_nos\\_echan\\_cala\\_aragon\\_228049\\_300.html](http://www.heraldo.es/noticias/aragon/2013/03/30/el_movimiento_social_nos_vamos_nos_echan_cala_aragon_228049_300.html).]  
Cartaz de divulgação nas redes sociais do protesto de 7 de abril de 2013 na Espanha<sup>37</sup>

A manifestação foi a segunda parte de uma campanha intitulada “No nos vamos nos echan” (‘Nós não vamos, nos expulsam’), que, segundo o portal da internet<sup>38</sup> criado pelo coletivo JSF, visava denunciar “a situação de exílio forçado da juventude precária”. Na primeira fase da campanha, foi elaborado um mapa interativo que reúne informações das condições laborais de mais de 7000 jovens em mais de 50 países e apresenta a história do exílio forçado de quem teve que emigrar em busca de emprego e também dos que ficaram no país (Espanha), mas estão desempregados ou estão empregados com baixos salários.

De acordo com o coletivo, a campanha queria explicitar e denunciar as adversidades que encontram os jovens que vão para o exterior e os que sofrem a

<sup>37</sup> “Sem casa, sem trabalho, sem bolsa (de estudos), sem medo” (tradução nossa).

<sup>38</sup> <http://www.nonosvamosnosechan.net/>

precariedade dentro do próprio país, além de “estabelecer uma coordenação em longo prazo que permita elaborar soluções para o problema”<sup>39</sup>.

A mobilização, segunda fase do projeto, foi marcada para o dia 7 de abril de 2013 e teve manifestações em 33 cidades do mundo como Paris, Berlim, Amsterdam, Nova Iorque e Buenos Aires. Na Espanha, os protestos ocorreram nas cidades de Madri, Barcelona, Zaragoza e Palma de Maiorca. Em Madri, a marcha que começou às 19 h em Atocha e terminou às 21h na Praça *Puerta del Sol*, contou com 1.000 manifestantes, segundo a Polícia, cifra que sobe para 5.000 segundo os organizadores<sup>40</sup>.

Ao final da manifestação em Madri, na *Puerta del Sol*, os organizadores leram um manifesto no qual criticaram os cortes e pediram o fim da “política de austeridade”.

Já a manifestação do dia 18 de julho, convocada por diferentes coletivos ligados ao movimento 15-M como a vertente madrilenha *Acampada Sol*, *Marea Ciudadana*, a plataforma *Democracia Real Ya*, e a *Marea Blanca*<sup>41</sup>, ocorreu em frente das sedes do Partido Popular (PP) de diferentes cidades espanholas com o objetivo de lutar contra a corrupção e pedir a demissão do governo. Em Madri, o protesto aconteceu na rua Génova a partir das 20 horas, como podemos ver no cartaz divulgado nas redes sociais para convocar os manifestantes e que mostra o Presidente do Governo, Mariano Rajoy, como churrasqueiro da festa dos ladrões (“chorizos”) do PP.

---

<sup>39</sup> <https://www.goteo.org/project/no-nos-vamos-nos-echan/home?currency=USD>

<sup>40</sup> [https://elpais.com/elpais/2011/04/07/actualidad/1302164220\\_850215.html](https://elpais.com/elpais/2011/04/07/actualidad/1302164220_850215.html)

<sup>41</sup> <http://enpositivo.com/2013/07/barbacoa-de-chorizos/>



**Imagem 22:** [<https://www.cuartopoder.es/espana/2013/07/16/barbacoa-de-chorizos-para-exigir-la-dimision-de-rajoy/>]

**Cartaz de convocação nas redes sociais para o protesto de 18 de julho de 2013 na Espanha**

A motivação para o protesto foram as últimas declarações do ex-tesoureiro do partido, Luis Bárcenas, que afirmou, na Audiência Nacional (tribunal com sede em *Villa de Madrid* que tem jurisdição em todo o território espanhol), que o partido recebia grandes doações de empresas e várias lideranças do partido cobravam dinheiro extra (propina)<sup>42</sup>. Diante de tais informações, os coletivos associados ao 15M, divulgaram um comunicado no qual destacavam que o “la protesta pretende poner de manifiesto la gravedad de la situación endémica en el actual régimen político y económico, que vulnera sistemáticamente los principios elementales de la democracia” e denunciar “la falta de ética de los poderes públicos ante el incumplimiento de sus compromisos y la utilización de su estatus en beneficio propio”<sup>43</sup>.

A convocatória, a partir das redes sociais, era para às 20h, simultaneamente em mais de 50 cidades, mas as manifestações mais numerosas foram em Madri, Barcelona, Málaga, Sevilha e Valência. Em Madri, aproximadamente 2.000 manifestantes, segundo o periódico “20 noticias”, se concentraram em frente à sede do partido, na Rua Gênova, e depois de uma hora e meia seguiram o protesto em direção à Praça Cibeles.

À continuação, apresentamos a trajetória teórico-metodológica e de seleção do *corpus* desta investigação.

<sup>42</sup> <http://www.rtve.es/noticias/20130731/claves-del-caso-barcenas/604147.shtml>

<sup>43</sup> <http://enpositivo.com/2013/07/barbacoa-de-chorizos/>

### 3 OS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O título da presente seção se justifica na medida em que ao trabalhar com a Análise do Discurso de linha francesa (AD) não temos uma metodologia definida *a priori*. É de acordo com os objetivos da sua pesquisa que o analista define os pressupostos teóricos que conduzirão à análise do *corpus*.

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação. (ORLANDI, 2009: 64)

Como observações introdutórias, retomamos Courtine (1984)<sup>44</sup>, quando nos apresenta movimentos teóricos e metodológicos básicos da AD. O autor destaca as teses que articulam a concepção proposta: i) a ordem do discurso, denominada materialidade discursiva, é diferente da ordem da língua; ii) a relação entre língua e ideologia determina a materialidade linguística. Com base em Pêcheux (1975[2009]), Courtine destaca que o discurso materializa o contato entre o ideológico e o linguístico ao representar no interior da língua as contradições ideológicas e ao manifestar, de forma inversa, a materialidade linguística no interior da ideologia. Por conseguinte, “o discurso como objeto deve ser pensado na sua especificidade” (p.15), ou seja, deve-se considerar a materialidade discursiva como objeto próprio. Assim, trata-se de manter a análise linguística e, por outro lado, “a análise histórica das condições de formação dos conjuntos ideológicos como discurso” (p.15). O objeto de estudo da AD está inscrito na relação da língua com a história e a língua é o lugar material no qual os efeitos de sentido se realizam.

A contradição está inscrita na materialidade da língua e “longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo (...) constitui a própria lei de sua existência” (FOUCAULT, 1969 [2015]: 197). Por isso, Courtine (1984) destaca que a contradição é um elemento teórico que intervém na representação do real histórico e que é também, portanto, um objeto de análise.

---

<sup>44</sup> Texto publicado pela primeira vez em português na revista *Policromias*, junho/2016, com comentário do próprio autor.

A AD oferece um conjunto de princípios que, no momento de análise, são tomados como procedimentos metodológicos. Nesse contexto teórico, cada analista elabora seu próprio dispositivo de análise e utiliza os conceitos específicos da AD de acordo com os objetivos a serem investigados. Assim, são as questões de pesquisa e a natureza dos dados os responsáveis por desencadear a metodologia a ser utilizada (ORLANDI, 2009).

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele faz parte. O que ele faz diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. (ORLANDI, 2009: 63)

Ainda segundo a autora (2009), o dispositivo analítico é definido pela questão formulada pelo analista em conciliação com a natureza do material a ser analisado e a finalidade da análise. “Como a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de “seu” dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou aqueles conceitos, esse ou aquele procedimento (...)” (p.27).

O ponto de partida para a análise, por sua vez, pode ser na teoria ou na própria análise, como defende Petri (2013), sem nenhum prejuízo ao processo analítico e aos resultados da análise. No que tange as conclusões, estas dependem dos elementos teórico-metodológicos mobilizados durante o trabalho de análise.

Cada análise é única, porque o analista volta-se para a teoria para elaborar um dispositivo analítico adequado ao material que vai ser analisado. É como esclarece Orlandi (2013: 3) “(...) falar em disciplina de interpretação significa dizer que, na análise de discurso, múltiplas análises de um mesmo material é próprio da construção do conhecimento (discursivo) e constitui o debate intelectual, que faz o conhecimento se movimentar”.

Para construir um dispositivo teórico-analítico em AD é necessário conhecer bem a teoria para poder mobilizar as noções teóricas que permitem uma análise do discurso em investigação, pois conforme já apontado trabalhar com a AD é trabalhar com a incompletude e com a contradição. Por isso, a metodologia não é estanque “está em suspenso, em movimento, (de)pendendo como o pêndulo, revitalizando os olhares sobre o mesmo objeto” (PETRI, 2013: 41).

O corpus não é dado a priori, é construído a partir de gestos de leitura e segue critérios fundamentados no dispositivo teórico da AD. Assim, estabelecer um corpus é construir “um dispositivo de observação apto a revelar, permitir apreender o objeto discurso que ele se dá por tarefa interpretar” (MAZIÈRE, 2007:15).

Concebe-se, então, o “corpus discursivo” não como um conjunto fechado de dados provenientes de certa organização, mas como um conjunto aberto de articulações que se constrói no decorrer do processo analítico e que pode, segundo Courtine (2014), ser concluído apenas no final da análise.

De acordo com o autor (2014: 77), a formação dos corpora em Análise do Discurso apresenta-se de duas maneiras: *corpora de arquivos* e *corpora experimentais*. Os corpora de arquivo são “constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados”, isto é, são elaborados a partir da seleção de uma palavra-chave (palavra-polo) que são levantadas num contexto discursivo específico. Refere-se, portanto, a uma análise de arquivo documental. Os corpora experimentais, por sua vez, “equivalem à produção de sequências discursivas por locutores colocados em uma situação experimental definida”, são os que comumente chamados de coleta de dados.

Para Pêcheux (1983 [2010]: 51) arquivo é “[...] entendido, no sentido amplo, de campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, se constitui a partir de gestos de leitura que podem remeter a diferentes maneiras de ler e interpretar os documentos que formam o arquivo. As diferentes maneiras de leitura do arquivo exigem, segundo o autor, “uma descrição do trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (idem).

Em Foucault, o arquivo é “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa (...)” (FOUCAULT, 1969 [2015]: 158), é o que permite pensar as práticas discursivas de uma sociedade.

Entre a língua que define o sistema de construção de frases possíveis e o corpus que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação (...) entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem às regras de uma prática que permite aos

enunciados subsistir e, ao mesmo tempo, modificarem regularmente. È o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados. (idem: 159)

Discursivamente, o arquivo é um objeto linguístico e histórico que coaduna a materialidade da língua e da história. Para Pêcheux (1983 [2010]: 58), é “esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de trabalho de leitura de arquivo”.

O arquivo, enquanto materialidade discursiva, permite variados gestos de leitura e distintas interpretações, uma vez que é afetado pela historicidade.

O arquivo não é visto como um conjunto de “dados” objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica, mas como uma materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos. O material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de “comprovação”, onde se suporia uma interpretação unívoca (NUNES, 2007: 374).

O termo “gesto” em AD refere-se a atos no nível do simbólico (PÊCHEUX, 1983 [2010a]). O uso das expressões “gestos de leitura” e “gestos de interpretação”, segundo Orlandi (2012:84), faz “da leitura, da interpretação, um ato simbólico (...) de intervenção no mundo. Uma prática discursiva. Linguístico-histórica. Ideológica.”. Ainda segundo a autora, o gesto de interpretação do analista se dá com base em um dispositivo teórico e só é possível porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude e ocorre em algum lugar da história. “A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história” (Idem: 18). Os gestos de interpretação possibilitam identificar como a ideologia, a história e o político apresentam-se na materialidade discursiva.

Em “O discurso: estrutura e acontecimento” (1983[2012]), Pêcheux destaca dois momentos indissociáveis da análise de uma pesquisa: descrever e interpretar. No texto, o autor defende que descrever é o reconhecimento de um real específico sobre o qual se instala o real da língua, e que permite observar o “discurso-outro como espaço virtual de leitura” (idem:55) de um enunciado ou sequência. A presença virtual do discurso-outro na materialidade descritível marca “a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (idem:55), e permite a interpretação e, conseqüentemente, a produção de sentido(s).

A descrição da materialidade da língua pressupõe a interpretação dessa materialidade, esses processos, no entanto, não se apresentam como momentos estanques atuando de maneira alternada e sequencial na análise.

(...) o problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível (PÊCHEUX, 1983[2012]: 54).

Assim, é papel do analista, diante da materialidade do arquivo, encontrar o momento da descrição e o da interpretação e estar consciente de que não há uma interpretação absoluta como alerta Pêcheux (idem: 57) “Face às interpretações sem margens nas quais o interprete se coloca como um ponto absoluto, sem outro nem real, trata-se aí, para mim, de uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade”.

A trajetória de análise em AD está firmemente alicerçada na teoria, mas é a questão inicial proposta pelo analista que vai desencadear a construção do dispositivo teórico analítico. Retomando o explicitado no início deste capítulo, os dispositivos analíticos são selecionados a partir da questão inicial e do contato do analista com a discursividade que se quer analisar. Esse contato permite perceber como se deu a constituição de sentidos e quais dispositivos estiveram presentes nesse processo. Orlandi (2009: 62) define que o analista constrói seu dispositivo analítico e o particulariza “a partir da questão que ele coloca face aos materiais de análise que constituem o seu *corpus* e que ele visa compreender, em função do domínio científico a que ele vincula seu trabalho”.

Pode-se estabelecer três momentos do processo analítico discursivo relativos à questão posta pelo analista em seus objetivos: a constituição do arquivo, a formação do *corpus* e o recorte discursivo. Esse percurso, no entanto, não é linear, não há um encadeamento sequencial da formação do arquivo à seleção do *corpus* e ao recorte discursivo deste. Há, na verdade, um constante retorno à teoria, consulta ao *corpus* e análise, resultando em um processo de idas e vindas, no decorrer de toda a investigação.

No que tange ao *corpus*, Mazière (2007: 15) explica que os corpora são “constituídos em uma heterogeneidade ampliada, por meio de um processo co-extensivo à análise, por “trajeto temático” traçado no arquivo (...)”. Por trajeto temático em AD

entende-se o fato de o analista não buscar o tratamento de uma “questão” de história, mas de um tema. Segundo Guilhaumou e Maldidier (2010: 165), “a análise do trajeto temático fundamenta-se em um vaivém de atos languageiros de uma grande diversidade e atos de linguagem que podemos analisar linguisticamente e nos quais os sujeitos podem ser especificados”.

O *corpus* formado a partir do arquivo constituído pelo analista é, então, “um sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou de justaposição de homogeneidades contrastadas” (PÊCHEUX & LÉON, 2011 [1982]: 165). Arquivo e *corpus* apresentam-se como espaços heterogêneos de análise.

O conceito de recorte discursivo refere-se ao processo realizado pelo analista que fragmenta, recorta seu objeto de pesquisa. Segundo (ORLANDI, 1984), o recorte não é um segmento mensurável em sua linearidade, constitui-se uma unidade discursiva relacionada a uma “linguagem-e-situação”. Ainda para a autora (ORLANDI, 2012: 29), “como os recortes são feitos pela (e na) situação de interpretação, compreendem também um contexto mais amplo, que é o da ideologia”.

A seleção do arquivo desta tese teve início com as manifestações ocorridas no Brasil em 2013 e que permitiram o surgimento das primeiras questões de pesquisa. A carnavalização (conceito bakthiniano) percebida, em uma observação ainda superficial dos protestos de junho de 2013 no país, despertou o interesse para uma análise mais detalhada das práticas discursivas ocorridas nesses contextos. Em virtude do contato com diversas notícias e informações sobre os países hispânicos, por trabalhar como docente de espanhol, podemos observar que alguns desses países estavam vivenciando momentos com manifestações que apresentavam características semelhantes às do Brasil.

O foco era identificar, a partir das práticas discursivas dos manifestantes no momento dos protestos, como o sujeito-manifestante se apresenta e como expressa as suas demandas. Tendo como recorte espacial o período de abril a agosto de 2013, destacamos, para a seleção do arquivo, algumas características comuns que as manifestações deveriam apresentar: i) terem sido convocadas por coletivos e não por partidos políticos ou sindicatos, ou seja, foram mobilizações que ocorreram de forma horizontal sem lideranças partidárias ou monopólio de sindicatos; ii) terem como principal mote para os protestos a crise de representação política em virtude de

governos corruptos; iii) manifestações organizadas através da internet/redes sociais, mas que ocuparam praças e marcharam por ruas e avenidas para reivindicar suas demandas. A decisão recaiu sobre Espanha que já apresenta movimentos com características semelhantes desde 2011 com o surgimento dos *Indignados* e sobre a Argentina, que vinha se mobilizando desde 2012 contra o governo de Cristina Kirchner em manifestações com as mesmas similitudes.

Foram selecionadas duas manifestações na Espanha (ocorridas em abril e julho), duas na Argentina (realizadas em abril e agosto) e o conjunto de mobilizações ocorridas no mês de junho no Brasil. A opção por abranger todas as manifestações ocorridas no mês de junho de 2013 no Brasil decorre de todos os protestos desse período serem partes de uma mesma mobilização que se fragmentou pelo país.

Para a constituição do arquivo do presente estudo foram selecionadas imagens publicadas na mídia jornalística impressa e *online*, em livros e mídias sociais. Para a coleta de material *online* foram utilizados buscadores virtuais como *Google*, *Yahoo* e *Bing*, além dos buscadores dos próprios periódicos virtuais.

Nosso grande operador discursivo é a máscara, por nós significada como prática discursiva (FOUCAULT, 2008 [1971]), que recobre as práticas de linguagem do sujeito-manifestante como tal. Também trabalhamos a máscara em sentido bakhtiniano, concebida não como acessório para ocultar a face, e sim como uma imagem de identidade frente a outro.

O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as “macaquices” são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco. (...) no grotesco popular, a máscara recobre a natureza inesgotável da vida e seus múltiplos rostos. (BAKHTIN, 2013: 35)

Assim, estendemos o conceito de máscara para os demais artefatos utilizados pelo sujeito-manifestante no ato do protesto e que o caracterizam. São eles, as máscaras, os cartazes, as bandeiras, as panelas etc. A máscara, enquanto gesto de manifestação verbal e não verbal, coloca nosso objeto de estudo – as manifestações - dentro da dimensão discursiva de interseção de duas materialidades: o verbal e o não verbal. Enquanto prática discursiva, o que se tem é a materialização não verbal do grito do manifestante, ou seja, da sonoridade da rua.

#### 4 NO PERCURSO DA ANÁLISE

Neste capítulo, nosso objetivo é analisar as diferentes formas com que os manifestantes se valem no momento de protestos de rua realizados na Argentina, no Brasil e na Espanha buscando caracterizar o nosso sujeito-manifestante. Nesse percurso, estamos diante de movimentos com características semelhantes, mas com cenários diferentes e com memórias discursivas distintas. Numa perspectiva discursiva, nosso objetivo é analisar o processo de construção de dizeres sob determinadas condições: as manifestações.

Essa é a posição da análise do discurso que, teorizando a interpretação, propõe que se considere o sentido como “relação a”, compreendendo que a língua se inscreve na história para significar: quando se fala, mobiliza-se, pois, um saber que no entanto não se aprende, que vem por filiação e que nos dá a impressão de ter sempre estado “lá”. (ORLANDI,1998a: 10).

Na concretização do nosso caminhar metodológico, selecionamos os construtos teóricos da AD para a elaboração de um dispositivo analítico adequado a nossa investigação. Os dispositivos analíticos nos permitem a compreensão do mecanismo de produção de sentido, mas é somente em contato com a discursividade a ser analisada que se pode identificar quais dispositivos estão presentes na constituição do sentido de determinado discurso. Por conseguinte, o analista trabalha num constante ir e vir entre o material de análise, os dispositivos analíticos e a teoria visando (re)construir o sentido produzido pelo sujeito enunciador.

Para este estudo, foram selecionadas trinta e duas máscaras, organizadas segundo alguns princípios teóricos e segundo gestos languageiros significativos nas condições de produção determinadas. Os gestos aqui analisados recobrem a linguagem em expressão plena: o verbal e o não verbal.

Ressaltamos que as interpretações propostas são apenas uma possibilidade, pois como afirma Orlandi (2013:3)

A interpretação é aberta e a significação sempre incompleta em seus processos de apreensão. Há ineditismo em cada análise, e isto faz a riqueza da análise de discurso, seu caráter aberto e dinâmico. O objeto da análise é inesgotável face à possibilidade da compreensão dos processos discursivos possíveis. Com a análise não se objetiva interpretar o objeto submetido a ela, mas compreendê-lo em seu modo de significar. Assim, a análise não é sobre um objeto propriamente, mas sobre o processo discursivo de que ele é parte.

Nas seções seguintes, retomamos conceitos discutidos anteriormente e lançamos mão de novos, conforme as necessidades do processo de análise.

#### **4.1 Carnavalização**

No carnaval, o folião não assiste passivo, ele vive, participa do festejo que é para todos. É como define Bakhtin (2013: 6), “os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo”. O mesmo ocorre na manifestação, principalmente nas manifestações da atualidade, na qual o manifestante não é só sujeito do protesto no espaço urbano, mas também organizador e divulgador dos acontecimentos no espaço virtual.

No desenrolar deste capítulo, lançamos mão das características do conceito de carnavalização proposto por Bakhtin, que entendemos permeiam as manifestações sociais de rua.

##### **4.1.1 Carnavalização e máscaras**

Retomando o discutido na seção 1.4, Bakhtin (2013) destaca que na cultura popular da Idade Média, a máscara está associada à alegria das alternâncias, da negação da identidade, da metamorfose e da transferência. Na festa carnavalesca, a máscara é a negação do sentido único.

Neste estudo, atribuímos à máscara uma extensão de sentido, considerando, no caso, todos os artefatos usados pelos manifestantes no escopo semântico de máscara. Lembrando Calvino (1978), a expressão máscara designa aquilo que faz de uma face o produto de uma sociedade, de sua história.

Enfim, buscamos entender que “faces” mascaram/caracterizam os fatos políticos, alvo dos protestos nos três países aqui enfocados.

Passemos à análise.

##### **4.1.2 Carnavalização e máscara**

Em 1982, o roteirista Alan Moore e o desenhista David Lloyd criaram a história em quadrinhos (HQ) “V de Vendetta” (*V de Vingança*), cujo personagem - um vingador mascarado vítima de experiências genéticas – luta contra um estado dominado por um partido fascista numa fictícia e sombria Inglaterra. O personagem, denominado V, foi inspirado no revolucionário Guy Fawkes, inglês condenado à morte por traição em 1605

por participar da *Conspiração da Pólvora*, que planejava explodir o parlamento durante um discurso do rei James I.

Nos movimentos de protesto, retomando o apresentado anteriormente, a máscara de Guy Fawkes foi usada pela primeira vez pelo grupo de hackers ativistas *Anonymous* e, em seguida, pelos manifestantes do *Occupy Wall Street* em movimentos de ocupação de território contra o sistema financeiro. E a mesma vai estar presente no Brasil, na Argentina e na Espanha.



**Imagem 23:** [<http://solforo.com/showthread.php?t=3258>]  
Máscara usada na manifestação do dia 18 de julho na Espanha.



**Imagem 24:** [<http://www.infobae.com/2013/04/19/1069995-18a-masiva-protesta-contra-cristina-kirchner-argentina>]  
Máscara usada na manifestação do dia 18 de abril na Argentina.



**Imagem 25:** [<https://dialogospoliticos.wordpress.com/2013/06/21/mascara-de-v-se-torna-simbolo-em-manifestacoes-pelo-brasil/>]

**Máscara usada na manifestação do dia 21 de junho em Niterói, Brasil.**

A adoção da referida máscara em uma manifestação nos permite uma leitura que se concilia com as ideias políticas reveladas pelo personagem V, entendendo a máscara como um símbolo da força popular na luta pela liberdade e de resistência contra governos corruptos e autoritários. A máscara, embora possa significar a ocultação do rosto, ao mesmo tempo, dá unidade ao oferecer uma identidade coletiva. Ao ocultar a identidade do cidadão, a máscara dá poder e reconhecimento ao coletivo.

O uso das máscaras pelos manifestantes, hoje em dia, pode constituir, em termos discursivos, como um movimento de resistência ao controle de um Estado interventor e autoritário. Graças ao desenvolvimento tecnológico, é fácil, através de fotos e vídeos, identificar juridicamente muitos dos manifestantes e imputar responsabilidades, instaurando um movimento de vigiar, punir e calar os protestos<sup>45</sup>. Sob a proteção de máscaras, torna-se mais difícil ao Estado reconhecer e punir os manifestantes.

Por outro lado, quando vários manifestantes adotam máscaras ou artefatos semelhantes – nariz de palhaço, pinturas faciais, cartazes, etc. – contribuem à identificação do sujeito-manifestante.

Ao falar em identificação e forma-sujeito, recuperamos Pêcheux (2009 [1978]:198), que defende a forma-sujeito como resultado do efeito das formações

---

<sup>45</sup> Lembramos aqui, à ocasião do **SEPLA** (Seminário de Pesquisas Linguísticas em Andamento) em 2016, o comentário da professora Maria Carlota Rosa ao indagar a diferença entre os manifestantes de agora com relação aos das décadas de 1960 e 1970, que não usavam máscaras. Vale lembrar que à época não vigorava tal controle tecnológico.

discursivas (FD). Os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso por FD que representam “na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

A interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso supõe um desdobramento entre “sujeito da enunciação” (aquele a quem se atribui a responsabilidade pelo dito) e o “sujeito universal” (sujeito do saber). Para Pêcheux, esse desdobramento pode assumir três modalidades de tomadas de posição: na primeira, o sujeito se identifica com a forma-sujeito da formação discursiva; na segunda, o sujeito da enunciação se contraidentifica com a formação discursiva com a qual se confronta. A terceira modalidade seria a desidentificação. que, para Pêcheux, essa terceira modalidade não se efetuará, pois não existe indivíduo que não seja interpelado pela ideologia, portanto ocupando sempre uma determinada formação discursiva. Trata-se, na verdade, de um efeito paradoxal de desidentificação. A partir daí pode-se entender o funcionamento do discurso dos manifestantes, segundo os princípios abaixo.

**Discurso do “bom sujeito”**, onde há uma superposição (reconhecimento) entre o sujeito da enunciação e sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*”. Este é o discurso do “**bom sujeito**”, que reflete espontaneamente o Sujeito. Em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos em “plena liberdade”. (Pêcheux, idem)

**Discurso do “mau sujeito”**, onde o *sujeito da enunciação* “se volta” contra o *sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste em uma separação com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, *revertida* a seu próprio terreno. (Pêcheux, idem)

Os movimentos de rua seriam, então, agenciados pelos maus-sujeitos - sujeitos-manifestantes, pois, enquanto sujeitos da enunciação vão contra o sujeito universal, a partir uma “tomada de posição”, que consiste em questionamentos, contestação, revolta... O sujeito “produz as formas filosóficas e políticas do discurso-contra (isto é, contradiscurso), que constitui o ponto central do humanismo (...) sob suas diversas formas teóricas e políticas, reformistas e esquerdistas” (idem).

Muitas vezes, não apenas a máscara de “V de Vingança” inspira os manifestantes. Alguns aliam à face do personagem os dizeres a ele atribuídos:



**Imagem 26**  
**Cartazes inspirado no personagem V de Vingança**

O recurso de retomar os dizeres do personagem V, num trabalho de intertextualidade, no momento em que os mesmos vêm à circulação, contribui à atualização de uma memória de repressão e violência. Nas imagens acima, as palavras atribuídas ao personagem da HQ soam como uma resposta à atitude policial ao mesmo tempo em que ratificam as demandas da manifestação, ao afirmarem, que têm ideais e que a violência policial não irá destruí-las.

Em um discurso parafrástico, os manifestantes utilizam as falas do personagem da história em quadrinhos para expressar seus sentimentos e suas demandas nos respectivos protestos. Faz-se uso do mesmo “apesar da variedade da situação e dos locutores, há um retorno ao mesmo espaço dizível” (ORLANDI, 1998a:15). A paráfrase inscreve o discurso no repetível, uma vez que trabalha aí uma mesma memória discursiva: é preciso protestar contra um estado opressor e, muitas vezes, corrupto, como bem representa a imagem abaixo:



**Imagem 27:** [<http://www.ricardosetti.com/manifestacoes-cartazes-de-manifestantes-mostram-a-grande-diversidade-de-reivindicacoes-e-protestos/>]

**Máscara usada na manifestação do dia 17 de junho em São Paulo, Brasil.**

Na imagem 27, temos uma gama variada de recursos verbais e não verbais. Há um jogo de complementaridade entre as materialidades discursivas diferentes: uma “complementaridade entre o polifônico (o verbal) e o policrômico (o não verbal) num trabalho de produção de sentido” (SOUZA, 2001: 90).

O termo “lavagem”, numa relação de contiguidade, se associa à “comida de porcos” por causa da máscara usada pela manifestante. O verbal complementa e explicita a opção da máscara utilizada no protesto. Por “lavagem” associada à comida de porcos, temos resto de comidas misturadas e fervidas. Mas de que lavagem está se falando?

Falamos do substantivo “lavagem” estendido lexicalmente à ação de “lavar dinheiro”, procedimento usado para disfarçar a origem de recursos ilegais. Nesse caso, o protesto estaria relacionado à não aceitação da corrupção, uma das pautas mais frequentes das manifestações ocorridas em junho no Brasil.

O panorama político atual nos faria relacionar o cartaz à Operação Lava Jato deflagrada em março de 2014, que investiga um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras, grandes empreiteiras do país e políticos. Temos um deslizamento de sentido promovido pelo contexto atual.

Em termos de materialidade discursiva, observamos dois enunciados em tempos verbais diferentes. “Eu não engulo mais lavagem” no presente do indicativo, o que parece reafirmar o movimento descarado (?) de corrupção vigente, complementado pela frase no modo imperativo – “#acorda Brasil” –, num “grito” claro de conclamação. O

texto do cartaz chama o povo ao diálogo num ambiente virtual assinalado pelo símbolo # (*hashtag*).<sup>46</sup> Temos, então, a relação entre sujeitos sendo atravessada pelo digital.

Sobre enunciação digital, Paveau (2017) afirma que a prerrogativa enunciativa não é mais reservada para uma única figura, o enunciador não é mais fonte única do discurso. Para a autora, em contextos digitais, os enunciadores têm vozes compostas. Como exemplo, ela focaliza o *post* de blog que é assinado por um “autor” (marcação da autora), mas que será aumentado pela discussão dos comentários. No cartaz, o enunciador tem uma voz coletiva representada pela marca gráfica # utilizada somente em contextos digitais e que, no caso do cartaz, funciona aproximando os sujeitos que compartilham o mesmo tipo de comunicação digital fora do âmbito da manifestação. Outra característica do ambiente virtual presente no cartaz é o discurso plurisemiótico. Podemos perceber como a manifestante estabelece um jogo com as cores verde/vermelha e o uso dos símbolos mais (+) e da cerquilha (#).

O uso da *hashtag* também nos remete à noção de memória metálica estabelecida por Orlandi (2009) como sendo a da informatização, a digital, a da informação de massa que serializa e se multiplica na repetição de um mesmo dizer.

A memória da máquina, da circulação, (...) não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (...), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Este é um efeito – uma simulação - produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. (ORLANDI, 2010: 9)

A *hashtag*, portanto, traz a materialidade digital para a materialidade discursiva do cartaz de protesto e explícita uma memória metálica, pois, em ambiente virtual, o temos um acúmulo de ocorrências que são organizadas e apresentadas segundo o símbolo cerquilha.

---

<sup>46</sup> “*Hashtags* são palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, que designam o assunto que está sendo discutido em tempo real no *Twitter*. As *hashtags* viram hiperlinks dentro da rede e são indexáveis pelos mecanismos de busca. As mais usadas no *Twitter* ficam agrupadas no menu *Trending Topics*, encontrado na barra lateral da página. Assim, no espaço do discurso digital, as *hashtags* funcionam como indexadores que permitem a classificação das e o acesso às postagens dos internautas nas diversas redes sociais. Permitem também construir rankings de frequência e abrangência de circulação de determinado assunto na rede.” (ZOPPI-FONTANA; OLIVEIRA, 2016: 149/150). Ressaltamos que as *hashtags* surgiram no *Twitter*, mas, atualmente, aparecem também em postagens em *blogs, facebook e instagram*.

### 4.1.3 Carnavalização e crítica ao poder estabelecido

No livro *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2013), Bakhtin, a título de observação, salienta a origem alemã da palavra carnaval, *karne* ou *karth* como “lugar santo” (ou seja, a comunidade pagã, os deuses e seus servidores) e de *val* ou *wal* (morto, assassinado). Para o estudioso russo, no carnaval, os grandes são destronados e os inferiores coroados, a verdade oficial e os poderosos eram questionados e criticados.

No espaço das manifestações, a ação é de contestar a ordem, de opor-se ao discurso oficial. Assim, entre outras possíveis demandas, destaca-se a crítica às leis estabelecidas, aos governantes e/ou aos seus mandatos.



**Imagem 28:** [<http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2013/06/fotos-veja-cartazes-dos-manifestantes-em-sp.html>]  
Cartaz usado na manifestação do dia 18 de junho em São Paulo, Brasil.

No cartaz de protesto, presente na imagem 28, há uma apropriação das características do gênero discursivo<sup>47</sup> cartaz publicitário, que tem como objetivo vender um produto ou serviço, para expressar-se politicamente no protesto<sup>48</sup>.

O preço do produto – um shampoo de restauração profunda por R\$3,20 – faz uma referência direta ao reajuste dos preços das passagens dos ônibus municipais, do metrô e dos trens urbanos de São Paulo que haviam subido de R\$3,00 para R\$3,20. Esta foi a pauta que deu início às primeiras manifestações no país: os manifestantes

<sup>47</sup> Retomando Bakhtin (2003: 262), gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” vinculados às atividades humanas, que se caracterizam pelo conteúdo temático, o estilo e a construção composicional segundo as especificidades de um determinado campo de comunicação.

<sup>48</sup> Estamos diante da hibridização ou mescla de gêneros, fenômeno denominado intergenericidade (MARCUSCHI, 2006).

queriam a revogação do aumento. O cartaz faz uma crítica ao(s) Governo(s), quando sugere um *shampoo* não para cabelos enfraquecidos e sem brilho, mas para governos com essas características. O manifestante recomenda ainda uma “restauração profunda” não dos fios capilares, todavia dos governos.

Temos também uma desaprovação à lei estabelecida pelos “governos enfraquecidos e sem brilho”, que autorizaram o aumento da passagem. A crítica do manifestante pode ser (re)construída com base no não dito, implícito no dito. A crítica não está explícita, entretanto pode ser significada a partir das condições de produção do discurso proferido (protesto convocado contra o aumento das passagens) e da presença do valor (R\$3,20) que remete ao reajuste das passagens.

A crítica aos governos é sempre severa, o que, por um lado, referenda Bakhtin quando se refere ao movimento de escárnio e deboche às autoridades, registrado durante a folia. Por outro lado, traz à tona um fato contumaz nos dias atuais: governos corruptos em todo e qualquer lugar. Daí aflora o desejo de não estar submetido a esse tipo de prática: “Vamos a Nárnia!”



**Imagem 29:** [<https://nomequeroolvidar.wordpress.com/2012/10/23/cacerolazo-8n-entre-esto-tipos-y-yo-hay-algo-personal/>]

**Cartaz usado na manifestação do dia 8 de novembro em Mendoza, Argentina.**

O cartaz da imagem 29 faz referência a *Nárnia*, país fantástico criado pelo escritor irlandês Clive Staples Lewis para localizar narrativamente uma série de sete livros denominados “As crônicas de Nárnia”, publicados entre 1949 e 1954, e que deram origem a uma série de três filmes lançados em 2005, 2008 e 2010. O mundo mágico de Nárnia, habitado por seres fantásticos, é governado pelo leão Aslam, mas

vive sob a maldição da Feiticeira Branca. O cartaz acima (imagem 28) joga claramente com esse antagonismo entre o bem X mal. Mas quem encarna o mal?

Utilizado na manifestação do dia 8 de novembro de 2012 (18N) em Mendonza, o cartaz faz uma crítica direta à presidente Cristina Kirchner. Os manifestantes preferem ir a Nárnia e serem governados por um leão, do que por uma “yegua” (‘égua’) em alusão à presidente. Assim como o carnaval tinha na sua constituição “atos simbólicos dirigidos contra a autoridade suprema, contra o rei” (BAKHTIN, 2013: 172), na manifestação, temos a crítica, o protesto direcionado ao governante.

O vocábulo “yegua” em espanhol apresenta várias acepções entre sentidos de adjetivo e substantivo. Segundo o dicionário virtual da Real Academia Espanhola (RAE) temos os seguintes significados<sup>49</sup>: (1) fêmea do cavalo; (2) por oposição à potra; (3) mulher grosseira, mal educada; (4) guimba de cigarro; (5) homem homossexual; (6) pessoa estúpida, burra.

O dicionário de gírias, *Diccionario de argot*<sup>50</sup>, traz como acepção para “yegua” “mulher atraente” e explica que apesar do tom positivo, de beleza do termo, há uma degradação ao comparar a mulher com um animal. Já o *Diccionario de hispanoamericanismos*<sup>51</sup> oferece uma entrada exclusiva da Argentina e do Uruguai. Nesses países, o vocábulo é significado como “Mujer pervertida o de malos instintos, bruta como bestia”, ou seja, mais uma vez o sentido de mulher estúpida, incapaz se apresenta, além da acepção de mulher má, mas com uma conotação bastante pejorativa. O dicionário latinoamericano *on line* “AsiHablamos.com” define como acepção para “yegua” na Argentina “Mulher de má conduta”, que estaria relacionada à sua vida sexual e seria utilizada como insulto.

Ao pensar a carnavalização nas manifestações, temos, nesse cartaz, o insulto à figura de poder máximo do país. Podemos perceber também o deslizamento de sentido do vocábulo “yegua” que de fêmea do cavalo passa a ser utilizada como forma de insultar o modo de governar da presidente Kirchner.

Enfim, toda a carga semântica negativa do vocábulo “yegua” se materializa na textualidade do cartaz por oposição ao laranja-ouro, cor da pelagem do leão. Com isso,

---

<sup>49</sup> <http://dle.rae.es/?id=cAUdTIR>

<sup>50</sup> SÁEZ, Julia Sanmartín. **Diccionario de argot**. Madrid: Espasa, 2006.

<sup>51</sup> RICHARD, Renaud. **Diccionario de hispanoamericanismos**. Madrid: Cátedra, 2006.

um elemento não verbal – o laranja-ouro – acentua a carga semântica pejorativa das acepções de “yegua”. O leão forte, e a égua incapaz de gerir um país.

Enquanto na Argentina se elege o rei dos animais para governar, no Brasil se criticam as declarações de Pelé, Rei do Futebol como podemos ler no cartaz abaixo.



**Imagem 30:** [<http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb/>]  
Cartaz usado na manifestação do dia 20 de junho em São Paulo, Brasil.

O cartaz, presente na imagem 30, faz menção a uma frase dita pelo jogador de futebol Romário “Pelé calado é um poeta”, quando este declarou que o artilheiro deveria encerrar a sua carreira. A frase de Romário foi retomada pelo manifestante, porque Pelé, referindo-se aos jogos da Copa das Confederações, declarou: "Vamos esquecer toda essa confusão que está acontecendo no Brasil, todas essas manifestações. Não vamos vaiar a Seleção, vamos apoiar até o final"<sup>52</sup>. O cartaz destaca que o custo oficial da Copa do Mundo a ser realizada no ano seguinte (2014) chegava a 28 bilhões de reais.

“Mais pão, menos circo” consta no cartaz e podemos dizer que este enunciado se relaciona ao contexto da crítica a Pelé que estaria oferecendo-nos o circo. “Mais pão, menos circo” é também uma alusão à política de Pão e Circo<sup>53</sup> (*panem et circenses*, em Latim) instituída pelo Império Romano com o objetivo de manter o povo sob controle para conter uma possível revolta. O governo oferecia ao povo a diversão, como corridas de cavalos e espetáculos com gladiadores, e também distribuía mensalmente pão no Pórtico de Minucius. A política do *panem et circenses* era feita por um Império corrupto

<sup>52</sup> <http://www.superesportes.com.br/app/1,991/2013/06/19/noticia,254225/pele-pede-para-que-brasileiros-esquecam-manifestacoes-pelo-pais-e-apoieem-selecao-na-copa-das-confederacoes.shtml>

<sup>53</sup> <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/article/view/236>

que tinha como objetivo fazer com que a população esquecesse os problemas sociais que viviam – pagamento excessivo de impostos, desemprego, analfabetismo e moradias indignas para maior parte da população – e não se rebelasse contra os governantes.

As demandas das manifestações de junho de 2013 no Brasil, como podemos comprovar pelo cartaz, mostram que, como no Império Romano, ainda hoje no Brasil há uma política do pão e circo, com o esquecimento (?) de investimento em setores sociais importantes como saúde e educação.

O cartaz, ao fazer alusão à política romana, atualiza a memória discursiva de um Estado corrupto que não investe em setores da gestão pública que melhorariam a qualidade de vida dos brasileiros, mas oferece programas assistenciais (semelhantes ao pão na política romana) e espetáculos gratuitos, em gestões públicas que têm como objetivo manter a população sobre controle. Historicamente, vemos um Estado que não muda.

No que se refere ao não verbal do cartaz, podemos observar a associação feita através da disposição visual, onde “mais pão” está em relação direta com “+ hospitais” e em oposição a “Menos circo” e “– estádios”.

Em um paralelo com o conceito de carnavalização, além do tom burlesco, vemos, no cartaz, uma crítica ao rei, no caso o rei do futebol, e aos políticos.

Em um jogo polissêmico realizado através de uma relação metonímica<sup>54</sup>, o manifestante usa Pelé, nomeado rei do futebol, para criticar os governantes. Critica-se o rei do futebol por defender o gasto com a Copa do Mundo e não apoiar as manifestações de rua para, indiretamente, criticar os governantes que fizeram uso do dinheiro público para construir estádios investindo no país para prepará-lo para receber o Mundial de futebol, mas não se preocupam com a qualidade dos serviços públicos oferecidos a população.

Nos cartazes da imagem 31, o jogo polissêmico se faz através de uma relação complexa entre o verbal e o não verbal.

---

<sup>54</sup> “A metonímia pode ser definida como uma relação de contiguidade, de aproximação, em que parte do conteúdo semântico de uma palavra ou expressão, ou um conteúdo semântico associado a esta palavra ou expressão, é relacionado a outra palavra ou expressão, também numa comparação implícita, só que parcial (entre um todo significativo e um traço significativo de outro todo significativo), ou numa relação de substituição comparativa, em que um traço significativo de uma palavra ou expressão representa toda a palavra ou expressão” (GARCIA, 2008).



**Imagem 31:** [[http://www.huffingtonpost.es/2013/07/18/barbacoa-chorizos-protestas-pp\\_n\\_3618419.html](http://www.huffingtonpost.es/2013/07/18/barbacoa-chorizos-protestas-pp_n_3618419.html)]  
**Cartazes usados na manifestação do dia 17 de julho em Madri, Espanha.**

A imagem 31 refere-se ao protesto realizado no dia 18 de julho diante das sedes do Partido Popular (PP) em várias cidades da Espanha para uma “barbacoa de chorizos” (‘churrasco de ladrões’). A proposta simbólica lançada na internet convocava os manifestantes para protestar contra a corrupção e pedir a saída do presidente do governo espanhol.

Na imagem, podemos ver o manifestante carregando dois cartazes. O da direita mostra o rosto do presidente do Governo espanhol e do PP, Mariano Rajoy, acusado pelo ex-tesoureiro do partido, Luis Bárcenas, de receber propina. O partido também é acusado de financiamento irregular<sup>55</sup>. Debaixo da cabeça de Rajoy podemos ver uma tesoura e linhas pontilhadas numa indicação a instruções de recorte.

O cartaz da direita explicitamente oferece instruções para que se corte a cabeça do presidente do Governo espanhol, o que representaria não o seu assassinato, mas a sua saída, a retirada do cargo que ocupa, inclusive esse era o principal mote da manifestação do dia 18 de julho. Os espanhóis foram às ruas pedir a renúncia de Rajoy.

A imagem indicando o corte da cabeça no presidente do Governo espanhol nos remete ao enunciado “Cortem as cabeças” proferido pela Rainha de Copas, personagem do livro “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carroll. A personagem tem como principal ação estabelecer a pena de decapitação ao menor sinal de contrariedade. Ao

---

<sup>55</sup> [http://www.eldiario.es/politica/Procesado-encubrimiento-UDEF-corrupcion-PP\\_0\\_708679485.html](http://www.eldiario.es/politica/Procesado-encubrimiento-UDEF-corrupcion-PP_0_708679485.html)

relacionar a manifestação e o carnaval, podemos pensar na inversão proposta na festa popular e promovida simbolicamente pelo manifestante. O carnaval caracteriza-se pela lógica das coisas ao avesso, ao contrário, em um mundo ao revés (BAKHTIN, 2013), o que ocorre também na manifestação, onde é o povo que manda cortar cabeças e não aqueles que detêm o poder.

O cartaz da esquerda apresenta na parte superior o verbo “Recortad”, imperativo afirmativo do verbo “recortar” que faz uma alusão aos “recortes” (‘cortes’) feitos pelo Governo espanhol em saúde e educação para conter a crise no país. O verbo conjugado no imperativo tem o intuito de exortar os interlocutores (representado pela 2ª pessoa do plural “vosotros”) a cumprirem a ação indicada pelo verbo “recortar”. Mais uma vez a rainha é quem tem poder de mandar cortar as cabeças, mas é o povo que “ordena” que cortem. É a lógica do mundo ao revés do carnaval, período de subversão da ordem social estabelecida. “O carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKHTIN, 2013:8).

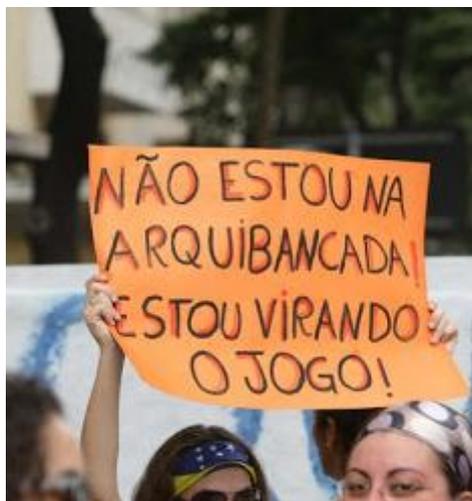
A continuação do cartaz explicita que os “Corruptos” devem ser “cortados”, os corruptos do PP como enfatiza a escrita modificada da palavra “corru**PP**tos” e indica a imagem da tesoura e do pontilhado abaixo das letras do partido. Mais uma vez, este cartaz, como outros, trabalha a visualidade: há uma movimento de fusão entre a palavra ‘corrupto’ e a sigla do partido – **PP** –, que ao se fundir com a palavra põe em relevo o lugar onde se instala a corrupção: o **Partido Popular**. Vale retomar, aqui, o conceito de policromia (SOUZA, 2001:72), quando, a partir da etimologia do radical utilizado com o sentido aproximado de cromolitografia, arte de estampar em relevo figuras coloridas, define o referido conceito como “lugar que permite, ao interpretar a imagem, projetar outras imagens, cuja materialidade, não é da ordem da visibilidade, mas da ordem do simbólico e do ideológico. Da ordem do discurso”. A policromia recobre o jogo de imagens, cor, luz e sombra, etc. presentes às imagens.

#### 4.1.4 Carnavalização e a hora de mudar

No carnaval, está presente a concepção de mudança e transformação. “Na base da ação ritual de coroação reside o próprio núcleo da cosmovisão carnavalesca: a ênfase das mudanças e transformações, da morte e da renovação. O carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova” (BAKHTIN, 2015: 142).

O manifestante também anseia por mudanças e transformações e são esses desejos que o impulsionam à mobilização e ao protesto.

Na imagem a seguir, o cartaz mostra a mobilização e o desejo de mudança da manifestante:



**Imagem 32:** [<http://melhorescartazes.blogspot.com.br/>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 22 de junho em Belo Horizonte, Brasil.**

O cartaz trabalha com palavras de um mesmo campo semântico relacionadas ao âmbito futebolístico. Discursivamente, entendemos que a escolha das palavras reflete a conjuntura do país em 2013: “rumo à copa”. As manifestações de junho de 2013 no Brasil ocorreram quando o país era sede da Copa das Confederações (torneio de futebol organizado pela FIFA entre seleções nacionais) e estava se preparando para receber a Copa do Mundo de Futebol no ano seguinte. Assim, no cartaz temos um o jogo de palavras realizado com vocábulos referentes ao contexto sócio-histórico do período.

Na primeira frase do discurso da manifestante, estamos diante do deslizamento de sentido do vocábulo “arquibancada”. Quando afirma não estar na “arquibancada”, ela não se refere ao setor de cadeiras de um estádio, mas ao fato de não estar passiva. Podemos entender que ela não está sentada na arquibancada, inerte; ela não é espectadora, é manifestante. Ela está “virando o jogo”, ou seja, está “fazendo acontecer”, está no protesto para melhorar, para mudar o país.

Essa mudança no país decorrente de um esforço, de uma dedicação pessoal da manifestante é, igualmente, a mensagem transmitida pelo enunciado do cartaz da imagem 33.



**Imagem 33:** [<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/retrato-dos-jovens-agitadores-a-partir-do-texto-historico>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 13 de junho em São Paulo, Brasil.**



**Imagem 34**

O enunciado do cartaz acima faz alusão a um discurso político desenvolvimentista de melhoria do espaço público urbano. Ao afirmar que os transtornos são em virtude de obras há um implícito de que as obras vão favorecer, vão melhorar a qualidade de vida na cidade, o que faz com que o cidadão sinta-se impelido a não questionar tais melhorias, nem os transtornos gerados pela mesma.

No cartaz, a manifestante se apropria desse discurso, resgatando o dito em um processo parafrástico, e justifica o transtorno que a manifestação de rua causa ao impedir a livre circulação com o discurso de que os manifestantes estão “mudando o país”.

O cartaz é um exemplo de como o funcionamento da linguagem e a produção de sentidos fundamentam-se na tensão entre paráfrase e polissemia (PÊCHEUX, 2011); ORLANDI, 2009). O cartaz da manifestação foi construído parafraseando o já dito presente na memória discursiva, mas conclui rompendo com o dizer estabelecido ao criar um sentido novo no dito convencionado.

Pode-se identificar a força regeneradora do carnaval no discurso da manifestação. Tanto foliões como manifestantes acreditam em outro mundo, em um mundo melhor.

O não dito, mas presente no discurso, refere-se ao fato de que se a manifestante está “mudando o país” é porque algo não está bom, o que, por sua vez, ratifica a necessidade do protesto e do cartaz.

#### **4.1.5 Carnavalização e a ambivalência do riso**

Segundo Bakhtin (2013), é o riso que agrega as diferentes manifestações carnavalescas. É o riso ambivalente que liberta e regenera ao opor-se à voz séria e à repressão da cultura oficial, do poder real e eclesiástico.

O riso tem um profundo valor de concepção e o mundo é uma das formas capitais pelos quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade sobre a história, sobre o homem; é o ponto de vista particular e universal sobre o mundo que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo. (Idem: 57)

Nas manifestações, entendemos o riso também como ambivalente, porque é uma forma de comunicação que permite a crítica e liberta da opressão. Temos, como no carnaval, um riso que não é destinado unicamente a divertir, mas expressa uma opinião sobre o mundo e está repleto de crítica e demandas. Assim, pensar o riso na manifestação é “reconhecer que o riso tem uma significação positiva, regeneradora, criadora” (Idem: 61).

Na imagem 35, o cartaz zomba e denuncia simultaneamente. Como no carnaval, que tem um riso ao mesmo tempo burlador e sarcástico, o manifestante faz uso do riso ambivalente para criticar a atuação violenta da polícia, que nos protestos de junho de 2013 no Brasil para conter as manifestações fez uso de balas de borracha e de gás lacrimogêneo.



**Imagem 35:** [<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2013/06/18/tumblr-do-dia-os-melhores-cartazes-do-protesto/>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 17 de junho, São Paulo, Brasil.**

O tom zombeteiro do cartaz só é possível em virtude da polissemia do vocábulo “bala” que tem duas acepções que permitem o jogo semântico instalado no texto do cartaz como “projétil de arma de fogo”, ou “pequeno doce feito de açúcar misturado e cozido com substâncias aromáticas ou medicamentosas, e solidificado, seja em consistência vítrea ou macia”<sup>56</sup>. No caso das manifestações, a bala lançada é um projétil de látex usado para dispersar multidões e conter tumultos<sup>57</sup>.

Para que o chiste se complete, é importante que haja um deslizamento de sentido, e que se associe a marca “Halls” ao produto por ela comercializado. “Halls” é uma marca de bala britânica, por isso o manifestante ao dizer que não gosta de bala de borracha, pede um “Halls”.

O riso oferecido pelo cartaz inclui o enunciador, que zomba de si mesmo, do contexto no qual está inserido, e concomitantemente critica a violência policial, critica o fato de estar numa manifestação na qual pode ser atingido por balas de borracha. Esse riso universal que atinge a todas as coisas e pessoas, que dessacraliza e relativiza o discurso do poder, é o riso da carnavalização. Esse riso que se apresenta ante uma situação de repressão, livre das hierarquias e de todas as formas de medo.

Na cultura clássica, o sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e

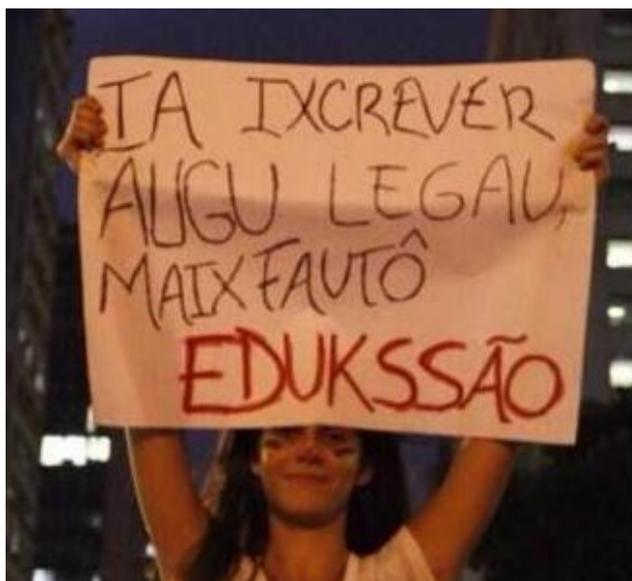
---

<sup>56</sup> <http://www.aulete.com.br/bala>

<sup>57</sup> <https://www.tecmundo.com.br/infografico/12416-tecnologia-das-armas-bala-de-borracha-infografico.htm>

de intimidação. Ele dominava claramente na Idade Média. Pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso. (BAKHTIN, 2013: 78)

Esse riso geral, universal se reapresenta no cartaz subsequente (imagem 36), no qual a manifestante também se inclui entre os que zombam e são zombados ao mesmo tempo.



**Imagem 36:** [<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/os-cartazes-mais-criativos/>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 17 de junho, São Paulo, Brasil.**

A manifestante debocha de si mesma por não saber redigir “corretamente” o enunciado do seu cartaz e, principalmente, critica o seu país por não fazer investimentos reais em educação, que lhe possibilitariam ser uma escritora mais proficiente. Ela faz piada, mas também critica e, como está num protesto, acredita na mudança. É o riso, a piada que renova, como no carnaval.

No enunciado, faz-se uso de uma escrita que foge à norma padrão de correção da língua portuguesa com o objetivo de criticar a falta de investimentos públicos em Educação. O enunciado escrito no cartaz está baseado na oralidade, em como soa cada palavra, explicitando, assim, segundo a visão da manifestante, a ausência da educação formal na vida do brasileiro. Percebe-se um entendimento (ou seria preconceito?) de que o domínio da língua escrita é prova indiscutível de escolaridade. É como ressalta Possenti (2017: 559) ao afirmar que

circula uma concepção equivocada de saber linguístico. Conforme certa ideologia, para que alguém seja considerado inteligente/sábio, é necessário que domine a ortografia (quando se quer caracterizar alguém como “ignorante”, um dos recursos é apontar os erros de ortografia que comete). Como consequência, os erros ortográficos são considerados sérias deficiências. Chega-se a supor que os que os cometem têm problemas neurológicos graves.

O autor destaca ainda que, além do domínio da ortografia estar associado à inteligência, é visto como forma de prestígio na nossa sociedade. “Nessa linha de valorização social de certos índices, a ortografia funciona como um distintivo: quem a conhece passa por sabido, quem não a conhece, por incapaz (não apenas ignorante, mas incapaz)” (Idem: 560). Possenti reconhece que os “erros” ortográficos são motivo de riso, o que, segundo ele, não deveria ocorrer, pois um conhecimento básico de fonologia associado a noções de variação linguística facilmente explicariam essas trocas ortográficas.

Nesta tese, o cartaz da imagem 36 foi categorizado como “de riso”, porque entendemos que tenha sido essa a intenção da manifestante, fazer humor para criticar um problema real brasileiro, a falta de investimentos públicos na educação, mas enfatizamos que não houve nenhum traço de preconceito linguístico de nossa parte nessa classificação. Também compreendemos que o riso proposto no cartaz está totalmente alinhado com o riso carnavalesco, pois é um riso ambivalente que expressa uma opinião sobre o mundo e

que escarnece dos próprios burladores. O povo não se exclui do mundo em evolução; (...). Essa é uma das diferenças essenciais que separam o riso festivo popular do riso puramente satírico da época moderna. O autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integração do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. (BAKHTIN, 2013:10/11)

No “cartaz” espanhol, imagem 37, o manifestante se insere no humor do seu enunciado, quando, através de uma mensagem presa na parte de trás do seu casaco, explicita a sua demanda fazendo graça da sua própria condição laboral.



**Imagem 37:** [<https://www.flickr.com/photos/92340902@N02/8628855861/in/album-72157633191869908/>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 7 de abril, Espanha.**

O protesto do dia 7 de abril na Espanha, no qual o cartaz foi exibido, tinha como objetivo divulgar o exílio forçado de milhares de jovens espanhóis obrigados a deixar o país em busca de emprego. A mobilização convocada pelas redes sociais pelo coletivo “Juventud Sin Futuro” teve atos nacionais e internacionais<sup>58</sup>.

O cartaz tem um tom lúdico ao resgatar a imagem simbólica de seres mitológicos para reivindicar um posto de trabalho na sua área de formação. É através de um enunciado lúdico, brincalhão que o manifestante contribui para o coletivo do protesto que tinha como objetivo denunciar o desemprego dos jovens espanhóis, que os obriga a emigrar.

O enunciado do cartaz traz a linguagem digital para o protesto de rua. Além da hashtag, *#NoNosVamosNosEchan* (‘Não vamos, nos expulsam’), indicando o movimento digital de convocação para a manifestação, apresenta o “@Salsolakali” que corresponde a um perfil de usuário da rede social *Twitter*. O manifestante, portanto, poderia estar divulgando seu contato virtual no cartaz de protesto. Em um contexto de desemprego no qual se dá a manifestação, podemos pensar que o manifestante vê, na divulgação do seu contato virtual, a possibilidade de conseguir uma colocação profissional. Mais uma vez, os efeitos de sentido aqui decorrem de um texto plurissemiótico.

Diferentemente dos cartazes anteriores desta seção, no cartaz argentino, que podemos visualizar na imagem 38, o manifestante direciona o riso para o outro, para o seu governante.

---

<sup>58</sup> <https://www.20minutos.es/noticia/1779257/0/manifestaciones-7-abril/juventud-sin-futuro/no-nos-vamos-nos-echan/>



**Imagem 38:** [<http://www.mdzol.com/opinion/459774-18a-yo-elijo-el-silencio-y-la-soledad-sonora/>]  
Cartaz usado na manifestação do dia 8 de novembro, Argentina.

O cartaz evoca o ex-presidente y esposo de Cristina Fernández de Kirchner, Nestor Kirchner falecido em outubro de 2010 de parada cardíaca. Nestor governou o país entre 2003 e 2007, quando Cristina o sucedeu, sendo a primeira mulher eleita presidente da Argentina. No enunciado, o manifestante pede a Nestor que volte, porque ele se esqueceu de Cristina.

Estamos diante de uma galhofa, de humor negro, porque a demanda do manifestante não poderá ser atendida, mas, pelo implícito, pode-se perceber o quanto a presidente é pouco querida. Como no enunciado do cartaz nenhuma acusação é proferida contra Cristina ou o seu governo, podemos recorrer às condições de produção da manifestação para identificar a razão, ou as razões, para o descontentamento do manifestante.

Há uma busca de efeito de sentido humorístico no tipo de letra escolhido para a redação do enunciado, a fonte lúdica lembra as histórias em quadrinho. Por outro lado, as letras em vermelho podem ser associadas à situação de perigo, de tensão. A pontuação também ajuda a estabelecer o humor do enunciado. As reticências auxiliam criando um certo suspense para a continuação do texto, que começa com a evocação de um morto, e as exclamações finais dão um tom de entusiasmo, alegria com a ideia expressa no cartaz: que a presidente seja levada pelo marido morto.

Ainda dentro do efeito-humor, não se pede a volta do ex-presidente, porque com ele o país estaria em condições melhores, mas sim porque “se foi”, mas esqueceu de levar a atual presidente. A crítica, na verdade, se estende ao governo dos dois.

#### 4.1.6 A paródia

A gramática normativa define paródia como “a recriação de viés crítico, com intenção cômica ou satírica. Na paródia, o texto fonte não é apenas o ponto de partida. Ele permanece entrevisto no espaço do texto recriado, sem o que se perde o efeito de sentido da paródia” (AZEREDO, 2012: 99). Assim, a paródia desconstrói e constrói sentidos ao ressignificar a partir do que já é de domínio comum.

Bakhtin (2013, 2015) destaca a natureza carnavalesca da paródia e afirma que, ao contrário da paródia moderna puramente negativa e formal, a paródia carnavalesca, ainda que negando, ressuscita e renova ao mesmo tempo. Segundo o autor (2013: 73), para os parodistas, o riso “é uma verdade que se diz sobre o mundo, verdade que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É (...) uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso”.

O texto alvo da paródia é outra obra de arte ou outra forma de discurso codificado. No carnaval, o alvo eram os textos sagrados e as sentenças bíblicas, como orações e evangelhos ou regulamentos e leis da sabedoria escolar. “Parodiam-se os textos sérios. (...) Zomba-se da voz séria e, ao mesmo tempo, afirma-se uma alegria com a outra voz. Com isso, nega-se o discurso de autoridade e afirma-se a relatividade das coisas” (FIORIN, 2008:97). Por sua vez, nas manifestações é comum encontrar a paródia nos símbolos nacionais (como hinos e bandeiras) e nos elementos de expressão cultural como as canções.

O cartaz a seguir (imagem 39) faz uma paródia da primeira estrofe da música “A casa” lançada pelo poeta brasileiro Vinícius de Moraes em 1980<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Fragmento da música retirada do site: <https://www.lettras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>



### A CASA

Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
Ninguém podia  
Entrar nela, não  
Porque na casa  
Não tinha chão

**Imagem 39:** [<http://www.ronaud.com/sociedade/imagens-dos-protestos/>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 17 de junho, Brasil.**

O cartaz acima traz duas críticas: a primeira é a de que o país não investe em educação, mas tem dinheiro para construir estádios para sediar a Copa do Mundo, e a segunda é acerca da atuação violenta da polícia no contexto das manifestações ocorridas em junho de 2013. Critica-se um estado repressor, mas os manifestantes não se calam.

Podemos perceber, então, que o uso da paródia, pelo seu viés crítico e satírico, tem como efeito a denúncia na forma de humor. A música utilizada é antiga em relação ao período dos protestos (de 1980 para 2013), mas para entender a crítica presente na paródia é necessário correlacioná-la ao momento social e histórico da sua produção. Só sabendo que o Brasil iria sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e por isso construiu vários estádios<sup>60</sup>, o leitor do cartaz pode entender porque “era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádio...”. Também só tendo o conhecimento da repressão violenta da polícia durante os protestos de 2013, se poderia compreender o enunciado “ninguém podia protestar não, porque a PM sentava a mão”.

Como é a relação estabelecida com outros já ditos que permite a construção do sentido parodístico, ao ler o cartaz em destaque o destinatário precisa atualizar a memória discursiva que perpassa a canção: a “casa engraçada” nada tem do que se

<sup>60</sup> Foram utilizados 12 estádios na Copa do Mundo. 7 foram construídos e 5 reformados. [http://espn.uol.com.br/noticia/425068\\_o-legado-da-copa-o-que-sera-dos-12-estadios-usados-no-mundial](http://espn.uol.com.br/noticia/425068_o-legado-da-copa-o-que-sera-dos-12-estadios-usados-no-mundial)

espera de uma casa, bem como o país nada tem do que se espera de um governo. É como evidencia Hutcheon (1985: 48), “o prazer da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenhamento do leitor no “vai-vém” intertextual”.

Na paródia, o já-dito abre espaço para o novo através do deslizamento de sentido. É na tensão entre a paráfrase e a polissemia, entre a repetição e a diferença, que se constrói o espaço da interpretação cômica. O novo, a polissemia, surge quando a música é ressignificada com o objetivo de criticar.

As condições de produção do cartaz, por sua vez, também são fundamentais para a interpretação do enunciado proposto pelo manifestante como ressaltamos no parágrafo anterior. “Não se dirá, assim, que se acrescentam dados históricos para melhor delimitar a significação; dir-se-á que o processo de significação é histórico” (ORLANDI, 2008: 18).

No próximo cartaz, imagem 40, temos uma paródia não de uma canção popular, mas sim de um fragmento do Hino Nacional Brasileiro. Com letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva, o hino nacional tornou-se oficial em 1922, durante o centenário de Proclamação da Independência<sup>61</sup>.



**Imagem 40:** [[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/galeria-de-fotos/2013/06/18/interna\\_galeriafotos,2307/protestos-tomam-conta-de-11-capitais-no-brasil.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/galeria-de-fotos/2013/06/18/interna_galeriafotos,2307/protestos-tomam-conta-de-11-capitais-no-brasil.shtml)]

**Cartaz usado na manifestação do dia 18 de junho, Alagoas, Brasil**

<sup>61</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132012000300003&script=sci\\_arttext&lng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132012000300003&script=sci_arttext&lng=es)

Ao invés de “Entre outras mil/ És tu, Brasil,/Ó Pátria amada!”, o manifestante expressa a sua indignação com a corrupção que assola o país, ao afirmar que “Entre outras mil/ És tu, Brasil,/A mais roubada”. No mesmo contexto de símbolos nacionais, as cores utilizadas na confecção do cartaz fazem alusão às cores da bandeira nacional. Sobre cartolina amarela, o enunciado foi redigido em verde.

Sobre este tipo de textualidade, que deu lugar à paródia do Hino Nacional, vale retomar Orlandi (2012b) sobre sentidos em fuga: na tensão entre polissemia e paráfrase “os movimentos [de produção de sentido] podem ser contrários, contraditórios, divergentes, partindo em diferentes direções, produzindo, muitas vezes, o que estamos chamando sentidos em fuga”. (ORLANDI, 2012b: 12) A paródia do Hino não se esgota como deriva de sentido, como efeito metafórico, pois a distância que vai de “pátria amada” a “pátria roubada” parte em direção à denúncia, à indignação e não apenas em direção ao louvor. Entretanto, quando se denuncia o crime de lesa pátria, se reafirmar o louvor. São, pois, sentidos que se sobrepõem.

A roupa utilizada pelo manifestante apresenta uma relação direta com a conjuntura de roubo destacada no cartaz. Temos um jovem adolescente vestindo a roupa do personagem de histórias em quadrinhos Robin. Também conhecido como menino prodígio, por ser um adolescente, Robin é um herói sem superpoderes que atua como parceiro do personagem Batman ajudando-o a combater o crime na fictícia cidade de Gotham, onde há altos índices de criminalidade. Temos um jovem manifestante, sem superpoderes, ajudando a combater o crime ao participar de uma manifestação política. Podemos perceber aqui também o sonho de mudança tão presente na cosmovisão carnavalesca.

Pensar a paródia na carnavalização é pensar a paródia como ambivalente que ressuscita e renova. Pensar a paródia nas manifestações, pelo viés da carnavalização, é pensar que ao parodiar o Hino Nacional acusando o seu país de estar sendo roubado é esperar pela morte, pelo fim da corrupção e, conseqüentemente, por um país renovado, novo.

O roubo também é o tema da paródia do cartaz espanhol, imagem 40, elaborada a partir do logotipo idealizado pelo pintor Miró, tem como foco a corrupção no país, tema recorrente nas manifestações no país no ano de 2013. Se nos anos anteriores, 2011 e 2012, as manifestações espanholas expressavam, principalmente, o descontentamento da população com os planos econômicos e austeros em cumprimento às exigências da

União Europeia e que resultaram em cortes na saúde e educação<sup>62</sup>, a corrupção foi o principal mote das manifestações no ano de 2013<sup>63</sup>, ao lado de denúncias dirigidas ao sistema financeiro. Os manifestantes acusavam o governo de beneficiar banqueiros e empresários e denunciavam os bancos por realizarem práticas abusivas.



**Imagem 41:** [<https://reflexionesalalontananza.wordpress.com/2013/07/18/los-chorizos-a-la-barbacoa-el-18j-en-imagenes/>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 18 de julho, Madri, Espanha.**

A imagem 41 refere-se ao protesto realizado no dia 19 de junho de 2013, que tinha como tema “Barbacoa de chorizos” (“Churrasco de ladrões”). O enunciado da manifestação trabalha com a polissemia da palavra “chorizo”, que pode significar tanto linguiça quanto ladrão, para explicar, de maneira carnavalesca, a motivação do protesto.

O cartaz foi elaborado a partir de um logotipo criado pelo pintor barcelonês Joan Miró em 1983. Denominado “Sol de Miró” (imagem 42)<sup>64</sup>, a imagem foi desenhada pelo artista, sem nenhum custo, para promover o turismo na Espanha a partir das letras tomadas de outro cartaz elaborado pelo pintor: o cartaz oficial do Mundial de Futebol de

---

<sup>62</sup> Em 2012, foram anunciados cortes de 150 bilhões de euros ao longo de três anos e que atingiam principalmente setores da educação e saúde. <http://www.publico.es/espana/2012-ano-crisis-empujo-ciudadanos.html>

<sup>63</sup> [https://www.elconfidencialdigital.com/blogs/la\\_espana\\_profunda/politicos-banqueros-reyes-Espana-referentes\\_7\\_1999070074.html](https://www.elconfidencialdigital.com/blogs/la_espana_profunda/politicos-banqueros-reyes-Espana-referentes_7_1999070074.html)

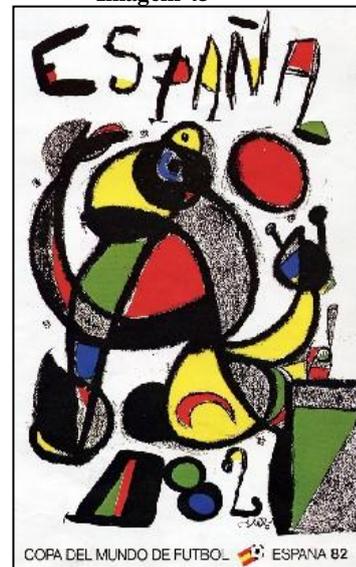
<sup>64</sup> [https://www.tourinews.es/marketing-turismo/ultimo-regalo-joan-miro\\_384368\\_102.html](https://www.tourinews.es/marketing-turismo/ultimo-regalo-joan-miro_384368_102.html)

1982 (imagem 43)<sup>65</sup> disputado na Espanha. O logotipo do turismo espanhol é um símbolo mundialmente conhecido e de identificação do país no estrangeiro.

Imagem 42



Imagem 43



O cartaz da manifestação retira o nome do país da imagem e a substitui pela palavra “estafa” que significa “roubo” (mediante engano), “estelionato”, “desvio de dinheiro”, “fraude”<sup>66</sup> mantendo as cores que remetem à bandeira espanhola.

Ao trocar o nome do país pelo substantivo “roubo”, podemos entender que o manifestante busca estabelecer uma associação direta entre a Espanha e o roubo. Observa-se uma visão crítica que identifica todo um país ou mais especificamente toda a esfera institucional que comanda o país com o ato ilícito e não somente de determinado(s) político(s), como se costuma observar nos protestos sociais. Como estamos diante de um sistema político estruturado em uma monarquia parlamentar, devemos estender a crítica do manifestante ao monarquismo.

O enunciado do cartaz significa não pelo dito, mas pelo implícito, que não está dito, mas é significado. É a união do enunciado verbal e não verbal que permite as associações estabelecidas nos parágrafos anteriores. Ao trabalhar com a AD, analisando

<sup>65</sup> <http://www.nuestros-recuerdos.com/asi-fue-el-mundial-futbol-espana-1982-equipos-estadios-calendario-ceremonia-apertura/>

<sup>66</sup> Dicionário Esencial.

o implícito busca-se explorar a relação com o simbólico e entender as possibilidades de um texto, enquanto objeto linguístico e histórico, produzir sentido. “Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando” (ORLANDI, 1998: 10).

O implícito revela a incompletude do discurso. Essa incompletude exige que o sujeito vá para a exterioridade do discurso, que considere os eventos, as condições de produção que estavam ocorrendo no momento da enunciação de determinado discurso. Ao focalizarmos os anos antecedentes e também os primeiros meses de 2013 (o cartaz analisado estava em um protesto de junho de 2013), podemos estender a insatisfação, a crítica do manifestante não somente aqueles que estão de forma mais direta no comando do país como o Presidente do Governo ou o PP<sup>67</sup> ou a Monarquia espanhola, mas também aos banqueiros e a União Europeia.

#### **4.1.7 Carnavalização e insultos**

No carnaval, a linguagem familiar e grosseira é resultado da abolição das hierarquias, formalidades e etiquetas. “Em consequência, essa eliminação provisória, ao mesmo tempo ideal e efetiva, das relações hierárquicas entre os indivíduos, criava na praça pública um tipo particular de comunicação, inconcebível em situações normais” (BAKHTIN, 2013: 9). Nesse contexto, o uso de blasfêmias, obscenidades, juramentos e insultos têm uma função, ao mesmo tempo, humilhante e libertadora.

Durante o carnaval essas grosserias mudavam consideravelmente de sentido: perdiam completamente seu sentido mágico e sua orientação prática específica, e adquiriam um caráter e profundidade intrínsecos e universais. Graças a essa transformação, os palavrões contribuíam para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico secundário do mundo. (Idem: 15)

Para Bakhtin (2015: 148), a linguagem do insulto e da zombaria continua até hoje impregnada de “remanescentes carnavalescos; a gesticulação atual do insulto e da zombaria também está impregnada de simbólica carnavalesca”.

---

<sup>67</sup> Recordando que o ex-tesoureiro do partido revelou financiamentos irregulares do partido nos últimos vinte anos e que o presidente do Governo, Rajoy, havia cobrado propina. [https://mundo.sputniknews.com/spanish\\_ruvr\\_ru/2013\\_02\\_25/Espana-protestas-record-manifestaciones-crisis/](https://mundo.sputniknews.com/spanish_ruvr_ru/2013_02_25/Espana-protestas-record-manifestaciones-crisis/)

Nas manifestações, diferentes expressões de teor insultuoso e obsceno são dirigidas aos que ocupam os postos de governança, como podemos perceber nas discussões dos cartazes a seguir.



**Imagem 44:** [<http://rpp.pe/lima/actualidad/argentinos-realizan-cacerolazo-para-protestar-contra-el-gobierno-noticia-620608/2>]

**Cartaz usado na manifestação do dia 8 de agosto, Buenos Aires, Argentina**

Na imagem 44, a polissemia da palavra “orto” permite o tom jocoso do cartaz e faz com que o leitor precise ler o não verbal para significar o discurso verbal do manifestante. O vocábulo “orto” tem como acepções “sol” ou “bunda” / “ânus”<sup>68</sup>. Ambos os sentidos estão expressos na imagem, onde a “bunda” e o “sol” parecem uníssonos, um só elemento. Entretanto, é a acepção, de sentido vulgar, que é utilizada na Argentina e no Uruguai, que permite significar o discurso do manifestante. A expressão “estar como el orto” expressa que a pessoa está mal. Estar como “el orto” a partir do não verbal do cartaz seria estar com a ‘bunda’/‘traseiro’ de fora.

A materialidade verbal e não verbal do cartaz nos traz a memória discursiva da Revolução Francesa<sup>69</sup> e dos “sans-culottes”. A expressão de cunho pejorativo, “sans-culottes”, era usada para referir-se às pessoas da camada pobre da sociedade parisiense;

<sup>68</sup> Diccionario Salamanca de la lengua española.

<sup>69</sup> Os “sans-culottes” foram os principais aliados dos jacobinos no período da Revolução Francesa e estiveram no poder entre 1792 e 1794.

eram os pequenos proprietários, operários, marceneiros, lojistas, artífices etc. A origem da expressão faz alusão ao “culotte”, espécie de calção usado pela nobreza que era ajustado ao corpo e ia até a altura dos joelhos. Os “sans-culottes”, por sua vez, usavam uma calça comprida larga e boina vermelha.

A relação que se estabelece entre o enunciado imagético-verbal do cartaz e a expressão “sans-culottes” advém da formação discursiva na qual o sujeito-manifestante se reconhece e que podemos destacar pelo seu discurso. “Sans-culottes” significa ‘sem calção’ como estão os aposentados argentinos segundo o manifestante declara no seu cartaz.

O conhecimento das condições de produção do enunciado nos possibilita entender melhor o protesto do manifestante e o enunciado verbal “Estamos como el orto”. No governo de Cristina Kirchner, houve um aumento de quase 1.700% no orçamento para planos sociais e criação de cooperativas. Muitos dos gastos sociais foram financiados com o dinheiro da Administração Nacional da Segurança Social (Anses) que absorveu os fundos das aposentadorias e pensões privadas (AFJP), nacionalizadas em 2008<sup>70</sup>.

A crítica presente no cartaz refere-se, portanto, à lei de estatização de pensões privadas<sup>71</sup>, promulgada em novembro de 2008. A palavra “orto” no cartaz, então, pode remeter-nos a “fondos” (‘fundos’) ao referir-se aos “fondos” que foram estatizados fazendo com que os aposentados ficassem com os “fondos” de fora.

No cartaz, o manifestante agradece a presidente da Argentina (“Gracias a Cristina”) porque os aposentados (“los jubilados”) estão como o “orto” (‘bunda’). Podemos entender o agradecimento como uma ironia e que o manifestante se inclui como aposentado ao usar o verbo “estar” na primeira pessoa do plural (“estamos”).

Na sequência, o cartaz brasileiro da imagem 45 tem como foco não só um político, o deputado federal Marco Feliciano, mas também uma proposta de lei que à época tramitava na Câmara.

---

<sup>70</sup> [http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/latin\\_america/newsid\\_7741000/7741028.stm](http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/latin_america/newsid_7741000/7741028.stm)

<sup>71</sup> [http://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/05/130516\\_argentina\\_diez\\_k\\_vs](http://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/05/130516_argentina_diez_k_vs)



**Imagem 45:** [<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2013/com-cartazes-e-faixas-manifestantes-expressam-em-palavras-a-vontade-de-ter-um-b/>]  
Cartaz usado na manifestação do dia 20 de junho, Santa Catarina, Brasil.

O cartaz apresentado na imagem 45 foi utilizado na manifestação do dia 20 de junho de 2013 em Criciúma, Santa Catarina, e é uma crítica direta à aprovação do projeto de decreto legislativo do deputado federal João Campos (PSDB – GO) na comissão de Direitos Humanos da Câmara, numa sessão presidida pelo deputado federal Marco Feliciano (PSC – SP). O projeto, que ficou conhecido como “Cura gay”, foi aprovado no dia 18 de junho e propunha a suspensão de dois artigos de uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) de 1999, que proibia que seus profissionais realizassem qualquer tipo de terapia com o objetivo de alterar a orientação sexual de um indivíduo e também determina que psicólogos não se pronunciem publicamente de modo a não reforçar preconceitos em relação a homossexuais<sup>72</sup>.

Há uma mescla entre o verbal e o não verbal – à feição de carta enigmática - na construção da expressão “de cu é rola”, há uma “(...) relação de complementaridade entre o polifônico (o verbal) e o policrômico (o não verbal) num trabalho de produção de sentidos” (Souza, 2001: 90). A imagem do pássaro “rola” substitui o verbal na constituição da expressão que é utilizada para “demonstrar total descontentamento e ou

<sup>72</sup> Destacamos que o projeto foi arquivado no dia 2 de julho de 2013. Fonte:  
<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/comissao-de-direitos-humanos-aprova-autorizacao-para-cura-gay.html>

discordância com determinada proposição ou insinuação<sup>73</sup>”. É a polissemia do vocábulo “rola” que permite o jogo do verbal com o não verbal, ao apresentar a imagem de um passarinho (“rola”) no lugar da acepção vulgar “rola” para referir-se ao órgão sexual masculino. Cabe, então, ao interlocutor fazer o deslizamento de sentido e completar a expressão “de cu é rola”.

O cartaz é, portanto, bastante explícito no que tange ao uso de tabuísmos, seja com a imagem de uma “rola”, com o uso da palavra “cu” ou através do uso de outro recurso imagético que foi sublinhar a primeira sílaba da palavra “cura”, para explicitar uma vez mais o vocábulo vulgar “cu”. Podemos entender que a palavra “cu”, duas vezes representada (seja graficamente, seja através do sublinhado) no cartaz, se justifica como uma afronta ao deputado Feliciano por suas declarações a favor da cura gay, uma vez que o dito popular **X de cu é rola** significa colocar em xeque a atitude de alguém, não acreditar na seriedade de alguma pessoa, desqualificar as atitudes. Há toda uma carga semântica de menosprezo, de desconfiança além do xingamento.

No cartaz, também se encontra o enunciado “#Fora Feliciano”, mais uma vez temos a hashtag (#) acompanhada de um imperativo, com uma indicação de ordem. “Fora Feliciano” é dirigido ao deputado Marco Feliciano, exigindo a sua saída do comando da Comissão de Direitos Humanos e Minorias. O deputado, que é pastor da Catedral do Avivamento, à época era acusado de homofobia e racismo por declarações polêmicas dentro e fora do congresso.

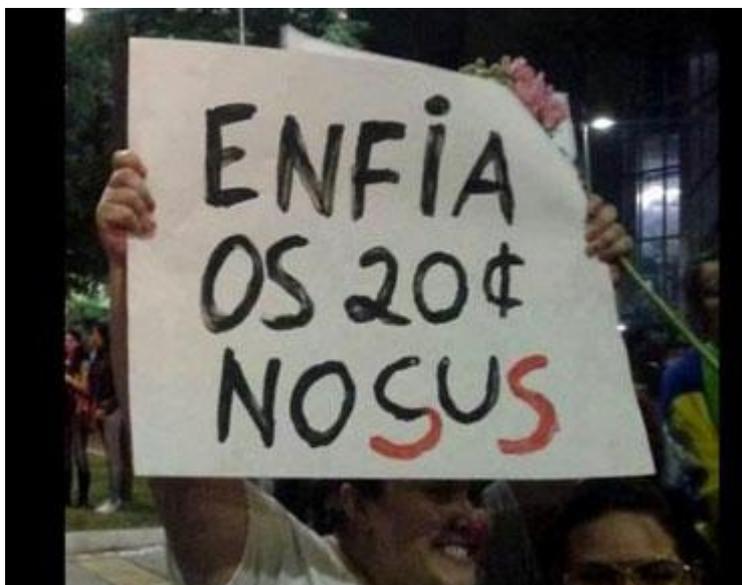
Os insultos do cartaz foram utilizados para criticar um projeto de lei e tem como principal direção o deputado Feliciano. Assim como no espaço do carnaval, no espaço do protesto, o manifestante está livre para se expressar e questionar as normas e leis e usa os insultos e palavras chulas como instrumento de crítica contra o poder. O uso do palavrão, como na carnavalização, instaura uma atmosfera libertária que, apesar de ofensiva, tem como efeito de sentido o riso.

O riso da Idade Média, que venceu o medo do mistério, do mundo e do poder, temerariamente desvendou a verdade sobre o mundo e o poder. Ele opôs-se à mentira, à adulação e à hipocrisia. A verdade do riso degradou o poder, fez-se acompanhar de injúrias e blasfêmias, e o bufão foi seu portavoz. (BAKHTIN, 2013:80)

---

<sup>73</sup> <http://www.dicionarioinformal.com.br/de+cu+%E9+rola/>

O cartaz da imagem 46 a seguir tem como interlocutor os donos das empresas de transporte público, que, segundo o manifestante, deveriam colocar os 20 centavos do aumento da passagem no CU/SUS (Sistema Único de Saúde).



**Imagem 46:** [<http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/quais-os-pedidos-mais-inusitados-dos-protestos-brasileiros.html>]

**Cartaz usado na manifestação do dia 20 de junho, São Paulo, Brasil**

O enunciado “enfia no cu” os 20 centavos que, retomando as condições de produção das manifestações de junho no Brasil, corresponderiam ao aumento das passagens no Estado de São Paulo de R\$3,00 para R\$3,20, é uma expressão pejorativa que indica a desistência de algo resultante da impaciência com algum fato<sup>74</sup>. No âmbito das manifestações brasileiras, não se deve entender o “Enfia os 20 centavos no cu” como uma desistência do objetivo das primeiras manifestações, mas como uma maneira de deixar explícito que os protestos não eram só pelos 20 centavos de aumento do ônibus, ainda que este tenha sido o estopim das mobilizações. A impaciência poderia estar presente pelos questionamentos e acusações que surgiram em decorrência desta ser a motivação de mobilizações no país inteiro. Como resposta a tal recriminação, vários foram os cartazes elaborados pelos manifestantes:

---

<sup>74</sup> <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/enfia%20no%20cu/13606/>



Imagem 47  
Cartazes em resposta as críticas contra as manifestações

O fato do cartaz da imagem 46 ter sido utilizado na manifestação do dia 20 de junho, em São Paulo, e do aumento das passagens na cidade ter sido revogado no dia anterior corrobora com a não desistência da demanda inicial dos protestos. Por conseguinte, podemos conceber um tom de galhofa por parte do manifestante em virtude da reivindicação conquistada.

Ao “corrigir” o cartaz e mandar enfiar os 20 centavos tanto no CU, quanto no SUS, pois foram usadas letras diferenciadas, o efeito final acaba sendo não é a retificação, mas sim a explicitação de outro fato: a precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS)<sup>75</sup>, temos, pela fusão de CU com SUS, a reivindicação do manifestante: ele quer investimento no sistema de saúde pública do país. Válido é lembrar como as duas materialidades – verbal e não verbal – contribuem à textualização de gestos políticos, à formação social do povo nas ruas.

No carnaval, estavam presentes palavras de baixo calão, insultos do baixo ventre, expressões grotescas com referência ao baixo corporal (órgãos genitais, traseiro

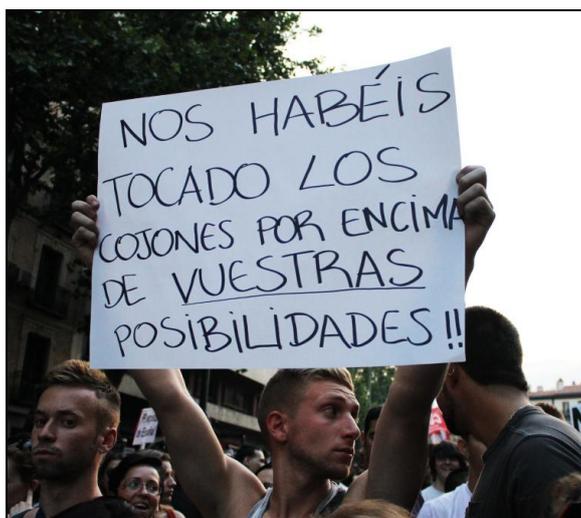
---

<sup>75</sup> “Em 1988, por ocasião da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, foi instituído no país o Sistema Único de Saúde (SUS), que passou a oferecer a todo cidadão brasileiro acesso integral, universal e gratuito a serviços de saúde”. Disponível em: <<https://pensesus.fiocruz.br/sus>>.

etc.). essa linguagem familiar, repleta de grosserias blasfematórias, juramentos e diversas formas de obscenidades “no ambiente do carnaval, adquiriram um valor cômico e tornaram-se ambivalentes. (...) e converteram, por assim dizer, nas centelhas da chama única do carnaval, convocada para renovar o mundo” (BAKHTIN, 2013:15).

O uso das expressões relacionadas ao baixo corporal com o objetivo de insultar e de exprimir a indignação em relação ao poder estabelecido – sejam esse poder representado por autoridades ou leis como nos cartazes nesta sessão destacados – evidencia outro aspecto da carnavalização presente nas manifestações, que, por sua vez, são movimentos de renovação como era o carnaval. O tom cômico da cosmovisão carnavalesca faz, assim como no Carnaval, das ruas, do lugar público, o território como forma de resistência.

No cartaz espanhol, imagem 48, o insulto não vai dirigido a um político em especial, como no caso dos cartazes brasileiro e argentino, mas aos políticos do PP, a quem era diretamente dirigida à manifestação espanhola realizada no dia 18 de julho.



**Imagem 48:** [<https://dsnfk2.wordpress.com/page/3/#jp-carousel-724>]  
**Cartaz usado na manifestação do dia 18 de junho, Espanha**

Podemos dividir o enunciado presente no cartaz do manifestante espanhol em duas partes. Na primeira temos “Nos habéis tocado los cojones”, que faz uso da expressão coloquial “Tocar los cojones” que tem um sentido vulgar por utilizar a palavra “cojones” que significa “colhões”, “sacos”. Em uma tradução coloquial, mas que não nos soa vulgar, “tocar los cojones” seria “encher o saco”<sup>76</sup>, “encher a

<sup>76</sup> <http://www.wordreference.com/espt/cojones>

paciência”. O enunciado “Nos hábeis tocado los cojones” tem como interlocutor direto os políticos do PP, acusados de corrupção é que eram o alvo dos protestos. Destacamos que assim como a expressão é bastante coloquial com o uso de termos chulos como “cojones”, o tratamento utilizado para falar com o interlocutor também é informal com o uso do verbo em segunda pessoa do plural (“vosotros”), que na Espanha é um registro de trato informal.

A segunda parte do enunciado “por encima de vuestras posibilidades” indica que os “vosotros”/“vocês”, os políticos do PP, passaram dos limites, foram longe demais.

Podemos perceber no discurso do manifestante uma atitude crítica e desprovida de medo, como também podemos identificar o mesmo no carnaval. A partir dos estudos de Bakhtin (2013: 239) concebemos que “o carnaval (...) permitia lançar um olhar novo sobre o mundo, um olhar destituído de medo, de piedade, perfeitamente crítico, mas ao mesmo tempo positivo e não niilista, pois descobria o princípio material e generoso do mundo, o devir e a mudança (...)”.

#### **4.1.8 Carnavalização, fantasias e alegorias**

A alegoria é “metáfora continuada que diz *b* para significar *a*, baseando-se numa relação de semelhança entre *b* e *a*” (HANSEN, 1986:110). Ou seja, ela é mimética, está na ordem da representação e funciona por semelhança.

Hansen (idem) estabelece subdivisões retóricas da alegoria com base no critério de clareza da relação sentido figurado/sentido próprio. São elas: Alegoria Perfeita, Alegoria Imperfeita e Incoerência.

A Alegoria Perfeita ou *Total Allegoria* ou Enigma é totalmente fechada em si mesma, não apresenta nenhuma marca lexical do sentido próprio, o que gera o efeito de recepção chamado “obscuritas” (obscuridade, hermetismo). A retórica tradicional a classifica como enigma.

A Alegoria Imperfeita ou *Permixa Apertis Allegoria* mistura o sentido próprio com o figurado, o que proporciona mais clareza ao enunciado, deixando-o mais didático. Formas típicas da Alegoria Imperfeita são a parábola, como as do Novo Testamento, a fábula e o apólogo. Hansen esclarece que o atributo “imperfeita” não indica mau funcionamento, mas o grau de abertura da significação em comparação com as outras subdivisões definidas pelo autor.

A Incoerência ou *Mala Affectatio* ou *Inconsequentia Rerum* é aquela alegoria na qual há uma mescla de metáforas, pertencentes a campos semânticos distintos e que não se ordenam em um campo único de significações. A *mala affectatio* é, segundo Hansen, incongruência.

O termo alegoria, no âmbito do Carnaval, está relacionado aos desfiles de escolas de samba e designa qualquer elemento cenográfico sobre rodas marcando o desenvolvimento da escola de samba na passagem pela avenida.

As alegorias são feitas para serem vividas, apreciadas e consumidas no ato mesmo de sua apresentação festiva; existem para a fruição daquilo que fazem acontecer de modo eficaz. São enormes objetos que operam como verdadeiras entidades em seus contextos rituais, deslocando o sentido e os limites do humano em direções inesperadas” (CAVALCANTI, 2011:233).

Na estruturação de um desfile de escola de samba, tudo começa com um tema que é desenvolvido como enredo. O enredo, então, se desdobra em fantasias, adereços, samba-enredo e alegorias.

(...) nesse contexto narrativo, as alegorias desempenham papel muito especial. Sua função básica, carnavalizadora e fundamental é a de subverter qualquer suposta linearidade trazida pela ideia de “enredo” e, mais do que isso, subverter, de certo modo, a própria linearidade temporal e espacial da passagem de uma escola pela passarela. (Idem, 2006: 20)

O desfile é organizado em alas posicionadas entre os carros alegóricos. Nas alas, grupos com fantasias e/ou adereços fazem alusão ao enredo. Os adereços são os cenários que aparecem no chão e os objetos nas cabeças e mãos dos foliões da escola e na avaliação para determinar a escola campeã, estão no mesmo quesito das alegorias. Para Cavalcanti (2006: 24), a alegoria do Carnaval “guarda fortes relações com a forma alegórica de expressão, tal como discutida na teoria literária e da arte. As alegorias dizem uma coisa, significam muitas, num jogo livre de alusões”.

Segundo Peter Burke (2010), os carros alegóricos com pessoas fantasiadas provavelmente estariam presentes já no carnaval da Idade Moderna. O autor acredita que, nesse período, também haveria algum tipo de competição e a apresentação de alguma peça, possivelmente uma farsa.

No contexto da Idade Média, Bakhtin (2015:139) define o carnaval como uma “forma sincrética de espetáculo de caráter ritual”, sem palco e sem “divisão entre atores e espectadores” onde o individual faz-se coletivo ao travestir-se por meio de fantasias e máscaras. “Nesse todo, o corpo individual cessa, até certo ponto, de ser ele mesmo:

pode-se, por assim dizer, trocar mutuamente de corpo, renovar-se (por meio das fantasias e máscaras). Ao mesmo tempo, o povo sente a sua unidade e sua comunidade concretas, sensíveis, materiais e corporais” (Idem, 2013: 222).

O carnaval da cultura popular também apresentava-se com elementos da representação teatral (como máscaras e fantasias), mas não era uma encenação artística teatral, era “uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval” (BAKHTIN, 2013: 6/7). Nos festejos carnavalescos, obras cômicas eram representadas nas praças públicas, ritos e procissões eram celebrados levando multidões às ruas das cidades.

Na carnavalesco, a fantasia era “a renovação das vestimentas e da personagem social (...) em oposição a todas as pretensões de imutabilidade e atemporalidade do regime hierárquico medieval” (Idem: 70). Nas manifestações, as fantasias, alegorias e adereços externam as demandas e críticas dos manifestantes.

As imagens em sequência mostram manifestantes fantasiados com adereços em teatralizações e/ou alegorias com o objetivo de expressarem as suas demandas.



**Imagem 49:** [<https://reflexionesalalontananza.wordpress.com/2013/07/18/los-chorizos-a-la-barbacoa-el-18j-en-imagenes/>]

**Cartaz usado na manifestação do dia 18 de julho, Madri, Espanha.**

Na imagem 49, temos como destaque o enunciado “Chorizo’s Marca España”. Originária do conceito “Marca país<sup>77</sup>”, criado em 1996 por Simon Anholt, “Marca España<sup>78</sup>” é uma política de Estado que visa melhorar a imagem da Espanha tanto dentro do próprio país, como no exterior.

A palavra “chorizo” pode significar linguiça, como a imagem expressa em sua visualidade, pois lembra a forma do “chorizo” ou, entre outras acepções que se adéquam ao enunciado do cartaz, ladrão. É exatamente a polissemia da palavra “chorizo” que faz do cartaz uma crítica jocosa.

O apóstrofo (’s), utilizado em língua inglesa, serve para indicar, considerando-se os recursos gramaticais do inglês, posse ou característica de algo ou alguém. Ao utilizar tal recurso, o manifestante enfatiza que os ladrões são a “marca” do país. E a sigla do PP e o símbolo do partido (uma gaivota) impressos na linguiça identificam os ladrões que o cartaz quer denunciar. Recordando as condições de produção do enunciado, o cartaz foi elaborado para uma manifestação que pedia a demissão de presidente do Governo espanhol Mariano Rajoy e criticava o partido de Rajoy por corrupção. O humor é usado, portanto, como forma de criticar os políticos do PP que estavam no centro do poder em 2013.

No âmbito imagético, destacamos um selo de qualidade (do lado direito do cartaz) que certifica a “qualidade” dos ladrões que são “Marca España”. E uma imagem (da linguiça) que difere do sentido verbal que o vocábulo expressa no enunciado. Interessante é apontar aqui o alcance da textualidade do não verbal: há toda uma remissão a vários e diferentes fatos recorrendo-se à extensão significativa do não verbal, aliado a um pequeno texto. Essa dupla materialidade representada num adereço, no caso o cartaz, ilustra o funcionamento da alegoria em grande alcance: uma forma “ornada” de se denunciar.

O “chorizo” está presente também no adereço do manifestante espanhol que alegoricamente expressa sua crítica na imagem a seguir:

---

<sup>77</sup> É processo pelo qual um país busca criar uma identidade única e competitiva de si mesmo com o objetivo de posicionar o país internamente ou internacionalmente, como um destino bom para turismo, negócios e investimentos. (LINHARES & SOARES, 2012)

<sup>78</sup> <http://marcaespana.es/que-es-marca-esp%C3%B1a>



**Imagem 50:** [<http://www.uninstantedeluz.com/no-hay-pan-para-tanto-chorizo/>]  
**Adereço usado na manifestação do dia 18 de julho, Madri, Espanha.**

A imagem 50 mostra um manifestante circulando pela manifestação do dia 18 de julho na Espanha com uma bandeja de espetinhos de pão com linguiça. A composição dos petiscos, alegoricamente, faz alusão à expressão “no hay pan para tanto chorizo”<sup>79</sup>, que pode ser entendida como “não há dinheiro na Espanha, para tanto ladrão (“chorizo”)”. Recordando que esse protesto foi realizado diante das sedes do Partido Popular (PP) em mobilizações contra a corrupção.

No topo do palito que prende a linguiça e o pão, pode-se ver a imagem dos rostos dos dirigentes do PP implicados em casos de corrupção. Os espetinhos agregam pão, chorizo e as fotos dos políticos, por isso mesmo nomeiam os políticos de ladrão, que enquanto se “enchem de chorizo”, roubam pão da população.

A bandeja levada pelo manifestante nos remete à comida e ao banquete do carnaval, que tem o tom alegre e triunfal da abundância e da universalidade. É como explica Bakhtin (2013:246), “(...) as imagens de banquete guardam sempre sua importância maior, seu universalismo, sua ligação essencial com a vida, a morte, a luta, a vitória, o triunfo, o renascimento”.

Na concepção carnavalesca, há um “encontro alegre, triunfal, com o mundo enquanto come e bebe o homem vencedor, que engole o mundo e não é engolido por ele, (...). O homem sentia o gosto do mundo vencido.” (BAKHTIN, 2013:249). Interessante comparar com o ocorrido no desenrolar do protesto, no qual os

---

<sup>79</sup> <https://palabraspormadrid.blogspot.com.br/2013/03/no-hay-pan-para-tanto-chorizo.html>

manifestantes degustaram o petisco oferecido na bandeja, como podemos ver na imagem abaixo:



**Imagem 51:** [<http://www.uninstantedeluz.com/no-hay-pan-para-tanto-chorizo/>]  
**Banquete na manifestação do dia 18 de julho, Madri, Espanha.**

Na manifestação, podemos entender a bandeja com os petiscos dos políticos do PP como uma expressão alegórica da vitória sobre a corrupção política. Como afirma Bakhtin (idem:250), “o triunfo do banquete toma a forma de antecipação de um futuro melhor”. Um futuro sem corruptos.



**Imagem 52:** [<http://www.lanacion.com.ar/1608804-cacerolazo-8a>]  
**Alegoria e fantasias usadas na manifestação do dia 8 de agosto, Buenos Aires, Argentina.**

A imagem 52 mostra dois manifestantes fantasiados de presidiários e usando máscaras que representam a presidente da Argentina na época (2013), Cristina Kirchner e seu marido Néstor Kirchner, falecido em outubro de 2010. Néstor foi presidente da Argentina de 2003 a 2007 e durante seu governo foi alvo de denúncias de

enriquecimento ilícito<sup>80</sup>. Cristina, eleita para substituir o marido na presidência, governou o país em dois mandatos de 2007 a 2015. Atualmente, ela está sendo investigada por suposta lavagem de dinheiro, enriquecimento ilícito e falsificação de documentos públicos<sup>81</sup>.

Na imagem, vemos uma prisão cenográfica, na qual dois manifestantes com as máscaras supracitadas representam o casal Kirchner preso. As máscaras nos permitem identificar Néstor e Cristina, mas os trajes de presidiário e a cela são fundamentais para explicitar o discurso de protesto, em forma de alegoria.

A carnavalização do protesto é explicitada através do uso de máscaras e também de fantasias. Ao pensar nos elementos carnavalescos da Idade Média e também da contemporaneidade, podemos comparar o elemento cênico da prisão utilizado na manifestação com os carros alegóricos dos desfiles de carnaval. Há uma teatralização da demanda do manifestante, que expressa através do não verbal o seu protesto.

Ricci (2010: 9) declara que “uma festa carnalizada é uma transgressão autorizada, que rebaixa as autoridades, banaliza o poder instituído, cria novas identidades”. Podemos perceber essas características presentes também na manifestação (imagem 49) onde novas identidades foram assumidas pelos manifestantes, através das máscaras, com o objetivo de mostrar o que pensam sobre os últimos presidentes do seu país. Há uma transgressão que é permitida em um protesto. É aceitável, é esperado que autoridades sejam questionadas e que, em inúmeros contextos sejam depreciadas, sejam destronadas, como acontece na imagem quando os Kirchner são acusados de atividades ilícitas (o não dito/polifonia) e, por isso, estão na prisão (o dito/policromia).

O próximo cartaz argentino a ser discutido, imagem 53, também coloca a presidente atrás das grades.

---

<sup>80</sup> <https://www.eluniverso.com/2008/11/14/0001/14/CAA1302A467A46BD857852A2B5A885C8.html>

<sup>81</sup> <http://www.eldiaonline.com/bonadio-investigara-cristina-otra-causa-lavado-dinero/>



**Imagem 53:** [<http://elcomercio.pe/mundo/actualidad/fotos-multitudinaria-protesta-contra-gobierno-cristina-fernandez-argentina-noticia-1565659>]  
**Adereço usado na manifestação do dia 18 de abril, Buenos Aires, Argentina.**

O cartaz presente na imagem 53 faz uma crítica à presidente Cristina Kirchner de maneira zombeteira. A imagem acusa a presidente de corrupção (vide a imagem da presidente com sacos de dinheiro) e pede a sua prisão, chamando-a pejorativamente de “abogada exitosa”, ou seja, “advogada de sucesso”. Esse termo foi usado pela própria Kirchner ao responder perguntas de alunos na Universidade de Harvard<sup>82</sup>, na qual declarou ter sido uma advogada de sucesso e ser uma presidente de sucesso como forma de justificar o crescimento do seu patrimônio.

As aspas presentes na palavra “abogada” são uma marca de heterogeneidade mostrada, que é definida por Authier-Revuz (1990: 32) como presença identificável do outro no discurso. As aspas, enquanto marcas de heterogeneidade, podem ter a função de recortar as falas de um relato (discurso direto), ou estabelecer que um termo esteja sendo usado em sentido figurado ou irônico. No segundo caso, há a necessidade de que o leitor tenha conhecimentos específicos para conseguir identificar o sentido pretendido pelo autor.

No cartaz destacado, as aspas, além de reproduzir a fala da presidente, têm a função de ironizar esta fala, colocando em xeque a explicação de Kirchner para justificar o aumento dos seus bens. O não verbal corrobora o verbal, a imagem da presidente na cadeia e carregando um saco de dinheiro ratifica o verbal, põe em dúvida, ou até mesmo denuncia o sucesso (?) da carreira de advogada da governante com o uso das aspas.

---

<sup>82</sup>[https://www.clarin.com/politica/cristina\\_kirchner-patrimonio\\_0\\_H1ON12PQI.html](https://www.clarin.com/politica/cristina_kirchner-patrimonio_0_H1ON12PQI.html)

Para significar o enunciado do cartaz é fundamental que haja um conhecimento da sabatina a que foi submetida Kirchner, na Universidade de Harvard e da resposta dada acerca do seu patrimônio para que se possa reconstruir o sentido do enunciado do cartaz. Como enfatiza Orlandi (2010[1999]: 66), “a memória é condição do dizível”, sem a memória o sentido não pode ser lido, não pode ser interpretado.

Outra forma alegórica de se manifestar vem a seguir, na imagem 54, com um manifestante fantasiado e carregando como adereço um cartaz.



**Imagem 54:** [<http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb/>]  
Adereço usada na manifestação do dia 20 de junho, Brasil.

No cartaz podemos ler “Estão roubando o doce das nossas crianças”, que nos remete à expressão “Tão fácil como tirar doce de criança”, que pode nos remeter à facilidade de tirar algo de alguém. O cartaz tem a forma de um pirulito, com a palavra “imposto<sup>83</sup>” em destaque.

A fantasia de bebê usada pelo manifestante coloca-o no lugar das crianças de quem o doce está sendo roubado. A fantasia coloca o manifestante no lugar do cidadão que, indefeso e frágil como um bebê, vê parte do seu lucro e/ou do seu salário ser levado pelos impostos cobrados pelo Governo.

O cartaz está dividido em duas partes: um pouco mais da metade está pintado de preto e é onde estão os dizeres que relacionam o imposto cobrado pelo governo à

<sup>83</sup> “Quantia em dinheiro paga para o Estado brasileiro e aos estados e municípios por pessoas físicas e jurídicas. É um tributo que serve para custear parte das despesas de administração e dos investimentos do governo em obras de infraestrutura (estradas, portos, aeroportos, etc.) e serviços essenciais à população, como saúde, segurança e educação”. <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2010/01/o-que-sao-os-impostos>

facilidade com que se impõem e se oneram os impostos. Tem-se aí um jogo de palavras um tanto complexo, pois não nos parece fácil a interpretação do enunciado “estão roubando doces de nossas crianças” como uma paráfrase do dito popular “fácil como roubar doce de criança”. Estamos, porém, diante de um tipo de paráfrase sintática, cujo sentido só se institui, como argumenta Pêcheux (2011), no âmbito da discursividade. Trata-se, na verdade, de um tipo de paráfrase sintática que se constrói com um reagrupamento a partir de estruturas sintáticas fixas e com diferença lexical máxima: “estão roubando doces de nossas crianças” resultante de um deslizamento de “fácil como roubar doce de criança”. Sobre este tipo de paráfrase, o próprio Pêcheux indaga em qual nível de variação lexical pode-se dizer que duas sequências tem o mesmo sentido ou não. Somente no âmbito da discursividade, rejeita-se a dicotomia parecido/não parecido, quando é possível se descartar a “lógica do sentido”. No âmbito da discursividade, é onde o interdiscurso atravessa os dizeres, instituindo toda uma memória discursiva, e destituindo o processo de construção de sentido alheio à pretendida lógica na e pela sintaxe<sup>84</sup>.

Na imagem, também podemos ver ainda uma pintura no rosto do manifestante que evoca a memória de manifestações anteriores. A pintura na face nos remete aos anos de 1992, quando os estudantes, em sua maioria, foram às ruas do país para pedir a saída do então presidente Fernando Collor de Melo e ficaram conhecidos como os “caras pintadas” por pintarem listras verdes e amarelas no rosto (imagem 55).

A presença das cores verde e amarela no rosto dos manifestantes em 1992 e em 2013 pode ser entendida como representação de brasilidade, numa demonstração explícita da identidade nacional do manifestante. O tema da identidade nacional é discutido na seção subsequente.

---

<sup>84</sup> Pêcheux (2011) advoga ser a sintaxe o algoritmo do discurso, e elege o modelo proposto por Chomsky (1965: *Aspects of the Theory of Syntax*), base deste algoritmo. A estrutura sintática da análise chomskiana da frase aparece, de fato, como a base dos efeitos paradigmáticos, condicionando a estabilidade da forma lógica subjacente. Mas, em face de essa estabilidade paradigmática a produção discursiva se dá, simultaneamente, numa projeção sintagmaticamente horizontal (oposta ao paradigma arbóreo), **como deriva** (efeito metafórico), deixando traços na intradiscursividade da sequência textual. [Apud: Souza (2013)]



Imagem 55: [[https://istoe.com.br/436887\\_COLLOR+X+DILMA/](https://istoe.com.br/436887_COLLOR+X+DILMA/)]  
Manifestação pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor, setembro de 1992, Brasil.

#### 4.2 Manifestações e símbolos cívicos

A bandeira é o principal símbolo de um país, marco de uma identidade própria ao ser deflagrada como gesto libertário. Os símbolos nacionais – sejam oficiais, arquitetônico, literários – são marcas de identificação de uma nacionalidade, são marcas que identificam o indivíduo como pertencente a uma nação. Por isso mesmo, o uso deste símbolo significa um gesto de respeito e amor à pátria.

Estabelecer a definição de nacionalidade é tão complicado quanto conceituar nação. Segundo Reis (2004: 149), “não existem critérios “lógicos” ou “naturais” para decidir sobre a composição da nacionalidade. De um modo geral, há duas tradições para estabelecer tais critérios – uma baseada no contrato político, outra, na cultura”.

Para Hall (2006), nação não é apenas uma entidade política, é um sistema de representação cultural. “As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (idem: 49). O autor explica que a cultura nacional na qual o sujeito nasce se constitui em uma das principais fontes de identidade cultural.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (Idem:51)

As identidades nacionais são, para Hall, uma dimensão das identidades culturais e se constituem por “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso

‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Idem:8).

Atrelado ao conceito de identidade nacional, temos às noções de nacionalismo e patriotismo. O primeiro refere-se ao reconhecimento de um grupo como uma nação que considera o estado como indispensável para o funcionamento político, social, cultural e econômico da população. Já o patriotismo é

definido como la adhesión de los miembros a sus grupos y al país en el que residen, se puede encontrar en cualquier grupo etnográfico que viva en un espacio geográfico determinado. Esta adhesión, que se asocia con una valoración y afecto positivo, se expresa a través de creencias que poseen contenidos de pertenencia, amor, lealtad, orgullo y asistencia al grupo y la tierra (Bar-Tal, 1995:41)<sup>85</sup>.

Como símbolo representativo de uma identidade nacional, a bandeira funciona como uma sinédoque visual, quando se vê a bandeira, se vê “o conjunto de pessoas da unidade política nacional que ela representa. Sendo ela um símbolo geralmente muito abstrato, esta associação automática bandeira-nação é afinal um constructo cultural e histórico” (TORRES, 2008:138).

Nas manifestações sociais de rua, as bandeiras de partidos e sindicatos sempre estiveram presentes, entretanto, nas mobilizações atuais, é comum encontrar manifestantes utilizando esse símbolo cívico. Nesta seção, nosso objetivo é discutir como a bandeira, símbolo nacional, é empregada pelos manifestantes, sendo ressignificada como elemento de protesto.

Uma característica dos protestos argentinos é a presença de bandeiras enormes que ocupam quarteirões inteiros e que são levadas pelos manifestantes coletivamente como podemos ver na imagem 56.

---

<sup>85</sup> ‘definido como a adesão dos membros aos grupos e ao país no qual residem, pode-se encontrar qualquer grupo etnográfico que viva num espaço geográfico determinado. Essa adesão, que se associa a valorização e afeto positivo, se expressa através de crenças que têm conteúdos de pertencimento, amor, lealdade, orgulho e assistência ao grupo e a terra’. (tradução nossa)



**Imagem 56:** [<http://fotos.starmedia.com/2013/04/protestas-en-argentina-533100.html>]  
**Bandeira usada na manifestação do dia 18 de abril, Buenos Aires, Argentina.**

Nesse contexto, podemos perceber a textualização do político através da materialidade não verbal em dois gestos de interpretação da bandeira presente na manifestação argentina. No primeiro, ela é utilizada no seu sentido parafrástico como símbolo nacional exclusivamente imagético, ao identificar uma coletividade, surge como símbolo de união entre os manifestantes e permite a fusão: manifestação, manifestantes e nação. O sentimento de pertencimento a um grupo, o sentimento de identidade comum, o sentimento de ser argentino são as emoções que mobilizam o manifestante ao protestar tendo como artefato uma bandeira coletiva.

Ao analisar, ainda, a bandeira da imagem 56, podemos identificar um segundo gesto de interpretação. A bandeira argentina presente na manifestação não é somente evocação de um sentimento de identidade nacional coletiva. Ela é também elemento de protesto ao apresentar uma fita preta no lugar do Sol de Maio<sup>86</sup>, emblema nacional.

A fita preta, imagem 57, é representativa do luto, mas nas condições de produção da manifestação social temos uma resignificação do símbolo. Por efeito metafórico, temos um deslizamento de sentido permitindo a leitura da fita não como um símbolo de luto, mas como um elemento representativo da rejeição dos manifestantes às reformas do Judiciário, propostas pela presidente Kirchner<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> Até 1985, a bandeira civil argentina era composta apenas pelas três listras horizontais sem o Sol de Maio.

<sup>87</sup> <https://www.nacion.com/el-mundo/multitudinarias-protestas-en-argentina-para-mantener-independencia-judicial/QRUZY2SGNRHYJDNV4FYJPJTJPE/story/>



**Imagem 57:** [<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-luto/>]  
**Fita preta símbolo de luto**

A bandeira também é um elemento identitário das escolas de samba do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. O estandarte, que ostenta as cores da escola, é levada durante o desfile pela porta-bandeira que, ao lado do mestre-sala, conduz a bandeira pelo Sambódromo da Marquês de Sapucaí.

Recorrendo ao conceito de policromia, que “recobre o trabalho de interpretação de uma imagem por remissão a outra imagem” (SOUZA, 2001c:17) - a enorme bandeira argentina levada pelos manifestantes no protesto do dia 18 de abril nos remete à bandeira apresentada pela escola de samba Vila Isabel, no ano de 2000, com o samba-enredo “Academia Indígena de Letras - Eu sou índio, eu também sou imortal” (imagem 58).



**Imagem 58:** [[http://www.apoteose.com/siteantigo/fotos\\_2000/vilaisabel2.htm](http://www.apoteose.com/siteantigo/fotos_2000/vilaisabel2.htm)]  
**Última ala do desfile da escola de samba Vila Isabel no ano de 2000.**

A bandeira representava a última ala do desfile e era formada por um único tecido unindo 466 foliões que, coletivamente, sustentavam a bandeira pelo Sambódromo.

Ao recortar as paráfrases visuais que compõem as duas imagens, temos em ambos momentos, carnaval e manifestação, a exteriorização do sentimento de identidade nacional que se nutre do coletivo, mas, na manifestação, conforme citado, temos um deslizamento de sentido e o símbolo de identidade nacional, transforma-se em símbolo de crítica ao governo.

Na imagem 59 a seguir, também podemos perceber uma fusão entre o(s) manifestante(s) brasileiro(s) e a bandeira nacional.



**Imagem 59:** [<https://oglobo.globo.com/brasil/bandeira-do-brasil-tem-aumento-de-vendas-ganha-status-de-icone-pop-9027619>]

**Bandeira usada na manifestação do dia 13 de junho, Rio de Janeiro, Brasil.**

Era final do ato de protesto que reuniu 300 mil manifestantes e deixou cerca de 62 feridos<sup>88</sup> no Centro do Rio, quando quatro manifestantes se posicionaram diante de um corredor de policiais. Enrolados na bandeira nacional, os jovens ressignificaram o símbolo nacional ao utilizá-la como capa e escudo de proteção. Em termos discursivos, o gesto de os manifestantes se vestirem com a bandeira nacional tem uma força simbólica ainda maior dadas as condições de produção: ao serem os manifestantes agredidos, feridos pela força policial, pode-se, por relação metonímica, afirmar que é a nação que se agride: fere-se o manifestante, agride-se o maior símbolo do país – a bandeira nacional.

Para entender o uso da bandeira no final da manifestação do dia 13 de junho, deve-se resgatar as condições de produção das manifestações de junho no Brasil que

---

<sup>88</sup> Segundo informações do jornal *on line* O Globo. Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/bandeira-do-brasil-tem-aumento-de-vendas-ganha-status-de-icone-pop-9027619>

foram duramente reprimidas pela polícia. A bandeira, então, tornou-se instrumento para tentar conter a violência policial apelando para um sentimento de nação e de identidade nacional. Como podemos ver nos cartazes abaixo:



**Imagem 60**  
Cartazes dirigidos aos policiais nas manifestações de junho de 2013 no Brasil.

O uso da bandeira nacional como sendo o traje adequado para ser usado nas marchas que ocuparam as ruas brasileiras em 2013 pode ter sido reflexo da divulgação nas redes sociais da Lei 898, de 29 de setembro de 1969. Segundo as informações de usuários do *Facebook*, a bandeira brasileira deveria ser usada como manto nas manifestações, pois agredir uma pessoa com a bandeira sobre o corpo seria um ato contra a Bandeira Nacional e, conseqüentemente, um crime<sup>89</sup>.

O sentimento de identidade coletiva que perpassa o principal símbolo cívico do país está presente no ato protagonizado pelos manifestantes. Essa ideia de coletividade está presente na imagem 59, quando juntos e utilizando a bandeira nacional, os manifestantes apresentam-se perante os policiais.

Pensando no carnaval, teríamos, neste caso, a bandeira como fantasia que transforma o sujeito-manifestante em herói da pátria ao atuar contra a violência policial.

---

<sup>89</sup> A supracitada lei foi revogada na Constituição de 1988.

Na imagem a seguir, há uma ressignificação do uso da bandeira nacional espanhola:



**Imagem 61:** [<https://twitter.com/search?q=%23QueSeVayanEllos7A>]  
**Bandeira usada na manifestação do dia 7 de abril, Dinamarca.**

Ao ser presa no chão por um grupo de espanhóis que tiveram que emigrar para a Dinamarca por não conseguirem uma colocação no mercado de trabalho, a bandeira foi ressignificada ao apresentar a junção do verbal e não verbal transformou-se em um cartaz de protesto e não mais um símbolo de expressão de patriotismo.

“Que desahucien al rey” que significa ‘Que despejem o rei’ faz alusão ao grande número de ordens de despejos ocorridos no país após o fim da bolha imobiliária e que resultou numa média de 115 despejos por dia somente no ano de 2012, segundo estudo do “Colegio de Registradores de España”.

O enunciado redigido na bandeira nacional nos permite identificar algumas demandas do manifestante. Inicialmente, teríamos uma reprovação ao despejo de milhões de espanhóis e, conseqüentemente, o repúdio às instituições bancárias responsáveis por tais ações. Alinhado a esses posicionamentos, podemos observar também uma rejeição à Família Real na solicitação de despejo do rei e a Monarquia.

Como se pode ver, é recorrente nas manifestações o uso das bandeiras que representam o país. Há vários aspectos aí que podem ser discutidos em termos discursivos. Mais do que um gesto de pertencimento por parte dos manifestantes, tem-se um gesto cívico sustentado pelo desejo de retomada do país. Os governantes parecem – dado o grau de autoridade máxima que lhes é concedido – fazer do país propriedade deles. Em conflito com essas posturas, os manifestantes no Brasil, em 1992, usam dois traços em verde e amarelo de cada lado do rosto, em manifestações contrárias ao gesto do então presente Fernando Collor, que se apropria das cores da bandeira, colorindo em verde e amarelo as duas letras ‘l’ de seu sobrenome.



**Figura 62:** [<http://diarioarapiraca.com.br/post/eduardo-cardeal/revivendo-a-campanha-de-1989-adesivos-de-collor-ja-estao-sendo-utilizados-/21/38797>]

**Logotipo da campanha a presidente da República de Fernando Collor em 1989.**

Esse gesto vem a se repetir em 2013, denunciando os desmandos e as imposições arbitrárias de vários governantes, que governam o país ignorando que existe um povo, conjunto de cidadãos que, com sua força de trabalho, constroem e sustentam o país.

Nos demais países, tem-se o mesmo gesto que grita a necessidade de retomada.

#### **4.3 Manifestações extra-muros**

Nas manifestações pesquisadas para esta tese, vários foram os cartazes encontrados como os abaixo:



**Imagem 63**

**Cartazes em inglês em manifestações em 2013, Brasil, Espanha.**

Em face de cartazes com enunciados em inglês em manifestações em países que não tem a língua inglesa como língua nacional, destacamos dois pontos de reflexão que estão intrinsecamente relacionados: globalização e protestos de âmbito global.

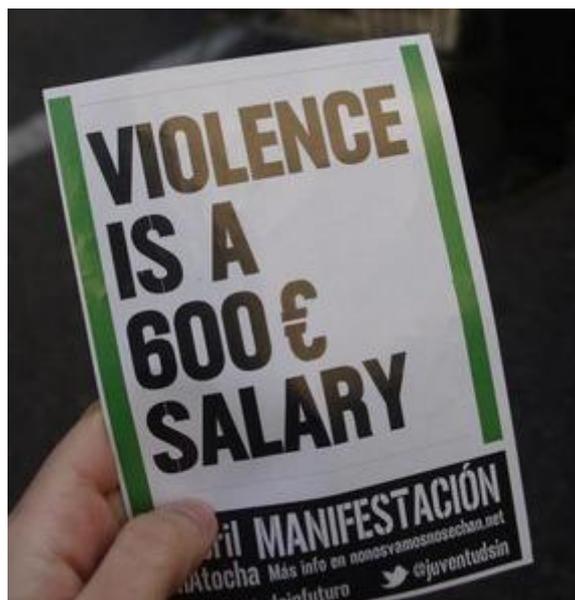
Pensar a língua no cenário da globalização é observar o discurso do multilinguismo, quando temos na verdade um monolinguismo, no qual apenas uma língua tem o status de língua internacional: o inglês. Nesse ambiente global, segundo

Orlandi (2012c), pratica-se um relativismo linguístico e cultural nas relações internacionais, propaga-se a aceitação total e integral de todas as culturas e línguas, quando o que de fato resulta do poder dominante é o monolinguismo da língua inglesa.

Se, com o Estado/Nação as noções que mobilizamos é de língua oficial, língua nacional e cidadania, hoje, na nova forma social, falamos em “usuários”, em múltiplas línguas, em falares, em dialetos, em comunidades etc. Se antes devíamos abandonar o falar local, a língua materna, pela noção de unidade, a nacional, hoje nos fragmentamos em falares locais, dificilmente visíveis, pouco conhecidos (não gramatizados), enquanto do outro lado, paralelamente, flui livremente, sustentado por uma enorme quantidade de instrumentos linguísticos, e com toda a visibilidade e apoio tecnológico a língua franca “universal” da comunicação e do conhecimento: a língua única (nas condições atuais, o inglês). (Idem:15)

Diante do inglês como língua internacional/global, podemos perceber que as manifestações que buscam uma visibilidade fora do território nacional, utilizam tal idioma almejando uma comunicação mais abrangente. Assim, a presença de cartazes em língua inglesa em países que não tem essa língua como nacional dialoga com o observado por Castells (2013), ao afirmar que uma das características das manifestações sociais em rede é o fato de serem simultaneamente locais e globais. Exatamente por estarem conectados e terem a internet como mediadora, essas manifestações atuais reverberam para além das fronteiras nacionais e regionais e se apresentam em uma extensão global.

Estamos diante de reivindicações de conteúdo nacional, que fazem referência à realidade de cada país, de cada localidade, mas que ao mesmo tempo tem um alcance global. Nesse contexto, redigir enunciados em inglês dá mais visibilidade à mobilização e, conseqüentemente, produz maior impacto na esfera pública e mais oportunidades de conquistar as demandas solicitadas no protesto.



**Imagem 64:** [<https://twitter.com/search?q=%23nonosvamosnosechan&src=typd>]  
Folheto presente na manifestação do dia 7 de abril, Madri, Espanha.

O enunciado presente no folheto do protesto, imagem 64, espanhol faz alusão aos baixos salários oferecidos no país e que acabam obrigando a emigração de milhares de jovens em busca de melhores salários. Esse era o tema do protesto “No nos vamos nos echan” (‘Nós não vamos, nos expulsam’) no qual circulou o folheto destacado na imagem 61. Em 2013, o valor de 600 euros era referente ao salário dos bolsistas, que segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística)<sup>90</sup> recebem entre 100 e 600 euros.

O folheto em inglês pode ser justificado pelo fato de a manifestação ter sido realizada em âmbito internacional, através da divulgação nas redes sociais pelo coletivo “Juventud Sin Futuro”, houve convocações em Nova York, Paris, Bruxelas entre outras capitais europeias<sup>91</sup>. O objetivo seria dar mais visibilidade ao movimento, em uma manifestação extra-muros.

De um enunciado exclusivamente em inglês para uma mistura de línguas. A faixa conduzida pelos manifestantes argentinos (imagem 65) mostra um enunciado que reúne um vocábulo em espanhol e outro em inglês. O termo em inglês “stop” (parar) é reforçado pelo não verbal (duas mãos vermelhas), ambos indicando ou pedindo o ponto final, o fim da corrupção, que por sua vez vem redigida em espanhol “corrupción”.

<sup>90</sup> [http://www.huffingtonpost.es/2014/11/14/sueldos-en-espana\\_n\\_6157540.html](http://www.huffingtonpost.es/2014/11/14/sueldos-en-espana_n_6157540.html)

<sup>91</sup> <https://www.20minutos.es/noticia/1779257/0/manifestaciones-7-abril/juventud-sin-futuro/no-nos-vamos-nos-echan/>



**Imagem 65:** [<http://www.starmedia.com/noticias/masiva-protesta-contr-gobierno-argentina-agosto-2013/>]  
**Faixa usada na manifestação do dia 8 de agosto, Argentina.**

Pode-se entender o enunciado verbal em duas línguas como um erro do manifestante que ao redigir a faixa teria trocado a letra “t” de “corruption” em inglês pela letra “c”, que resulta no termo em espanhol “corrupción”. Como a palavra em espanhol apresenta um acento que não foi grafado no enunciado, pode ser um indício de que o manifestante se equivocou e o que de fato ele gostaria é de ter escrito uma faixa para protestar somente em língua inglesa. Ou podemos entender o enunciado como uma mescla proposital mostrando uma identidade linguística compartilhada, pois como afirma Hall (2006: 74):

*Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas"— como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens — entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo.*

A mescla dos dois idiomas no enunciado também nos remete à discussão acerca do multilinguismo citado no início desta seção, pois, como afirma Orlandi, (2012c:6):

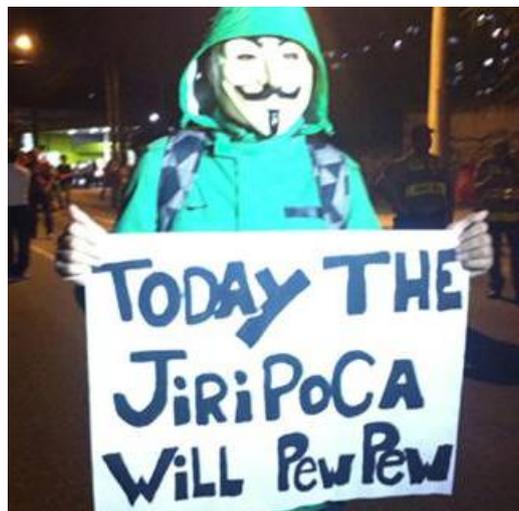
*Não há país que não seja multilíngue. Dito de outro modo: não há país monolíngue. Não há Estado que, embora em sua institucionalidade apresente sua ou suas línguas oficiais, nacionais, não se faça no contato com múltiplas línguas. E a língua não é una, não é uma, não é pura. É feita de falhas, de mudanças, de contatos variados. As línguas mudam, entram em contato entre si, desaparecem, se criam. Estão sempre incompletas, em movimento, assim como as identidades são um movimento na história.*

Retomando a questão do enunciado analisado como se fosse um erro de grafia, podemos pensar, talvez, em uma reação inconsciente ao monolinguismo do inglês imposto pela globalização. A memória que administra a relação sujeito-língua, no caso dos argentinos, está atravessada pelo processo de colonização espanhola com a

imposição da língua do dominador<sup>92</sup>. Dessa maneira, desde a época da independência política, no início do século XIX, houve uma preferência em não relacionar o nome da língua nacional ao nome do país dominador, então, os argentinos preferem dizer que falam castelhano e não espanhol.

No caso do cartaz, escrito apenas em inglês, língua imposta pela globalização, teríamos uma rejeição à dominação do idioma estrangeiro com reflexo na falha da língua. Por esse erro – proposital ou não – o inglês imperialista é silenciado, interditado. Há uma distinção, proposta por Orlandi (1999 [2010a]), entre falha constitutiva e falta por interdição, “que corresponderia, em paralelo, à distinção que faço entre não sentido (que aponta para o sentido que poderá vir, o irrealizado) e o sem sentido (o que já significou e que não faz mais sentido). No caso, a falha é o lugar do possível, do sentido a vir; e a falta, é o que foi tirado do sentido, o que não pode significar. Essas formas se indistinguem e, na maior parte das vezes, não é fácil separá-las. E está aí justamente, do ponto de vista da ideologia, a eficácia de seus efeitos.” (idem: 71). Ou seja, ao mesmo tempo em que o manifestante quer gritar extra-muros – por isso, grita uma língua universal e universalizante – incorre na falha.

No cartaz presente na imagem 66, temos a apropriação do idioma estrangeiro através uma tradução literal para o inglês de uma expressão tipicamente brasileira.



**Imagem 66:** [<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/veja-10-cartazes-divertidos-da-manifestacao-de-terca-18/>] Cartaz usado na manifestação do dia 18 de junho, São Paulo, Brasil.

<sup>92</sup> <https://www.fundeu.es/noticia/sudamerica-prefiere-el-termino-castellano-y-centroamerica-el-de-espanol-1047/>

A “Jiripoca vai piar” (‘Jiripoca will pewpew’) é uma expressão popular tipicamente nacional, que, etimologicamente, é derivada do Tupi e surgiu da junção das palavras *yuru* (boca) e *poka* (arrebentar). Jiripoca é um peixe de água doce característico do Norte e Centro Oeste do Brasil e a palavra indígena traduz o comportamento do animal que costuma nadar na superfície dos rios e emitir um som semelhante ao pio de um pássaro.

A expressão “a jiripoca vai piar”, em português, é utilizada para indicar “quando uma situação vai tomar outro rumo, normalmente mais apreensivo, aguerrido ou acirrado<sup>93</sup>”. Comumente, também se refere ao ato sexual intensivo.

No cartaz, o manifestante fez uma tradução literal (palavra por palavra) de uma expressão tipicamente brasileira, que resulta num enunciado sem clara correspondência de sentido em inglês. Há uma interdição de sentidos. Usa-se o inglês sem significar nada, interdita a língua que se instituiu como universal. O deboche, aqui, por efeito metafórico, ironiza o uso do inglês, como língua global.

A ironia sarcástica do discurso do sujeito-manifestante parece mandar o recado de uma ameaça velada, corroborada pelo uso da máscara do personagem V. A intimidação em tom irônico pode dirigir-se tanto aos políticos como às autoridades policiais. O segundo contexto nos remete às condições de produção das manifestações de junho no Brasil, quando ocorreram inúmeros episódios de confronto entre policiais e manifestantes.

Enquanto gesto discursivo, o uso do inglês – e não de uma língua estrangeira qualquer – imprime às manifestações um alcance de denúncia para além das fronteiras territoriais. São manifestações extra-muros, quando grita uma voz que quer ser universal ao denunciar para fora o que se passa no país e, ao mesmo tempo, denunciar o imperialismo americano, seja do ponto de vista linguístico – fala-se inglês por toda parte do planeta –, seja do ponto de vista político – os Estados Unidos como propagadores da globalização, ditam a política econômica de países pertencentes ou não ao terceiro mundo.

---

<sup>93</sup> <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=A%20jiripoca%20vai%20piar>

## CONCLUSÃO

2013. Argentina. Brasil. Espanha. Três países e um estudo sobre manifestações sociais. Na diversidade/profusão de imagens, de discursos, no meio de tantas vozes, de um sem fim de memórias tivemos como um dos fios condutores a carnavalização para explicitar a constituição desse sujeito-manifestante. Sem comparações diretas, buscamos analisar cada prática discursiva verbal e não verbal como única e coletiva ao mesmo tempo. Nosso foco não eram as diferenças de conteúdo, mas sim a rede de paráfrases que dão tessitura aos movimentos de protestos.

Nosso objeto de estudo foram as manifestações que tiveram lugar em 2013, nos países já mencionados. Buscamos explicitar as formas de discursividade que atravessaram tais manifestações e chegamos ao conceito de máscara, estendida, por efeito metafórico, a todos os artefatos utilizados pelo sujeito-manifestante. O recurso aos inúmeros artefatos – alegóricos, num movimento de carnavalização – cartazes, rostos pintados, nariz de palhaço, máscaras, bandeiras, traduzem gestos languageiros nos quais o sujeito-manifestante significa e se significa.

Deparamo-nos com manifestações sociais sob novas práticas de organização que utilizam as tecnologias da informação (internet e redes sociais) como ferramenta de mobilização para, posteriormente, ocupar as ruas, avenidas e praças das cidades. Sem a participação de partidos políticos ou sindicatos, as mobilizações se apresentam em um movimento que sai do virtual para o real. Mas é no espaço urbano, que o individual torna-se coletivo em protestos sem hierarquias – com organizações horizontais – onde todos são/podem ser organizadores e participantes.

Temos, portanto, um sujeito-manifestante que se caracteriza por ocupar dois espaços de manifestação: o virtual e o real. Em ambiente virtual, temos o sujeito que organiza, mobiliza e divulga e que, mesmo não participando da manifestação em ambiente real, ou seja, nas ruas, pode fazer parte do protesto, ao propagar informações do ato através das suas redes sociais. O espaço urbano, por sua vez, é onde a manifestação de fato se realiza como bem explicita Castells (2013: 212), “se bem que as articulações parecem começar nas redes sociais da internet, se convertem em movimentos ao ocupar o espaço urbano”. É para esse momento que o sujeito-manifestante se prepara, para ocupar as ruas e fazer visível sua demanda. Por isso, é tão importante ver e ser visto. Por isso, tantos artefatos (inclusive os que permitem fazer ruído como as painéis e instrumentos musicais), tantas fotos, tantos *posts* e mensagens

nas redes sociais. Pode-se dizer que há certa espetacularização das manifestações, mas não se pode negar que a visibilidade é importante para uma mobilização, pois representa maior possibilidade de alcance dos objetivos pretendidos.

O conceito de carnavalização, proposto por Bakhtin (2013), permeou as análises deste estudo e nos permitiu identificar características que representam as práticas discursivas dos sujeitos-manifestantes. Neste âmbito, destacamos para reflexão a questão do riso.

Na manifestação, estamos diante do riso ambivalente que expressa uma opinião sobre o mundo, riso subversivo, de contestação e ridicularização do poder estabelecido, exatamente como no Carnaval da cultura popular. Não é um riso que busca apenas entreter, é um riso que exprime o sério, a crítica. É como esclarece Bakhtin (2015:145)

Na forma do riso resolvia-se muito daquilo que era inacessível na forma do sério. (...) O riso carnavalesco também está dirigido contra o supremo; para a mudança dos poderes e verdades, para a mudança da ordem mundial. O riso abrange os dois polos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à própria crise. No ato do riso carnavalesco combinam-se a morte e o renascimento, a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo). É um riso profundamente universal e assentado numa concepção do mundo. É essa a especificidade do riso carnavalesco ambivalente.

O Carnaval é a festa do tempo futuro, das alternâncias e renovações, assim como também a manifestação é o tempo do futuro, da renovação. Manifestar é preparação do tempo futuro, é expectativa de renovação com as mudanças conquistadas a partir da mobilização presente. Quando Bakhtin (idem: 9) afirma que “todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder”, podemos perceber tais características também nos artefatos que simbolizam o sujeito-manifestante. Em cada cartaz, em cada máscara, em cada bandeira pode-se ver representada a esperança de renovação, de mudança, de transformação.

Embora trabalhando com Bakhtin, é válido frisar que o trabalho com a materialidade discursiva das manifestações decorre do dispositivo de análise trazido pela Análise de Discurso. Com Bakhtin, entendemos as manifestações como mais uma das possibilidades de o sujeito subverter e denunciar a ordem imposta por um estado opressor e corrupto, como se viu nos três países. Com a Análise de Discurso, explicitamos a função dos recursos visuais e seus efeitos de sentido: o que assinalamos em todas as manifestações não está no significado das palavras em si, nem na atribuição

de um sentido a cada elemento do não verbal, mas sim nas práticas discursivas recorrentes – o deboche, a ironia, o insulto, o escárnio. Práticas político-ideológicas que dizem o descontentamento com um Estado cheio de vícios.

O outro aspecto discursivo a ser destacado reside, então, em se buscar entender como se constitui a arquitetura visual de todas essas manifestações. Procuramos mostrar o que há de recorrente em toda e qualquer manifestação – os cartazes, com insultos, com denúncias; os artefatos/alegorias; o uso de símbolos nacionais; a ironia em perspectiva polifônica, deixando o não dito significar por si. A partir dessas observações, refletimos como se constitui a discursividade do não verbal e esbarramos no conceito de arquitetura do não verbal, formulado por Souza (2001 e 2013). Entender a arquitetura do não verbal é a possibilidade de se trabalhar com paráfrases visuais, relacionado ao conceito de policromia. O conceito de policromia recorta o que a imagem tem de heterogêneo, revelando uma gama de elementos, que ao possuírem uma correlação entre si projetam na imagem uma identidade passível de inúmeros sentidos. E é isso o que percebemos, quando analisamos as imagens das manifestações em seu todo. Estas não significam pelo conteúdo – seja verbal ou não verbal – que projetam. Não significam pelo que é matéria visível, mas sim pela sua (in)visibilidade:

as imagens não são visíveis, tornam-se visíveis a partir da possibilidade de cada um projetar as imagens possíveis, que, necessariamente, não compõem a estrutura visual do texto não verbal em si, mas que compõem a rede de imagens mostradas, indiciadas, implícitas, metaforizadas ou silenciadas. (SOUZA, 2001: 73).

Entendemos que muito se apresenta para análise neste contexto das manifestações atuais, então, vamos concluir, mas não encerrar. Concluir já pensando em novas discussões, em novos olhares e sabendo que esta foi apenas uma interpretação entre tantas outras possíveis.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luciana Santos Guilhon; PEDRO, Rosa; CARVALHO, Ulisses dos Anjos. **O que podem as máscaras? Visibilidades e vigilância nos movimentos em rede**. Cienc. Cult. vol.68 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2016 disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252016000100015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000100015)>. Acesso em: 15 mai 2017.

ALTHUSSER, L. Resposta a John Lewis. In: **Posições I**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

ANGERMULLER, Johannes. **Análise de discurso pós-estruturalista: as vozes do sujeito na linguagem em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez.,1990.

AVERINTSEV, S. Bajtín, la risa, la cultura cristiana. In: AVERINTSEV, S.; MAKLIN, V.; RYKLIN, M.; BUBNOVA, T. (Ed.). **En torno a la cultura popular de la risa: nuevos fragmentos de M. M. Bakhtin (Adiciones y cambios a Rabelais)**. México: Fundación Cultural Eduardo Cohen, 2000.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2013.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAR-TAL, Daniel. **La monopolizacion del patriotismo**. Psicología Política, Nº 11, 1995, 41-67. Disponível em: <<https://www.uv.es/garzon/psicologia%20politica/N11-3.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRASIL, Luciana Leão. **Deslizamento de sentidos por efeito metafórico: o discurso de uma fotografia**. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 2 - ISSN 1413-2109

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Média**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARNEIRO, H. S.. Rebeliões e ocupações de 2011. In: [HARVEY, D., et al]. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo Editorial, Carta Maior, 1ª ed., p. 7-14, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Alegorias em ação**. Sociologia & Antropologia, v. 1, n. 1, p. 233-249, jul. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v1n1/2238-3875-sant-01-01-0233.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Sobre rituais e performances**: Visualidade, cognição e imagens do tempo em duas festas populares. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 14, vol.21(1), 2010.

\_\_\_\_\_. **As alegorias no carnaval carioca**: visualidade espetacular e narrativa ritual. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 17-27, 2006. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12617>>. Acesso em: 23 out. 2017.

CATROGA, Fernando. **Pátria e Nação**. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/P%C3%83%C2%A1tria-e-Na%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o-Fernando-Catroga.pdf>>. Acesso em 13 set. 2017.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

CONEIN, Bernard. (et al.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

COURTINE, J. J. (1984). Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias**: Revista de estudos do discurso, imagem e som, Rio de Janeiro, v. 01, n. 1, p. 14-35, jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, 2014.

\_\_\_\_\_. **Decifrar o corpo** – Pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O tecido da memória**: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. Polifonia, v. 12, n. 2, p. 1-13, Cuiabá, 2006.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

- CRUZ, Rafael. **Protestar en España 1900-2013**. Madri: Alianza Editorial, 2015.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: Achard, P. et al., **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1997. E-book. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>>. Acesso em abr. 2017.
- DISCINI, Norma. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 53-93.
- DUCROT, Oswald. **O dizer o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FAVRE, Pierre. Manifestar en France aujourd'hui. In: FAVRE, Pierre (Org). **La Manifestation**. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1990.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- FLEURY, Yasmim Alves. **Movimentos em rede: a internet como ferramenta para manifestações sociais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Mídia e Cultura), Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4693/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Yasmim%20Alves%20Fleury%20-%20202015.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. Vem pra rua: sentidos em deslizamento na cena política brasileira. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs.). **Análise de Discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.
- FOUCAULT, Michel. [1969] **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- GADET, Françoise. Prefácio. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- GALVÃO, Felipe dos Santos. **O precariado no brasil contemporâneo: processo de (des)organização política em tempos de crise**. In: VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2015, São Luís - MA. ANAIS DA VII JOINPP, 2015.
- GARCIA, Afrânio da Silva. **Metonímia: amplitude e precisão**, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/32.htm>>. Acesso em: ago de 2017.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça do indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais**. *Cad. CRH* [online]. 2014, vol.27, n.71, pp.431-441. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000200013>.

\_\_\_\_\_. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: *Language*, nº 81, 1986. trad. bras In.: ORLANDI, Eni. (org.) **Gestos de leitura da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Atual, 1986.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: MARICATO, Ermínia (et al.). **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram conta do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

\_\_\_\_\_. Os rebeldes na rua: o partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: [HARVEY, D., et al]. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo Editorial, Carta Maior, 2012. Ebook.versão Kindle

HOBBSBAWN, Eric J. Terceiro capítulo. A Revolução Francesa. In: \_\_\_\_\_. **A era das revoluções: 1789-1848**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1985. Disponível em: <[https://kupdf.com/download/hutcheon-linda-uma-teoria-da-par-oacutedia\\_58cda092dc0d60f85bc3466b\\_pdf](https://kupdf.com/download/hutcheon-linda-uma-teoria-da-par-oacutedia_58cda092dc0d60f85bc3466b_pdf)>. Acesso jul 2017.

LEMONS, André (org.). **Cidade digital: portais, inclusão e redes no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM)**?. Comunicação, mídia e consumo. v. 4, n.10, p. 23-40, 2007a. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/DHMCM.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2016.

MACHADO, Murilo Bansi. **Hacking como expressão do novo ativismo**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Volume 4, nº 2, 2012.

MACHADO, Murilo Bansi. **Entre o controle e o ativismo hacker: a ação política dos Anonymous Brasil**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, supl., dez. 2015, p.1531- 1549. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22s0/0104-5970-hcsm-22-s1-1531.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2016.

MAGALHÃES, Fabiano Rosa de. **As Manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política**. Revista Pensamento Plural. Pelotas-RS. v.12, n.6, p.7-35. 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Apresentação. In: BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006.

MATEOS, Araceli y PENADES, Alberto. **España**: crisis y recortes. *Revista ciencia política. (Santiago)* [online]. 2013, vol.33, n.1 Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-090X2013000100008&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-090X2013000100008&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 02 dez. 2017.

MATTOSO, José (2013). As máscaras. O rosto da vida e da morte. In: **Poderes Invisíveis**. O imaginário medieval. Lisboa, Temas & Debates / Círculo de Leitores, (pp. 31-45). Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3199.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MORÁN María Luz. Viejos y nuevos espacios para la ciudadanía: la manifestación del 15 de febrero de 2003 en Madrid. **Política y Sociedad**. Madrid, v.42, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/11308001/articulos/POSO0505230095A.PDF>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: MARICATO, Ermínia. [et al.]. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. V. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, J. H. Marchas urbanas: das redes sociais ao acontecimento. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (Org.). **Análise de discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

\_\_\_\_\_. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. (orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, SP: Claraluz, 2007. p. 373-380.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Nota introdutória. In: CONEIN, Bernard. (et al.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

\_\_\_\_\_. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

\_\_\_\_\_. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: Carroza, G. et al. **Sujeito, sociedade e sentidos**. Campinas, SP: RG Editora, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Espaços Linguísticos e seus desafios**: convergências e divergências. RUA [online]. 2012c, no. 18. Volume 2. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638282/5904>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Diluição e indistinção de sentidos: uma política da palavra e suas consequências sujeito/historia e individuo/sociedade. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Memória e historia na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011b.

\_\_\_\_\_. **A casa e a rua**: uma relação político-social. Porto Alegre: Educação e Realidade, v. 36, p. 693-703, 2011c.  
<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18491/14348>

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8ª ed. São Paulo: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A contrapelo**: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/antiores/pages/home/lerArtigo.rua?id=91&pagina=3>>. Acesso: 20 out. 2017.

\_\_\_\_\_. [1999] Maio de 68: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista**. Discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas: UNICAMP, 2008a.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**. Campinas: UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Conversa com Eni Orlandi**. In: BARRETO, Raquel. Teias: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006.

\_\_\_\_\_. **N/o limiar da cidade**. In: RUA: Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMPI – NUDECRI. Campinas: SP, número especial, julho 1999.

\_\_\_\_\_. **Paráfrase e polissemia**: a fluidez nos limites do simbólico. Rua, Campinas, 4:9-19, 1998a.

\_\_\_\_\_. O próprio da análise do discurso. In: **Discurso e política**. Escritos nº 3. Campinas: Labeurb, 1998b.

\_\_\_\_\_. **Segmentar ou recortar**. In. Linguística: questões e controvérsias. Uberaba, 1984, p. 9-26.

PAVEAU, Marie-Anne. **En naviguant en écrivant**. Réflexions sur les textualités numériques. Policromias. v.2. nº1. Junho/ 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/12524/8769>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PECHÊUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 4ª ed. Campinas: UNICAMP, 2006.

\_\_\_\_\_. [1983] **O discurso**: estrutura e acontecimento. Campinas, SP: Pontes Editora, 2012.

\_\_\_\_\_; LÉON, J. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva [1982]. In: ORLANDI, E. (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 163-173.

\_\_\_\_\_. [1983] Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 3. ed. Campinas(SP): Editora da UNICAMP, 2010.

\_\_\_\_\_. [1983] Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 2010a.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: Achard, P. et alii, **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. [1977] Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do sociologismo? In: **Discurso e Política**. Escritos 3. Campinas: Labeurb, 1998. p. 5-16.

PERUZZO, Cicília M. Krohling **Movimentos Sociais, Redes Virtuais e Mídia Alternativa no Junho em que “O Gigante Acordou”** (?). São Paulo, Revista Matrizes (ECA-USP), v.7, nº 2, 2013. Disponível em:<<http://148.215.2.10/articulo.oa?id=143029360005>>.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (Org.). **Análise de discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

\_\_\_\_\_. **Por um acesso fecundo ao arquivo**. In: Revista Letras: Corpus: Análise de Dados e Cultura Acadêmica, nº 21, jul./dez., p. 121-125, 2000.

PIMENTEL, T.; SILVEIRA, S. A.. **Cartografia de espaços híbridos**: as manifestações de 13 de junho de 2013. São Paulo, 11 jul. 2013. Disponível em:

<<http://www.cartapotiguar.com.br/2013/07/31/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>>. Acesso em: jul 2017.

POSSENTI, Sírio. **Indícios na escrita popular**. Cadernos de Estudos Linguísticos v.59 n.2 Campinas, pp. 555-563 - set./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8650989>>. Acesso em: out 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <https://www.smartwebservices.com.br/downloads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>

REIS, Rossana Rocha. **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais**. RBCS Vol. 19 n°. 55 junho/2004.

RHEINGOLD, H. **Smart mobs: the next social revolution**. Cambridge: Perseus, 2003.

RICCI, Rudá. A carnavalização da política brasileira. Revista Espaço Acadêmico. Nº106. Março 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9414/5307>. Acesso em: jul 2017.

RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. **Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013**. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

ROCHA, Roselane. O gênero discursivo cartaz de protesto: dialogismo e interação social na voz das ruas. In: Kátia Regina Franco; Luciano Novaes Vidon; Vivian Pinto Riolo [Orgs.]. **II Encontro de Estudos Bakhtinianos**. Vida, cultura, alteridade. EEBA/2013-Caderno 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 257p. Disponível em: < <http://2eeba.files.wordpress.com/2013/09/o-gc3a8nero-discursivo-cartaz-de-protesto.pdf>>. Acesso em 20 abr. 2014.

RODRIGUES, Paulo Gajanigo; FERREIRA, Rogério de Souza. **Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica**. Caderno CRH. 2014, 27 (Setembro-Dezembro). Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347639244009>>. Acesso em 18 de mar. \_

SINGER, André. **Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas**. In: Novos estudos CEBRAP nº 97, São Paulo, Nov. 2013, pp. 23-40. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002013000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003). Acesso em 10 jun. 2016.

SOUZA, T. C. C. de. Discurso e imagem: uma questão política. In.: LENZI, L. H. C. et al. **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2006 (Coleção Cadernos CED, v.9), p. 79-100.

\_\_\_\_\_. **Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil**. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, art. 16, pp. 287-301, Abr./Jun. 2013. Disponível em: <http://www2.fsanet.com.br/revista>.

\_\_\_\_\_. O papel da imagem na constituição da memória. In: SILVA, Telma Domingues; SOUZA, T.C.C.; AGUSTINI, Carmen (org.). **Imagens na comunicação e discurso**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2012.

\_\_\_\_\_. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Ciberlegenda**, nº 06, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Análise do não verbal e os usos da imagem na mídia**. Campinas: 7, RUA, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Cinema**: uma análise de LIMITE. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 4, 2001c. Disponível em:  
<<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/356/236>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Imagem**: perspectivas de análise do não verbal. In: **Ciberlegenda**, nº 01, 1998. Disponível em: <[www.uff.br/mestcii/tania.htm](http://www.uff.br/mestcii/tania.htm)>. Acesso em 15 de agosto de 2013.

\_\_\_\_\_. **Carnaval e memória**: das imagens e dos discursos. **Contracampo**, Niterói: 5, UFF, 2000.

\_\_\_\_\_. **Retratos do Brasil** – O Prêmio Esso e a construção da memória do fotojornalismo brasileiro, Rede Alcar, 2008.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística e Análise do Discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília; Junior, Celso Ferrarezi (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p.123-133.

\_\_\_\_\_. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. In: **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. 1 ed. Campinas: Editora RG, 2011, v.1, p. 387-400.

TORRES, Eduardo Cintra. **Bandeira e multidão, dois símbolos nacionais**. Observatorio (OBS\*) Journal, 2008. Disponível em:  
<<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/168/137>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ZANDWAIS, Ana. Como caracterizar uma nação: entre os domínios históricos e discursivos. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristina. **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; OLIVEIRA, S. E. **Tá certo! Só que não... Argumentação, Enunciação, Interdiscurso**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155, dez. 2016.

#### **Referência a grupos de cartazes**

Cartazes 20 centavos

Disponível em: <<http://marcos-galdino.blogspot.com.br/2013/06/nao-e-apenas-por-20-centavos-sr-arnaldo.html>>. Acesso em 03 set. 2017.

Disponível em: <<https://beinbetter.wordpress.com/2014/10/23/a-incoerencia-dos-brasileiros-nao-sao-por-alguns-votos-e-pela-liberdade/>>. Acesso em 03 set. 2017.  
Disponível em: <<https://www.grupoescolar.com/pesquisa/desobediencia-civil.html>>. Acesso em 03 set. 2017.

#### Cartazes contra a polícia

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/os-cartazes-mais-criativos/>>. Acesso em 04 set. 2017.  
Disponível em: <<http://www.garotasgeeks.com/36-imagens-que-retratam-os-protestos-pelo-brasil/>>. Acesso em 04 set. 2017.  
Disponível em: <<http://www.policialpensador.com/2015/10/ex-oficial-da-pm-sugere-fugir-da-vida.html>>. Acesso em 04 set. 2017.

#### Cartazes em inglês

Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-23/pec-37-ganha-as-ruas-mas-poucos-sabem-o-que-e.html>>. Acesso em 10 nov. 2017.  
Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2013/06/19/forca-nacional-nao-entende-ingles-e-deixa-cartaz-de-protesto-entrar-no-castelao.htm>>. Acesso em 10 nov. 2017.  
Disponível em: <<http://www.elmercuriodigital.net/2013/07/espana-la-ciudadania-se-manifiesta.html>>. Acesso em 10 nov. 2017.